

Universidade
Federal
de Pernambuco



Desenvolvimento em 78 Rotações:
A Indústria Fonográfica Rozenblit
(1953 - 1964)

Antônio Alves Sobrinho

MESTRADO EM HISTÓRIA

4d

Recife - 1993

ANTONIO ALVES SOBRINHO

DESENVOLVIMENTO EM 78 ROTAÇÕES:
A INDÚSTRIA FONOGRÁFICA ROZENBLIT
(1953-1964)

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE
MESTRADO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDA-
DE FEDERAL DE PERNAMBUCO, COMO RE-
QUISITO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM HISTÓRIA.

ORIENTADOR: PROF. DR. ARMANDO SOUTO MAIOR

RECIFE 1993

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL
CIDADE UNIVERSITÁRIA
50.739 - Recife - Pernambuco - Brasil

0030-17/01/94

A

PE-00005878-0

JV.06

Ac - 49754

Ex - 940003000

RESUMO

A produção da cultura de massa no Nordeste e, em particular em Pernambuco, se deu ao início dos anos '50 através do rádio e do disco; neste último caso, destaca-se com um papel relevante a Fábrica de Discos Rozenblit Ltda. Única gravadora fora do eixo centro-sul (RJ/SP), ela atendia pedidos para a gravação e prensagem de discos para todo o Norte/Nordeste, chegando a ter filiais no Rio, São Paulo e Porto Alegre. Nos anos em que existiu (1953-1989), sua produção fonográfica destacou-se pela divulgação de gêneros musicais brasileiros, nordestinos em particular e pernambucanos especialmente.

O presente trabalho limitou-se ao estudo da produção fonográfica em 78 r.p.m (rotações por minutos) entre os anos de 1953 a 1964, anos áureos da Rozenblit; estas gravações revelam o compromisso da gravadora com a política desenvolvimentista nacional dos anos '50 e com o projeto regionalista pernambucano, ideologicamente embasado nos escritos de Gilberto Freyre e vivenciado no Congresso de Salvação do Nordeste (1955) e nas lutas políticas para a formação da SUDENE. Mais do que um simples projeto industrial, a Rozenblit marcou culturalmente toda uma geração de pernambucanos: maestros, arranjadores, músicos, compositores, autores, intérpretes e consumidores que dedicaram parte de suas vidas ao funcionamento deste projeto. O frevo se tornou conhecido nacionalmente graças à Rozenblit; ciranda, maracatu, coco-de-roda não teriam registros fonográficos sem a existência desta indústria cultural em Pernambuco. Daí a importância de se resgatar a memória discográfica do Nordeste e do nosso estado através do estudo da produção fonográfica da Rozenblit.

DEDICATÓRIA

A José Rozenblit, empresário pernambucano que acreditou no Nordeste e, em especial, em Pernambuco, preservando com seu sonho grande parte do acervo cultural em música popular brasileira.

Sem ele o frevo estaria mais pobre; o maracatu, a ciranda, o coco de roda, a quadrilha junina não teriam tantos registros fonográficos. O selo "Mocambo", de sua fábrica de discos, documentou em 78 rpm e, posteriormente, em lp de 12', o som regionalista.

Que este trabalho seja o primeiro passo de sua merecida glória.

Antônio Alves

AGRADECIMENTOS

Ao amigo e orientador, prof. dr. Armando Souto Maior, pelo incentivo ao desenvolvimento deste projeto.

Aos profs. Marc Jay Hoffnagell, pelas sugestões importantes na solução de vários problemas, e Mário Márcio dos Santos pela confiança e pelas palavras de apoio em momentos difíceis.

À profa. dra. Gabriela Martin, Coordenadora do Curso de Mestrado em História da UFPE, pela sinceridade nas críticas e parcimônia nos elogios.

Às funcionárias da Biblioteca do CFCH pela paciência em me atender e ajudar.

À Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, na pessoa de Renato Phaelante, pela ajuda na pesquisa discográfica.

À Hugo Martins, da TV Universitária, aos maestros Guedes Peixoto e Duda; aos cantores Claudionor Germano e Expedito Baracho; a Aldemar Paiva; a Abelardo da Hora, pelas entrevistas indispensáveis.

Ao saudoso e inesquecível Nelson Ferreira que, no seu trabalho como diretor musical da Rozenblit, fazia arranjos musicais para o frevo e transformava este gênero popular em quase-erudito.

A Lêda, minha esposa. A Daniel, Clara e Léa, meus filhos, pelo sacrifícios de suas horas de lazer para que eu escrevesse esta Dissertação.

SUMÁRIO

	pág.
Dedicatória	I
Agradecimento	II
Sumário	III
Introdução	IV
Parte 1: O discurso desenvolvimentista e o desenvolvimento	1
Capítulo I: O discurso desenvolvimentista nacional	2
II: O desenvolvimento industrial do Brasil	12
III: O desenvolvimento industrial do Nordeste	20
IV: O desenvolvimento industrial em Pernambuco e em Recife	27
Parte 2: Regionalismo e pernambucanidade	34
Capítulo I: Os conceitos de regionalismo e de pernambucanidade.	35
II: Formação do discurso regionalista	39
Parte 3: A indústria fonográfica no Brasil e a Rozenblit	44
Capítulo I: Origens e crescimento da indústria fonográfica no Brasil	45
II: Origens e crescimento da indústria fonográfica Rozenblit em Pernambuco	49
III: Declínio da Rozenblit	55
Parte 4: A produção da Rozenblit em 78 r.p.m. (1953-1964)	58
Capítulo I: A série 15.000	59
II: O que foi gravado na série 15.000	102
III: Veiculação e público da série 15.000	109
Parte 5: Conclusões	117
Parte 6: Bibliografia	121

INTRODUÇÃO

"Felinto, Pedro Salgado, Guilherme, Fenelon, cadê tem blocos saudosos?"⁽¹⁾ Cadê? Que é feito de? Onde estão? Perguntas que Clio faz a Mnemósines para trançar a urdidura da História, "para que se possa celebrar os triunfos e registrá-los na própria memória do tempo"⁽²⁾. Não fizeram tais coisas os deuses? Não casou Zeus com Mnemósines, a titânia padroeira da memória, e engendrou Clio - glória e reputação - a musa da História?⁽³⁾

Ao final da década de '80, o noticiário local foi sacudido pela decretação de falência da Fábrica de Discos Rozenblit Ltda e pelo pedido de prisão do sócio majoritário, José Rozenblit. Para os jovens apreciadores da axé music (o baticum baiano) e do frevo eletrificado, a notícia passou despercebida: mais um empresário pernambucano que não dava certo, apesar da SUDENE, dos incentivos fiscais, do esforço de nossos representantes no Congresso... Para a geração nascida ao final da Segunda Guerra, a falência da Rozenblit despertou lembranças no chambre-a-coucher do coração: o selo Mocambo cobrindo o centro dos discos 78 r.p.m.; os frevos de Capiba e Nelson Ferreira; as vozes de Claudionor Germano e Expedito Baracho; Paulo Molin cantando "Serenó"; Luiz Queiroga gravando gêneros juninos; Genival Lacerda surgindo como autor e intérprete; Lúcio Alves gravando bossa-nova; os programas de rádio e de auditório onde os sucessos eram cantados; as lojas do Bom Gosto onde, em cabines individuais, os clientes ouviam os últimos lançamentos fonográficos; a fábrica de discos na Estrada dos Remédios, Afogados. Por que tudo isto se acabou? O noticiário falava de cheias do Capibaribe, dívidas com o INPS, falta de apoio governamental, porém Mnemósines guardava mais razões e somente Clio poderia conhecê-las; porque só Clio fazia as perguntas que abriam o cofre da memória, revelando a concretude dos fatos sem o manto pesado das paixões e o véu diáfano das lembranças.

A Rozenblit foi "a única grande gravadora brasileira fora do eixo Rio-São Paulo"⁽⁴⁾, localizada em Recife e com

filiais no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Atendia ao mercado fonográfico do Norte/Nordeste realizando gravações comerciais, particulares, jingles de campanhas políticas, empregando mais de uma centena de funcionários e registrando fonograficamente - memória histórica - a cultura de uma região e ritmos tipicamente pernambucanos, como o frevo e o maracatu⁽⁵⁾. Criada ao início da década de '50 dentro do projeto desenvolvimentista nacional do pós-guerra, caracterizou-se desde logo por uma proposta fonográfica regionalista, valorizando a música nacional e abrindo espaços para os gêneros regionais sendo a única gravadora brasileira, à época, a gravar maracatu, ciranda praieira, cururu, xenhenhem, pontos de xangô, entre outros⁽⁶⁾.

Cadê a Rozenblit? É a pergunta que Clio faz a Mnemósines para trançar, com os fios dos fatos, a urdidura da História da Cultura em Pernambuco, na expressão de sua música e seus valores nos registros fonográficos em 78 r.p.m. Quem, que, quando, onde, como, porquê, foram as seis perguntas inevitáveis⁽⁷⁾ que tiveram resposta neste trabalho cuja elaboração apresenta originalidade quanto ao tema, não existindo bibliografia específica anterior sobre o assunto. Tal situação evidencia as dificuldades que o autor enfrentou para levantar os dados necessários à comprovação empírica - presente na memória dos pernambucanos ligados à História e a cultura pernambucana - da importância da Rozenblit na fonografia nacional. O autor desta dissertação partiu das entrevistas com pessoas ligadas à produção fonográfica de Pernambuco (José Rozenblit, músicos, intérpretes, radialistas, pesquisadores); prosseguiu com um levantamento da industrialização brasileira e pernambucana, notadamente no pós-guerra; situou a produção da Rozenblit na ideologia desenvolvimentista - regionalista da década de '50; limitou seu estudo à produção fonográfica dos discos gravados em 78 r.p.m; por fim, listou toda esta produção, percentuando gêneros musicais e intérpretes a fim de justificar a importância cultural desempenhada pela gravadora no cenário cultural brasileiro, nordestino e pernambucano. A metodologia científica empregada é a corriqueira - in medius virtus - evitando-se a utiliza-

ção de caminhos novos, por vezes inseguros, não bem testados; a lógica empregada foi a dos manuais mais didáticos (indução, dedução, observação do real), complementada por dados estatísticos hauridos em trabalhos já consagrados no campo da História econômica brasileira. A inovação - se houve - foi manipular todo este caudal de informações e reinterpretá-lo dentro de uma perspectiva cultural - o que não é pouco - demonstrando a importância fundamental da gravadora na formação da memória fonográfica de Elba Ramalho, Alceu Valença, Geraldo Azevedo, Quinteto Violado, Banda de Pau e Corda, Carlos Fernando, Zé Ramalho, Amelinha, Fernando Filizola e outros herdeiros da produção cultural da Rozenblit, vivos e fazendo sucesso, mantendo-se ligados ao sonho que se construiu com os discos.

Clio pergunta; Mnemósines responde; os historiadores registram; o tempo guarda; os homens constroem a História com os fios da própria vida pois as Parcas, às vezes, têm que trançar a vontade dos homens.

Notas à Introdução

- (1) Primeiros versos de "Evocação nº 1", frevo canção de Nelson Ferreira, gravado na série 15.000 sob nº 15.142, face B, em janeiro de 1957 e que foi sucesso nacional, apresentado no "Programa César de Alencar" da Rádio Nacional.
- (2) Hesíodo, "Teogonia", citado in Mitologia, vol II, pp 369-370, Ed. Abril, 1973.
- (3) Idem, ibidem.
- (4) Santos, Alcino; Barbalho, Gracio; Severiano, Jairo; Azevedo, M.A. de (Nirez): Discografia Brasileira, vol 5, p. 345, Ed. FUNARTE s/d.
- (5) Todas estas afirmativas estão documentadas ao longo deste trabalho.
- (6) A Rozenblit também gravou gêneros internacionais na interpretação de Rick Valent (autor do sucesso "La Bamba"), Bienvenido Granda (o bigode que canta, portenho, cantor de boleros), Petula Clark, entre outros.
- (7) Almeida Santos, Mário Márcio de, "Noções de Metodologia" p 75, Ed. particular, 1991.

CAPÍTULO I

O DISCURSO DESENVOLVIMENTISTA NACIONAL

A trama que tece um país é feita de diversos fios: violência, paixões, interesses pessoais e coletivos, esperanças, frustrações, golpes. Mas a linha que arremata a urdidura é quase sempre feita de sangue.

O projeto desenvolvimentista nacional começa a ser tecido nas chamadas revoltas nativistas do século XVIII, as conjuras, sob influência do pensamento liberal que engatinhava na Europa ao final do "século das luzes", com a desarticulação do sistema colonial mercantilista⁽¹⁾. A elite colonial passa a reivindicar liberdade de exportação, fim das companhias monopolistas (as companhias de comércio criadas na 2ª metade do século anterior), redução dos juros e dos tributos sobre importação/exportação e maior participação nos órgãos de decisão política. A presença joanina ao início do século XIX atendeu em parte à tais aspirações, pois se ampliava o espaço para a maior autonomia econômica e política (abertura dos portos, elevação do Brasil à condição de reino-unido a Portugal e Algarves); em parte, pois os tratados assinados aqui, entre a metrópole portuguesa e os ingleses concretizaram a dependência econômica do Brasil com relação à Inglaterra, o que perdurou até o início do nosso século⁽²⁾. A Revolução do Porto (1820) e a tentativa recolonizadora das Cortes apara certas arestas de nossa elite agrária contra a ruptura do pacto colonial; a independência se concretiza de forma monárquica em torno do príncipe-regente⁽³⁾, porém o projeto de se criar um novo país dentro do modelo agrário exportador fica seriamente ameaçado: primeiro, pela queda progressiva do valor das exportações brasileiras (devido à concorrência externa) e pelo aumento de nossas importações; segundo, pelas dificuldades financeiras, obrigando-nos a sucessivos empréstimos, sem conseguir pagar sequer os juros dessas dívidas; terceiro, pela emissão descontrolada de papel-moeda, por uma inflação galopante que arruinou o orçamento do Estado. A elite agrária e escravista, alojada no poder, sufoca com violência todas as tentativas de revolta que ameacem seu projeto agrário-exportador, identificado como o projeto desenvolvimentista nacional⁽⁴⁾. Procurando recuperar sua posição no comércio internacional e restabelecer o

equilíbrio financeiro do país, a elite abandona o livre-cambismo por uma política alfandegária mais caracterizadamente protecionista (Tarifa Alves Branco, 1844), beneficiando alguns setores manufatureiros nacionais e desgostando os ingleses, até então, senhores absolutos do mercado nacional. A pressão inglesa se fez sentir no ponto mais sensível do projeto desenvolvimentista da elite: a base escravista de nossa economia, solapada com a bill Aberdeen (1845) e as restrições contra o tráfico negreiro. Ao Brasil, não restou outro caminho senão o de abolir o tráfico (Lei Eusébio de Queirós, 1850) e reprimir te-nazmente o contrabando das "peças" (Lei Nabuco de Araújo, 1854). A elite agrária brasileira mudava, forçadamente, seu projeto inicial⁽⁵⁾.

Por esta mesma época, um novo tecido se junta à costura desenvolvimentista inicial: a expansão da lavoura cafeeira e a substituição da escravidão pela mão-de-obra livre. O desenvolvimento da lavoura cafeeira garantiu à elite a permanência no poder pois esta atividade econômica garantiu as rendas de manutenção e de equilíbrio do Estado brasileiro na 2ª metade do século XIX: o aumento da demanda; as constantes altas do preço do café no mercado internacional; a existência de recursos baratos necessários à implantação da lavoura cafeeira, oriundos da subutilização dos mesmos nas áreas mineradoras em declínio e nas lavouras tradicionais estagnadas; as condições climáticas favoráveis, tudo isto junto, gerido com competência pela elite, garantiu-lhe prestígio e poder. De início, a grande área cafeeira foi a do Vale do Paraíba, seguida do oeste paulista; na primeira, utiliza-se a velha estrutura colonial, o trinômio clássico-monocultura, latifúndio, escravidão -; na segunda, mantém-se a grande propriedade monocultora, porém, a mão-de-obra livre do imigrante associada à novas técnicas e a utilização de máquinas, tornando as fazendas de café cada vez mais especializadas, faz nascer uma nova elite, de mentalidade empresarial e capitalista, desejava de ter uma infraestrutura comercial e financeira (ferrovias, portos, bancos), possível somente nos centros urbanos⁽⁶⁾. Numa reação recíproca, as cidades crescem com o café e este, com as cidades; estas, absorvem o projeto desenvolvimentista da nova elite - não admira que a campanha abolicionista e republicana se produz e se desenvolve nos centros urbanos - que paulatinamente se afasta da monarquia, sustentada a partir de 1870 pelas velhas elites⁽⁷⁾. O poder eco

nômico e político vai se consolidando no centro-sul, enquanto no Nordeste, presa às tradicionais formas de produção (técnicas rudimentares e escravismo), a elite passa a ter como projeto manter o poder local e gravitar em torno da elite centro-sulista ascendente, contentando-se com pequenas vantagens que disso possa advir. O excedente econômico acumulado no centro-sul levou a uma diversificação da economia: nas últimas décadas do século XIX, o Brasil contava com mais de 600 empresas, dando emprego a mais de 50.000 trabalhadores; a diversificação da economia se deu através da transferência, direta ou indireta, das capitais gerados no setor cafeeiro, o que fez tais capitais se concentrarem no centro-sul sob a forma de investimentos ferroviários (7.165 km), instituições financeiras (quase 40 bancos), melhoria dos portos e dos serviços urbanos⁽⁸⁾. A nova elite livra-se da monarquia senil atacando-a em duas frentes: criticando-a por manter vivo o projeto desenvolvimentista embasado na escravidão - daí a campanha abolicionista ter sido, subliminarmente, a preparação do golpe republicano - e identificando o ancien régime como um obstáculo à ascensão das camadas médias urbanas⁽⁹⁾. Diga-se on passant que as camadas médias urbanas serão cooptadas para o novo projeto desenvolvimentista da elite ascendente: a manutenção de uma economia agroexportadora embasada no latifúndio, monocultura e mão-de-obra livre e a instalação de um regime republicano presidencialista representativo. É esta última inovação que atrairia a classe média urbana, marginalizada por uma monarquia defensora do voto censitário e do senado vitalício; a república representativa parecia ser a afirmação política desta camada urbana surgida à sombra da casa grande e da senzala, tanto na área açucareira quanto cafeeira. E o café, que consolidara a monarquia, tornou-se seu algoz; no baile da Ilha Fiscal, o tecido monárquico se esgarça e um novo viés se incorpora ao velho pano⁽¹⁰⁾.

Certos mecanismos introduzidos pela elite vitoriosa com o golpe republicano para a manutenção do poder garantiram sua hegemonia política: o federalismo acentuado, descentralizando o poder, beneficiava os estados exportadores mais ricos (também mais populosos); o voto descoberto permitia o controle do eleitorado rural (em maior número); as comissões de verificação alteravam os resultados eleitorais desfavoráveis às elites (eleição a bico de pena). Rui Barbosa, com seu "encilhamento", apostou na industrialização es-

barrando, entretanto, nos obstáculos de um modelo agroexportador valorizador do café. Porém, a elite cafeeira instalada no poder, vai cometer um erro que lhe será fatal, ao estimular excessivamente o seu projeto econômico esquecendo a dinâmica capitalista, o crescimento da burguesia e da classe média nacionais. As políticas de valorização e defesa do café (em função das crises de superprodução e da diminuição do consumo internacional)⁽¹¹⁾ representavam intervenções estatais na economia em benefício das elites, em detrimento de uma burguesia e de uma classe média ascendentes; estas intervenções provocavam o aumento dos preços dos importados, um vicioso ciclo inflacionário, diminuição na arrecadação e insatisfação no tecido social⁽¹²⁾. Com uma política tarifária e cambial ambígua e contraditória, a elite flexibiliza seu projeto desenvolvimentista agroexportador, atendendo aos reclamos da burguesia industrial - de quem, afinal, não estava tão distante - e dos agraristas, estes últimos defensores da "vocação agrícola" do Brasil. Agraristas e industrialistas se debatiam, enquanto o novo projeto de uma nova elite ia sendo fiado lentamente, agregando-se à malha gasta da república café-com-leite⁽¹³⁾. Esta nova elite, identificada com o grupo industrialista, vinha em parte da oligarquia cafeeira, os "fazendeiros industriais"; em parte, da 2ª ou 3ª geração de imigrantes bem sucedidos⁽¹⁴⁾; em parte, de comerciantes enriquecidos com os negócios oriundos da economia agroexportadora. Suas aspirações iniciais se limitavam a acompanhar as flutuações da estrutura econômica gerada pelas rendas do café, numa simbiose esquisita, como um remendo mal feito numa roupa usada. Com o tempo - a crise internacional de 1913 e a Primeira Guerra - e os obstáculos criados a partir daí, a elite industrial em formação passa a investir na chamada indústria de substituição, suprindo as necessidades do mercado interno, impossibilitado de importar por conta do conflito entre as potências européias. Mais do que substituir as importações, as novas indústrias substituíam impostos, passando a contribuir com uma parcela significativa das rendas públicas da república café-com-leite; substituíam também as pequenas manufaturas, concentrando capital em sociedades por ações ou sociedades anônimas⁽¹⁵⁾. Uma parcela significativa das grandes empresas que se formam a partir de 1924 é a presença de capitais norte-americanos⁽¹⁶⁾, concentrados geograficamente no centro-sul; a procura de máquinas, ferramentas, arti

gos de metalurgia incentiva o aparecimento das primeiras siderúrgicas. O setor industrial adquiria, assim, autonomia, unidade e importância no conjunto da economia nacional e a nova elite começava a criar um projeto próprio de desenvolvimento, diferente do modelo agroexportador que se mantinha no governo. O confronto seria inevitável e a nova elite ganha mais e mais espaço no embate com a oligarquia cafeeira, organizando-se institucionalmente na defesa de seus interesses, o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, 1928⁽¹⁷⁾.

Enquanto o projeto desenvolvimentista nacional industrialista ia sendo costurado no centro-sul, o Nordeste "consolidava" sua posição periférica no conjunto da economia. A Bahia se destacava como produtora de açúcar, fumo, algodão e carne; todavia, o cacau seria responsável por um curto momento de prosperidade, os trinta primeiros anos do século XX. Em Pernambuco, a cultura da cana-de-açúcar predominava, abastecendo as necessidades do mercado interno; a revolução tecnológica surgida ao final do século XIX foi provocada pelos engenhos centrais e pela usina. Esta última, utilizando técnicas modernas (grandes máquinas movidas a vapor, óleo combustível ou eletricidade), transformaram os velhos banglês em meros fornecedores de cana ou produtores de rapadura⁽¹⁸⁾. Em Recife e uma ou outra cidade do interior, surge um incipiente desenvolvimento fabril ligado ao setor alimentício (açúcar, biscoitos) e têxtil (cotonifícios de Moreno, Camaragibe, TSAP, Torre, Tacaruna); capitais ingleses controlam a exportação do açúcar, os serviços públicos (Pernambuco Tramways Power and Co.), ferrovias (Great Western Railways) e algumas fábricas. Consciente do esvaziamento econômico do seu espaço geográfico ao início do século XX, a elite nordestina elabora seu projeto desenvolvimentista, particular e mesquinho, o de gravitar em torno da elite do centro-sul, aquela elite cafeeira que repartia o poder através da política dos governadores, do coronelismo; elite nordestina que recolhia as sobras da hegemonia política do centro-sul, retalhos com os quais encobria as disparidades regionais e a fragilidade da economia regional⁽¹⁹⁾.

A contra-revolução de 1930, se não representa a vitória completa do projeto desenvolvimentista industrialista⁽²⁰⁾, em parte consolida os ideais da elite industrial e representa o corte do cordão umbilical que ainda unia industriais e cafeicul

tores, apenas a nível de projeto⁽²¹⁾. No aspecto político, mesmo com arestas e profundas diferenças, as velhas oligarquias e a nova elite se unirão sempre que seus interesses forem ameaçados por movimentos populares, urbanos ou rurais; se preciso (re)tomariam o poder pela força (e o fizeram), derrubando, se necessário, um presidente eleito (e derrubaram).

Notas ao Capítulo 1

- (1) Prado Jr., Caio: "Formação do Brasil Contemporâneo", SP, Ed. Brasiliense, 1973, p. 122 a 125.
- (2) Furtado, Celso: "Formação econômica do Brasil", SP, Ed. Nacional, 1977, p. 32 a 38.
- (3) Mota, Carlos Guilherme (org): "Brasil em perspectiva", SP, Ed. Difel, 1971, p. 64 a 125 ("Introdução ao estudo da emancipação política do Brasil", de Emília Viotti da Costa).
- (4) Lima, Heitor Ferreira: "História político-econômica e industrial do Brasil", SP, Ed. Nacional, 1970, p. 215 a 218.
- (5) Prado Jr., Caio: "História econômica do Brasil", SP, Ed. Brasiliense, 1974, p. 123 a 154.
- (6) Lima, Heitor Ferreira, op. cit., p. 228 a 234.
- (7) Costa, Emília Viotti da: "Da Monarquia à República: momentos decisivos", SP, Ed. Grijalbo, 1977, p. 224 a 226.
- (8) Tabela 1 - COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL - PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS (% SOBRE O TOTAL DA EXPORTAÇÃO)

Decênios	Café	Agúcar	Cacau	Erva-mate	Fumo	Algodão em pluma	Borracha	Couros e peles	Total
1821-1830	18,4	30,1	0,5	-	2,5	20,6	0,1	13,6	86,8
1831-1840	43,8	24,0	0,6	0,5	1,9	10,8	0,3	7,9	89,8
1841-1850	41,4	26,7	1,0	0,9	1,8	7,5	0,4	8,5	88,2
1851-1860	48,8	21,2	1,0	1,6	2,6	6,2	2,3	7,2	90,9
1861-1870	45,5	12,3	0,9	1,2	3,0	18,3	3,1	6,0	90,3
1871-1880	56,6	11,8	1,2	1,5	3,4	9,5	5,5	5,6	95,1
1881-1890	61,5	9,9	1,6	1,2	2,7	4,2	8,0	3,2	92,3
1891-1900	64,5	6,0	1,5	1,3	2,2	2,7	15,0	2,4	95,6
1901-1910	51,3	1,2	2,8	2,9	2,4	2,1	28,2	4,3	95,2
1911-1920	53,0	3,0	3,6	3,0	2,6	2,0	12,1	6,2	85,5
1921-1930	69,6	1,4	3,2	2,7	2,1	2,4	2,6	4,6	88,6
1931-1940	52,4	0,4	4,1	1,7	1,6	13,9	1,0	4,4	79,5

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1939, p. 1.380.

Tabela 2 - CONTRIBUIÇÃO DO BRASIL NA PRODUÇÃO MUNDIAL DO CAFÉ.

Período	% da produção mundial	Período	% da produção mundial
1820-1829	18,18	1870-1879	49,09
1830-1839	29,7	1880-1889	56,63
1840-1849	40,0	1890-1894	59,7
1850-1859	52,09	1895-1899	66,68
1860-1869	49,07	1900-1904	75,64

Fonte: Marcos C.C. de Albuquerque e Robert Nicol, Economia agrícola: o setor primário e a evolução da economia brasileira, p. 154.

- (9) Costa, Emília Viotti da, op. cit.
- (10) Conrad, R.: "Os últimos anos da escravatura no Brasil", RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1975, p. 319 a 337.
- (11) Tabela 3 - CAFÉ: DESVALORIZAÇÃO CAMBIAL

ANOS	TAXA CAMBIAL	PREÇO EXTERNO	PREÇO INTERNO
1889	26 7/16	100	100
1890	22 9/16	113	120
1891	14 29/32	90	171
1892	12 1/32	87	201
1893	11 19/32	103	276
1894	10 3/32	92	290
1895	9 15/16	91	262
1896	9 1/16	69	252
1897	7 23/32	47	180
1898	7 3/16	41	163
1899	7 7/16	42	156
1900	9 16/32	46	171

Fonte: A. Delfin Neto, O Problema do café no Brasil, p. 28-29.

- (12) Furtado, Celso: "Formação econômica...", p. 178 a 180.
- (13) Carone, Edgar: "A República Velha - instituições e classes sociais", SP, Ed. Difel, 1972, p. 27 a 51 e 95 a 121.
- (14) . Os irmãos Jafet, Conde Crespi, Jorge Street, Nicolau Scarpa-
ligados ao ramo da tecelagem;
 . Conde Alexandre Siciliano - banco e fábrica de máquinas agrí-
colas;
 . Pierre Duchen - biscoitos;
 . Klabin - papel;
 . Egidio Falchi - biscoitos;
 . Francisco Matarazzo - o maior industrial da época, cuja empre-
sa IRFM (Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo) incluía vá-
rios ramos: fábricas de banha, moinhos, tecelagem, fábricas
de engradados, de sabão e glicerina, de conservas, de açúcar
refinado, de carnes e couros, fundições, oficinas mecânicas,
serrarias, docas, litografias de rótulos, entre outros.
 . Hering - tecelagens;
 . Hermann Lundgren - proprietário de fábricas e de uma rede de
lojas, origem das futuras Casas Pernambucanas.
- (15) Tabela 4 - PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR ESTADOS (1920)

Estados	Número de Estabelecimentos	Número de Operários	Contos de réis		Distribuição Percentual
			Capital	Produção	
Distrito Federal	1 541	56 299	441 699	666 476	22,3
São Paulo	4 145	83 998	537 817	986 110	33,0
Rio Grande do Sul	1 773	24 661	250 690	353 749	11,8
Rio de Janeiro	454	16 796	126 206	184 161	6,1
Pernambuco	442	15 761	90 981	136 479	4,6
Paraná	623	7 295	43 996	102 301	3,4
Minas Gerais	1 243	18 522	89 775	172 061	5,7
Bahia	491	14 784	48 821	71 923	2,4
Pará	168	3 033	21 331	36 424	1,2
Sergipe	237	5 386	16 678	28 827	1,0
Santa Catarina	791	5 297	33 296	60 171	2,0
Amazonas	69	636	5 424	5 702	0,2
Alagoas	452	6 989	30 682	40 520	1,3
Maranhão	89	3 543	16 288	22 884	0,8
Mato Grosso	20	280	3 507	6 019	0,2
Paraíba	251	3 035	14 136	33 137	1,1
Ceará	294	4 702	16 715	25 908	0,9
Piauí	55	1 150	6 782	7 957	0,3
Rio Grande do Norte	197	2 146	7 127	20 539	0,7
Espírito Santo	75	1 005	11 728	22 872	0,2
Goiás	16	224	1 400	4 958	0,2
Acre	10	22	107	198	
Totais	13 336	275 514	1 815 156	2 989 176	100%

Fonte: Edgard Carone, A República Velha - instituição e classes sociais, p. 77.

(16) Tabela 5 - Quadro com a relação das firmas Norteamericanas no Brasil/na República Velha

Ano	Número do decreto	Nome da Sociedade
1912	9 384	Amazon Land and Colonization
1915	11 503	The National City Bank of New York
1917	12 444	The American Chemical Works Inc.
1917	12 467	International Machinery Company
1917	12 522	United States Rubber Export Company Limited
1917	12 527	Brazilian Tobacco Corporation
1918	13 126	American Steel Export Company's Brazilian Corporation
1918	13 306	American International Steel Corporation
1919	13 638	SS. White Dental Manufacturing Co. of Brazil
1920	14 166	American Coffee Corporation
1920	14 167	Ford Motor Company
1920	14 242	The Sydney Ross Company
1920	14 244	Bethlehem Steel Company of Brazil
1921	14 887	Davis & Co. Ltd. of Brazil Inc.
1922	15 551	Atlantic Refining Company of Brazil
1923	16 056	Firestone Tire and Rubber Company
1923	16 164	Universal Pictures Corporation
1923	16 270	American Steamship Agencies Company Inc.
1924	16 585	Great American Insurance Company
1924	16 754	Armour of Brazil Corporation
1924	16 756	Parke, Davis & Company
1924	16 757	International Business Machines Co. of Delaware
1926	17 304	International Harvester Export Company
1926	17 491	Metro Goldwyn Mayer (do Brasil)
1926	17 609	Ingersoll-Rand Company of Brazil
1927	17 970	Companhia Brasileira de Força Elétrica
1928	18 404	Goodrich Rubber Company of Brazil Inc.
1929	18 591	General Tire & Rubber Co. of Brazil
1929	18 592	S/A Refinações de Milho Brazil
1929	18 648	Western Electric Company of Brazil
1929	18 664	First National Pictures of Brazil Incorporated
1929	18 745	Companhia Burroughs do Brasil Inc.
1929	18 768	Pan American Airways Inc.

Fonte: Heitor Ferreira Lima, História político-econômica e industrial do Brasil, p. 342-343

- (17) Carone, Edgard (org): "Evolução industrial do Brasil e outros estudos", SP, Ed Nacional, 1973, p. 55 a 56, texto de Roberto Simonsen defende o projeto desenvolvimentista industrialista, falando em nome do empresariado do centro-sul.
- (18) Carone, Edgar: "A República Velha...", p. 153 a 158.
- (19) Carone, Edgar: "A República Velha...", p. 153 a 158.
- (20) Fausto, Bóris: "A Revolução de 1930", SP, Ed. Brasiliense, 1970, p. 86 a 111.
- (21) Lima, Heitor Ferreira, op. cit. p. 347 a 352.

CAPÍTULO II

O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL NO BRASIL

O processo de industrialização do Brasil já passou por várias divisões e classificações, modificadas aqui e ali por economistas e historiadores. Não sendo nosso objetivo trabalhar esta periodização, mas os efeitos do processo para o surgimento da indústria fonográfica em Pernambuco, vamos utilizar uma divisão esquemática, simplificada, que contenha marcos aceitos pela maioria dos autores clássicos sobre o assunto⁽¹⁾.

A primeira fase se inicia na 2ª metade do século XIX (Era Mauá) e se estende até a Primeira Guerra Mundial, com a implantação, expansão e consolidação. A segunda fase vai de 1914 a 1945, onde acontece uma nova expansão motivada pela necessidade de substituir importações; com isto desenvolve-se uma tecnologia nacional usando-se poupança interna. A terceira fase tem seu começo em 1946 e se estende até 1957, quando se prepara a base da futura transformação da indústria brasileira; é esta fase que tem importância para o nosso trabalho, pois nela surge a Rozenblit. Os alicerces da transformação ocorrida nestas fase da industrialização nacional são a presença de uma indústria siderúrgica moderna (Volta Redonda) e a consolidação de uma política energética (PETROBRÁS e Plano de Carvão Nacional); além disto, ocorre a renovação parcial da maquinaria obsoleta, em parte facilitada pelo acúmulo de divisas com a Segunda Guerra, em parte pelos baixos preços das máquinas - os países industrializados exportadores foram devastados com a guerra e pretendiam reconquistar antigos mercados. Mais não se faz porque, com o governo Dutra (1946-1950), gastamos nossas reservas cambiais em importações desnecessárias⁽²⁾.

A 4ª e última fase do processo de industrialização brasileira vem de 1957 até hoje, com a implantação da indústria automobilística e petroquímica, consolidando-se a superioridade dos bens de produção - com a conseqüente exploração interna de matéria-prima - e a integração do parque industrial. O papel das multinacionais se avulta e elas se tornam muito fortes no cenário industrial brasileiro; ao mesmo tempo, alguns grandes grupos nacionais se afirmam buscando seu espaço por entre as dificuldades e as contradi-

ções de nossa industrialização.

Insistimos na importância da fase que vai de 1946 a 1957 pois é nela também que se dá o início do planejamento econômico nacional (Planos SALTE, LAFER, METAS), quando abandonaremos o liberalismo puro das fases anteriores (típico de uma sociedade predominantemente agroexportadora). Para uma melhor compreensão desta 3ª fase de nosso processo de industrialização, é preciso saber como nasceram os alicerces (indústria siderúrgica/petroquímica/automobilística); e, como sempre, em História é necessário voltar à fase anterior onde se delineiam as causas que explicaram o fato a ser estudado. Um momento se nos apresenta como rico divisor de águas e um marco significativo: a crise de 1929, o crack da Bolsa de Valores em Nova York, cujos efeitos atingem o Brasil na campanha sucessória de Washington Luís, provocando o racha das oligarquias mineiro-paulistas e a conseqüente contra-revolução preventiva⁽³⁾ levando o gaúcho Vargas ao poder, onde permanecerá por quinze anos. Vargas é, sem dúvida, o coordenador das bases que permitirão o salto a partir de 1946.

A crise de 1929 e a grande depressão que se seguiu, se males políticos causou à república oligárquica do café-com-leite⁽⁴⁾, trouxe consigo uma rápida recuperação da indústria brasileira ao tornar inviável as importações, obrigando a substituição delas por produtos nacionais, apesar do baixo poder aquisitivo da população brasileira. Este fenômeno foi típico dos países exportadores de matérias-primas ao início da década de '30. Com o início da Segunda Guerra, o preço dos produtos agrícolas tem uma sensível melhora no mercado internacional, permitindo um superávit em nossa balança comercial⁽⁵⁾; todavia, a necessidade de substituir nossas importações nos obrigava a importar tecnologia, o que é feito a custos altíssimos, consumindo o superávit⁽⁶⁾. Passada a guerra, a visão que temos dos quinze anos anteriores é desoladora: a indústria havia se expandido, mas não se renovara tecnologicamente; faltam braços nos campos o que resulta numa produção menor de alimentos; faltam combustíveis dificultando a movimentação do parque rodoviário; não houve investimentos na malha ferroviária encarecendo os transportes e fretes terrestres; a navegação marítima fora desfalcada com afundamentos de navios (sem compensações posteriores) e os portos se encontravam desparelhados; um parque industrial obsoleto trabalhava em sua máxima

capacidade e no extremo de sua resistência⁽⁷⁾.

O salto da industrialização brasileira se dá no período de 1946 a 1964, num momento em que a indústria de transformação irá se afirmar como um dos aspectos mais inovadores e dinâmicos em nossa economia⁽⁸⁾. O percentual maior se dará nos bens de produção em virtude do desenvolvimento de hidrelétricas, das usinas siderúrgicas, da indústria automobilística e da construção de Brasília (em especial, e do crescimento urbano em geral). A procura destes bens mostra a transformação pela qual passa a sociedade brasileira durante o populismo. Este salto se concentrará no centro sul apesar de desde 1940 se iniciar a dispersão dos estabelecimentos industriais, mesmo nos estados sem tradição industrial⁽⁹⁾. Apesar dos avanços, a nossa industrialização não superava os problemas acumulados anteriormente: dependência externa e obsolescência do parque industrial; coexistência da mais avançada técnica com métodos primitivos e antiquados (indústrias de fundo de quintal).

É também no pós-guerra (1946-1964) que entramos na produção de economia de base, com aço e petróleo. A usina siderúrgica moderna, com formas de qualidades diversas e utilizando o carvão mineral, nasce no Brasil com Volta Redonda, a partir do acordo Brasil/EUA durante o conflito com o Eixo; a partir da década de '50, surgem a COSIPA, Indústria Siderúrgica de Santa Catarina, Mannesmann, favorecendo a diversificação industrial, o surgimento de uma indústria mecânica mais complexa, ao mesmo tempo que permite a progressiva nacionalização das indústrias instaladas no Brasil⁽¹⁰⁾. O caso do petróleo tem uma certa similitude com o do aço: até o final da Segunda Guerra, o uso dos derivados de petróleo no Brasil⁽¹¹⁾ é baixíssimo, evidenciando nosso atraso em relação a outros países. Na década de '30, Monteiro Lobato insiste categoricamente na existência de petróleo no subsolo brasileiro e, paralelamente, denuncia a ação do imperialismo impedindo a exploração desta riqueza; as constituições de 1934 e 1937 determinam que o aproveitamento do subsolo depende de autorização ou concessão federal⁽¹²⁾. Em 1938, é criado o Conselho Nacional do Petróleo que, em sua "Legislação do Petróleo", consolida o nacionalismo na pesquisa, prospecção, exploração, refino, distribuição, transporte e política de preços do petróleo e seus derivados⁽¹³⁾. A queda de Vargas (1945) esvazia o CNP e a constituição de

1946 concede grandes privilégios aos particulares na exploração do subsolo⁽¹⁴⁾; esvaziado o CNP, o debate se transfere para o Clube Militar com Juarez Távora (defendendo a presença do capital estrangeiro) e Horta Barbosa (defendendo o monopólio estatal) em célebres conferências em 1947⁽¹⁵⁾. As discussões extrapolam os círculos castrenses e se tornam públicas - na UNE, nos partidos, no Congresso Nacional, nos jornais - fazendo surgir duas correntes: os nacionalistas e os entreguistas. O retorno de Vargas em 1951 reaquece o debate em torno da estatização; as discussões no Congresso e as pressões da sociedade finalizam o processo com a criação da PETROBRÁS em 1953⁽¹⁶⁾.

Finalizando o salto industrial, temos a implantação da indústria automobilística através da criação do Grupo Executivo da Indústria Automobilística, 1956⁽¹⁷⁾, dentro da visão desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek ("50 anos em 5"), concedendo-se isenções fiscais e medidas cambiais favoráveis. Tais concessões favorecem a importação de matrizes industriais obsoletas nos países de origem que, trazidas ao Brasil, são incorporadas como alta tecnologia⁽¹⁸⁾. A indústria automobilística favorece o aumento de estradas asfaltadas, o surgimento de empresas produtoras de autopeças, gerando empregos, criando um clima de desenvolvimentismo. A crise econômica em que se achava mergulhado o Nordeste (seca, atraso tecnológico) é "solucionada" com a criação da SUDENE (1959)⁽¹⁹⁾.

Os objetivos da SUDENE estão claros no seu I Plano Diretor⁽²⁰⁾ e num deles fica clara a opção industrial de integração nacional e, ao mesmo tempo, a reestruturação das atividades artesanais, dando-lhes grande vigor⁽²¹⁾. No entanto, a ação concreta da autarquia, ao invés de criar um parque autônomo no Nordeste, prolonga o já existente no centro-sul, necessitado de incorporar a região nordestina, seja como mercado consumidor de possíveis potencialidades, seja como fonte de matéria prima e de mão de obra barata; a forma de incentivos criada no I Plano Diretor⁽²²⁾ serve tão somente às necessidades e interesses do empresariado do centro-sul; a instalação de indústrias-filiais do centro-sul nas áreas vizinhas às capitais atrai populações rurais (que já se deslocavam nesta direção, empurradas pelas secas periódicas) na esperança desenvolvimentista de emprego e realização pessoal, num volume de gente cada vez maior; as contradições político-econômicas geravam instabilidade social e o

avanço das forças populares na reivindicação de seu espaço dentro da sociedade brasileira, o que assustava as oligarquias hegemônicas e o capital multinacional aqui instalado⁽²³⁾.

A saída de JK prenuncia dias difíceis e a partir de 1962 a crise se instala⁽²⁴⁾: o crescimento industrial do período anterior se fez com o aumento da dívida externa, ampliando os encargos com pagamentos de juros, dividendos e royalties aos credores externos; os investimentos das multinacionais sederam na área de fabricação de bens duráveis e não de bens de capital; não se conseguiu implantar uma indústria de base autônoma, o que mantinha alta a importação de máquinas, equipamentos industriais, motores e turbinas, laminadores, fertilizantes e matéria prima para uso industrial e agrícola; inflação e custo de vida dispararam. Os índices econométricos demonstram isto: queda do PIB (1962 = 7,1%; 1967 = 3,2%); da produção agrícola (1962 = 4,5%; 1967 = 1,7%); da produção industrial (1962 = 9,8%; 1967 = 2,6%); da construção civil (1962 = 5,1%, 1967 = 2,8%). Em 1964 a inflação chega a 90% ao ano, um recorde! O salário mínimo real perdeu, de 1958 a 1966, 38% do seu poder de compra; enquanto a renda per capita teve uma redução de 6,1% no mesmo período. Em 1965, a taxa de desemprego chegou a 13,5%⁽²⁵⁾.

Os efeitos destes dados sobre o Nordeste foram catastróficos.

Notas ao Capítulo II

- (1) Ver Nelson Weneck Sodré, Robert Simonsen, Caio Prado Jr. que têm obras clássicas sobre o assunto citadas na bibliografia.
- (2) Teixeira, M.P. e Totim, Maria Elizabeth: "História econômica e administrativa do Brasil", SP, Ed. Ática, 1989, p. 183.
- (3) "Façamos a revolução antes que o povo a faça", frase atribuída a Antônio Carlos de Andrada, líder das oligarquias mineiras dissidentes do café-com-leite, e que retrata muito bem a tese de José Honório de que "no Brasil não existem revoluções: o que há são contra-revoluções".
- (4) Lima, Heitor Ferreira: "História político-econômica e industrial do Brasil, SP, Ed. Nacional, 1970 p. 347 a 350.
- (5) Tabela 1 - Exportações brasileiras de algodão e café ao início dos anos quarenta.

EXPORTAÇÃO

Anos	CAFÉ			ALGODÃO		
	Volume	Valor	Preço médio	Volume	Valor	Preço médio
1941	11,1	122	11	288,3	60,9	211
1942	7,3	106	16	159,0	38,9	244
1943	10,1	151	17	78,0	24,9	319
1944	13,6	209	17	107,6	40,3	374
1945	14,2	229	18	164,4	63,5	385
1946	15,5	350	25	352,8	177,9	504

Obs.: café em milhões de sacas para o volume, milhões de dólares para o valor e dólares por saca o preço médio; algodão em milhares de toneladas para o volume, milhões de dólares para o valor e dólares por tonelada para o preço médio.

Fonte: Nelson Werneck Sodré, História da burguesia brasileira, p. 307.

- (6) Teixeira, M.P... op. cit., p.182.
- (7) Teixeira, M.P... op. cit., p.182.
- (8) Carone, Edgar (org): "Evolução industrial do Brasil e outros estudos", SP, Ed Nacional p. 52.
- (9) Tabela 2 - Principais indústrias brasileiras nos anos cinquenta.

(9) Tabela 2

PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA (PRINCIPAIS INDÚSTRIAS)

Discriminação	Quantidade	1950	1952	1954	1956	1958	1959	1960
Indústrias básicas								
Petróleo.....	1 000 barris	338	750	992	4 059	18 923	23 590	29 613
Gusa.....	1 000 toneladas	729	812	1 089	1 152	1 384	1 479	(*) 1 600
Folhas-de-flandres.....	"	37	42	41	77	79	90	94
Trilhos.....	"	-	77	53	123	57	53	14
Cimento.....	"	1 386	1 619	2 490	3 275	3 790	3 841	4 447
Carvão Mineral.....	"	1 959	1 960	2 055	2 234	2 240	2 330	(*) 2 500
Soda Cáustica.....	"	-	-	-	30	60	64	-
Geradores elétricos.....	1 000 unidades	-	-	-	7	9	(*) 10	(*) 10
Motores elétricos.....	"	-	-	-	384	484	(*) 500	(*) 500
Caminhões.....	"	-	-	-	-	36	48	51
Automóveis para passageiros.....	"	-	-	-	-	2	12	37
Indústrias leves								
Pneumáticos para veículos a motor.....	1 000 unidades	1 354	1 635	2 054	1 919	2 141	2 738	(*) 2 800
Câmaras-de-ar para veículos a motor.....	"	883	988	1 257	1 257	1 547	1 774	(*) 1 800
Papel.....	1 000 toneladas	248	262	314	380	416	(*) 450	(*) 500
Celulose.....	"	-	33	-	110	170	(*) 177	467

(*) Estimativa.

Fonte: Banco do Brasil, Relatório de 1960. Citado por Heitor Ferreira Lima, História político-econômica e industrial do Brasil, p. 391.

- (10) Carone, Edgar, op. cit., p. 63. O autor dá como exemplo a progressiva nacionalização da indústria produtora de elevadores (OTIS, Schindler, Atlas, Villares).
- (11) Teixeira, M.P... op. cit., p. 185 a 186.
- (12) Artigos 118 e 119 da Constituição de 1934; sobre este assunto, a constituição de 1937 repete a anterior.
- (13) Ver "Legislação do Petróleo", edição do Conselho Nacional do Petróleo, 1938, pág. 11 a 13.
- (14) Constituição de 1946, art. 153 § 1º.
- (15) O papel dos militares (gal. Horta Barbosa, 1º presidente do CNP) no desenvolvimento de uma política petrolífera para o Brasil foi muito importante, movidos tanto por questões econômicas quanto de segurança nacional.
- (16) Vargas, Getúlio: "Mensagens ao Congresso Nacional (1951, 1952, 1953, 1954)".
- (17) Ver atos anteriores a 1956 em Anfavea: "Indústria Automobilística Brasileira", pp 9-10.
- (18) Soares e Silva, Edmundo Macedo: "A indústria de automóveis no Brasil" in Confederação Nacional do Comércio, Problemas econômicos e financeiros, pp 301-326.

- (19) Lei 3.692 de 15 de novembro de 1959.
- (20) I Plano Diretor do Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste, 1961-1963" pp 9 e segs, Recife, RUDENE, 1966.
- (21) Aqui, opta-se pela visão regionalista/folclórica sobre a qual falaremos adiante.
- (22) I Plano diretor, op cit.
- (23) Furtado, Celso, "O mito do desenvolvimento econômico", RJ, Ed. Paz e Terra, 1974.
- (24) Teixeira, M.P... op cit, p. 201 a 203.
- (25) Teixeira, M.P... op cit, p. 206.

CAPÍTULO III

O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO NORDESTE

O processo de industrialização que se desenvolveu sob a égide do Estado e prosseguiu no pós-guerra não se expandiu nas mesmas proporções por todo país; ateve-se às áreas mais capitalizadas e onde existiam melhores pré-condições de rentabilidade dos investimentos, como a centro-sul, por conta do café, por possuir tradição industrial anterior⁽¹⁾, infraestrutura - energia elétrica, mão de obra qualificada, crédito acessível. Desta maneira, a industrialização se fez acompanhar por um processo de concentração de capital no centro-sul, já existente e agora acentuado⁽²⁾.

No Nordeste, a situação era bem diferente: a classe dominante compunha-se das oligarquias mais debilitadas a nível nacional, é verdade, todavia detendo o controle do poder local. Assim, suas reivindicações junto ao poder nacional visavam mantê-las no poder local; a elas pouco importava a região como um todo. Além disto, a região não era atrativa o suficiente em função das secas periódicas, o que reforçava o estigma de atraso. Com o processo nacional de industrialização, as divisas geradas pela economia agroexportadora - no Nordeste, o açúcar - e divisas geradas pelas exportações regionais transferem-se e são absorvidas na compra de maquinarias para o centro-sul. Ou seja, o Nordeste financia, em parte, a industrialização do centro-sul⁽³⁾. Ora, sabendo-se que o modelo de desenvolvimento industrial brasileiro após 1945 correspondia aos desejos do empresariado urbanonacional e estrangeiro, no momento controlador do poder político, não admira que a industrialização nordestina se concentrasse nos centros urbanos, fruto da necessidade do setor industrial do centro-sul, interessado em expandir as fronteiras do seu capital, ampliando o mercado interno, aproveitando as matérias primas e a mão-de-obra baratas e abundantes no Nordeste⁽⁴⁾. O crescimento urbano nordestino no pós guerra será resultante de dois fatores: a prolongada seca da década de '50 (aumentando o fluxo migratório interior/litoral) e o impulso industrial (mantendo o fluxo alto), acelerado este último com a criação da SUDENE. A criação desta autarquia em fins de 1959, fruto da política econômica intervencionista do Estado durante a gestão de JK foi uma faca de dois gumes: ao mes-

mo tempo que era apresentada como condição indispensável para eliminar as disparidades regionais, integrando o Nordeste no processo de industrialização nacional, reforçava a dependência da região com o centro-sul pois defendia os interesses da burguesia industrial sulista expandido-lhe as possibilidades de lucro numa região ainda inexplorada o suficiente e com atrativos nada desprezíveis - matérias primas e mão de obra, baratas e abundantes⁽⁵⁾. Entretanto, o fluxo migratório foi bem maior que a possibilidade de absorção desta mão de obra, "exército de reserva", no processo industrial da região preconizado pela SUDENE, criando-se uma contradição insuperável: o estímulo à industrialização inviabilizava a absorção da mão de obra, esta resultante do fluxo migratório, este atraído pela industrialização⁽⁶⁾.

Por outro lado, a criação da SUDENE não encontrou apoio unânime entre as oligarquias rurais que viam na autarquia um freio ao poder político local, uma quase-intervenção da União nas unidades autônomas da federação; mal percebiam elas que as propostas e, melhor, as ações concretas da SUDENE voltavam-se para a criação de um parque industrial mero prolongamento do existente no centro-sul e nem de longe ameaçariam tais oligarquias, reforçando apenas a dependência interregional e ampliando os desníveis.

De início⁽⁷⁾, entre outras orientações, o I Plano Diretor tinha como diretrizes "ampliar e coordenar os incentivos à iniciativa privada... nos investimentos industriais;... mobilizar... incentivos para consolidar o parque manufatureiro;... mobilizar recursos para salvar as indústrias tradicionais;... prestar assistência... aos produtores artesanais"⁽⁸⁾. No discurso posto, depreende-se a intenção de industrializar, incentivar a industrialização já existente e promover o artesanato da região. Os investimentos industriais privados seriam canalizados através de incentivos fiscais criados pela Lei 3.995 de 14 de dezembro de 1959, permitindo que as empresas nacionais usassem parte do IR a pagar nos projetos industriais aprovados pela SUDENE; Lei 4,239 de 27 de junho de 1963, estendendo o benefício às empresas estrangeiras. Com tais medidas, buscava-se intensificar a política urbano-industrial tão cara ao empresariado, tanto nacional como estrangeiro. Mecanismos criados para a avaliação do projeto industrial a ser examinado pelos técnicos da SUDENE⁽⁹⁾ não contemplam como importante a quantidade de mão de obra a

ser absorvida (o item relativo ao assunto valia no máximo 5 pontos). O empresariado que iria investir no Nordeste sabia que a mão de obra era barata, mas desqualificada: daí, ele preferia investir em técnicas de produção avançadas, rendendo-lhe alta produtividade e lucro. Segue-se o que já sabemos: as indústrias instaladas usavam pouca mão de obra regional e, ao mesmo tempo, eram fontes de atração da população mal castigada pelas secas; em decorrência, ampliava-se o desemprego e a "inchação" das cidades⁽¹⁰⁾.

Tal perversão gerada por esta realidade descrita inviabilizava a formação de um mercado consumidor nordestino para produtos fabricados no Nordeste, para a própria cultura produzida. Os gastos com a sobrevivência (alimentação, transporte, moradia) inviabilizava a formação de uma poupança capaz de produzir um consumo posterior de bens duráveis ou de bens culturais; mais: inviabilizava a ascensão social da massa de trabalhadores, pauperizada pelos mecanismos que deveriam melhorar-lhe as condições de vida. Os próceres da UDN nordestina, Juraci Magalhães (BA) e Cid Sampaio (PE), falam em "união de forças" em favor das reformas de base⁽¹¹⁾; na AIB, Francisco Julião critica as medidas paliativas dos governadores nordestinos e da SUDENE em relação à reforma agrária⁽¹²⁾ e diz que deseja realizar a reforma agrária de forma pacífica, mas usará de violência se for obrigado pelos latifundiários e reacionários do país⁽¹³⁾; Armando Monteiro Filho, pessedista e usineiro, ministro da Agricultura de Jango, após uma viagem pelo Nordeste declara que o objetivo da reforma agrária seria duplo: aumentar a produtividade da terra e o humanizar o campo; ao mesmo tempo, quase que respondendo a Julião, elogia o plano para a reforma agrária elaborado pela SUDENE⁽¹⁴⁾. Um ano após isto, nada de concreto fora feito e a tensão social prosseguia; Jango movia-se cuidadosamente na camisa-de-força parlamentarista e buscava soluções de consenso que um Congresso conservador estava longe de aprovar. Em agosto de 1962, o gabinete de Brochado da Rocha é abalado por um manifesto das classes produtoras paulistas que acusam a mensagem do governo de conter expressões de tendências comunistas⁽¹⁵⁾, perdendo apoio do setores de centro-direita pessedistas que ainda moviam-se com o governo. Com o retorno ao presidencialismo, após o plebiscito de janeiro de 1963, as frentes ruralistas formadas pelas oligarquias, notadamente nordestinas, se manifestam crí-

tica e abertamente contra os anteprojetos governamentais de reforma agrária; o PSD, de base ruralista nordestina, no dizer de Martins Rodrigues sobre as negociações com as propostas janguistas, "o partido foi até onde podia"⁽¹⁶⁾. A UDN realiza a Convenção de Curitiba onde os próceres do partido repudiam qualquer emenda constitucional disciplinando a questão da terra e uma moderada redistribuição de terras devolutas⁽¹⁷⁾; pelo Nordeste, participaram entre outros da Convenção de Curitiba os governadores Petrônio Portela (PI) e Seixas Dórias (SE), deputados José Sarney (MA), Djalma Marinho (RN), José Carlos Guerra (PE), Wilson Falcão (BA), senadores José Cândido Ferraz (PI) e João Agripino (PB), entre outros⁽¹⁸⁾. Em dezembro de 1963, o PSD rompe com o governo Goulart abrindo caminho para o golpe em abril do ano seguinte. É de se lembrar que todos esses vai-e-vem foram seguidos de manifestações violentas das forças populares em vários estados nordestinos (greves, invasões de terras, incêndios em canaviais) e a reação violenta das forças conservadoras (repressão policial-militar, assassinatos de líderes rurais e de trabalhadores). O ministro do trabalho, Almino Afonso, e o governador de Pernambuco, Miguel Arraes de Alencar, percorrem diversos estados e visitam sindicatos, buscando levantar as massas para pressionar o "Congresso latifundiário"⁽¹⁹⁾; os efeitos são difusos. Ao anunciar a desapropriação das terras às margens de rodovias, ferrovias e açudes federais e ao assinar o decreto de desapropriação no célebre comício de 13 de março de 1964⁽²⁰⁾, Goulart ganha o ódio das oligarquias rurais nordestinas e perde o poder.

O golpe de 1º de abril de 1964 traria de volta ao poder a "ditadura feudal-burguesa, serviçal do imperialismo"⁽²¹⁾, o "Estado de latifundiários e capitalistas ligados ao imperialismo"⁽²²⁾, a conjugação de forças formada por latifundiários, capitalistas pró-imperialismo e burguesia nacional⁽²³⁾, no dizer dos comunistas. Se eles não conseguiram fazer a reforma agrária, se não conseguiam conceituar com lógica o que era a sociedade brasileira, acertaram na fórmula para unir as oligarquias rurais, nordestinas, a burguesia do centro-sul, classe média e militares contra as reformas de base. E com sucesso! Entretanto, o apoio dado pelos setores conservadores nordestinos aos golpistas que se apoderaram do Estado brasileiro não seria regamente recompensado como era de se esperar: ao contrário: a política perversa de dependência regional ira se aprofun-

dar a partir do golpe, ampliando os ganhos da burguesia do centro-sul. O Nordeste passaria a ser apenas celeiro de votos para dar sustentação à farsa bipartidária golpista; região folclorizada pela seca, de mão estendida, esperando verbas federais para as frentes de emergência - a velha "indústria da estiagem" que elegia prefeitos, vereadores, deputados federais e estaduais, todos prontos a balançar afirmativamente a cabeça a um governo que empobrecia a região. Desta maneira, apesar de um certo desenvolvimento localizado (Salvador e Recife), o Nordeste continuou atrasado e miserável, dominado pelo latifúndio improdutivo⁽²⁴⁾.

Notas ao Capítulo III

- (1) Caio Prado Jr. nos informa que em 1907 dos 3.258 estabelecimentos industriais do Brasil, 56% estavam no Distrito Federal, estado do Rio de Janeiro e São Paulo; 15% no Rio Grande do Sul. Dos outros estados, nenhum alcançava 5%. Ver in "História Econômica do Brasil" SP, Ed. Brasiliense, 1954, pp 266 e seg.
- (2) Idem, op. cit.
- (3) Cardoso, Fernando Henrique, "Teoria da dependência ou análises concretas de situações de dependência", Estudos CEBRAP nº 1, SP, 1971, p. 30.
- (4) Sobre as formas de dependência interna, especialmente do Nordeste em relação ao centro-sul veja-se trabalho de Silvio M. Maranhão "Desenvolvimento econômico e dependência interna: o caso do Nordeste do Brasil", dissertação para o grau em Ph. D. pela Universidade de Wisconsin, Madison, 1976, mimeo.
- (5) Em torno destas considerações, ver Francisco Oliveira, "Elegia para uma Re(li)gião", RJ, Ed. Paz e Terra, 1977.
- (6) Oliveira, F. op. cit.
- (7) I Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste, Recife, SUDENE, 1966.
- (8) I Plano Diretor... op. cit.
- (9) MINTER-SUDENE, Depto. de Industrialização, "Incentivos Fiscais e Financeiros para o Nordeste", 1959.
- (10) Furtado, Celso, "O mito do desenvolvimento econômico", RJ, Ed. Paz e Terra, 1974.
- (11) Jornal do Brasil, 25/09/1961; 27/09/1961; 17/10/1961; 28/10/1961; 5/11/1961.
- (12) Jornal do Brasil, 16/09/1961; 19/09/1961; Correio da Manhã, 10/10/1961.
- (13) Jornal do Brasil, 19/09/1961 e Correio da Manhã, 10/10/1961.
- (14) Jornal do Brasil, 15/10/1961.
- (15) Mensagem ao Congresso Nacional, 10/08/1962, Imprensa Oficial.
- (16) O Estado de São Paulo 10/05/1963.
- (17) O Estado de São Paulo 28/04/1963 e o Correio da Manhã 30/03/1963.
- (18) O Estado de São Paulo 28/04/1963.
- (19) Correio da Manhã, 25/05/1963.
- (20) O decreto foi publicado na íntegra nos principais jornais do país a partir de 14 de março.
- (21) Manifesto de Agosto do PCB, citado por Edgar Carone in "O PCB", São Paulo, Ed. Dipel, 1982, Vol. II, p. 108.

- (22) Idem, p. 114.
- (23) Declaração de março de 1958, in Carone, Edgar, 1982, Vol. II p. 176.
- (24) Teixeira, Francisco e Totim, Maria Elizabeth, "História Econômica e Administrativa do Brasil, SP, Ed. Ática, 1989, p. 255.

CAPÍTULO IV

O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL EM PERNAMBUCO E EM RECIFE

O final do século passado marca o início da industrialização no estado de Pernambuco. A presença da usina em substituição ao velho banguê representa o início da passagem do modelo agrárioexportador para as formas do capitalismo regional dependente. O primeiro engenho a vapor data de 1819⁽¹⁾; em 1829, surge a primeira fundição destinada a realizar reparos e produzir peças para os engenhos⁽²⁾; e em 1857 já eram dezoito os engenhos a vapor⁽³⁾. Além do açúcar, o algodão situava-se em uma posição favorável, notadamente durante e logo após a guerra civil americana, revitalizando a economia pernambucana e valorizando o porto do Recife⁽⁴⁾ nas três últimas décadas do século XIX. O reflexo desta vitalidade se manifesta na construção de estradas carroçáveis ligando os pólos produtores do agreste e da mata ao porto do Recife. Porém, foi a chegada da usina que representou o grande impacto industrial sobre o estado: estimula a produção de cal, sacaria e veículos; a sacaria por sua vez estimula a indústria têxtil; provoca mudanças nas relações de produção na área da mata com conseqüente expansão da economia de mercado; expulsa levas de trabalhadores agrícolas para a capital⁽⁵⁾. O salto seguinte seria dado a partir do século XX, na década de 30, quando o modelo agroexportador nacional do café-com-leite será suplantado pela visão industrialista da Era Vargas. Contudo, este processo industrial em Pernambuco está limitado às indústrias alimentícias (o açúcar, sem dúvida) e têxtil; as unidades industriais com menos de seis operários são em número de 1.015, cerca de 80% de todas as unidades⁽⁶⁾, quase empresas familiares; a industrialização está concentrada em quase totalidade no Recife. A capital apresentava condições favoráveis tais como: um grande porto, atraindo o comércio importador e exportador; sedes bancárias; uma classe média capaz de consumir bens; interior sem indústrias (representando um mercado consumidor suplementar); e mão de obra abundante e barata, decorrente do êxodo rural e da abolição da escravidão⁽⁷⁾.

O Estado Novo trouxe para Pernambuco o interventor Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães, legítimo representante local do varguismo nacional. Ao interventor deve-se entre outras coisas: planos de urbanização, dinamizadores do capital imobiliário e da construção civil; plano rododiferroviário que atingiu o sertão do Pajeú e os limites com o Ceará e Piauí, facilitando o escoamento do sisal, do algodão, das atividades agropecuárias (carne, leite, queijos), revitalizando o comércio intermunicipal; criação de hospitais

regionais (Caruaru, Limoeiro, Pesqueira) e de hospitais especializados para as endemias tropicais (lepra, tuberculose); incentivo à educação e cultura estabelecendo clínicas em todos os hospitais ligadas à Escola de Medicina, ampliando a Escola de Engenharia, criando a Escola Superior de Agricultura, o Salão Anual de Pintura, a Orquestra Sinfônica, o Programa Editorial e a Casa do Estudante de Pernambuco (8). Em outras palavras, a ditadura agamenista reforçou a idéia de progresso e de superação do passado através das medidas reformadoras/renovadoras de interventor; sua popularidade vem destas e de outras medidas, além da veiculação por todos os meios da propaganda oficial, um verdadeiro culto à personalidade. Mesmo derrubado o Estado Novo, Agamenon permaneceu (tal qual Vargas) como mito entre a classe média e as massas urbanas⁽⁹⁾. A volta de Agamenon pelo voto se dá com o mesmo discurso da volta de Vargas, ambas ao início dos anos 50: a recuperação social e econômica, de Pernambuco e do Brasil; o mandato anterior fora ocupado por Barbosa Lima Sobrinho, integrado à máquina partidária pessedista. A morte precoce de Agamenon interrompeu o projeto progressista por cinco motivos: politicamente, o PSD começa a ser ameaçado em sua hegemonia pelas forças udenistas e se enfraquece sucessivamente com a eleição por consenso de Etelvino Lins de Albuquerque (eleito pela coligação do PSD, PDC, PSP, PL e pela UDN; as concessões de Etelvino aos udenistas fizeram os coronéis do interior - base eleitoral do PSD - afastar-se do governador) bem como a eleição do gaúcho Osvaldo Cordeiro de Farias, candidato suprapartidário (mas simpatizante do udenismo); além disto, tanto Etelvino como Cordeiro não estavam afinados com o projeto industrial nacionalista de Vargas (ainda vivo) tendo, portanto, um tratamento avaro na divisão das verbas federais⁽¹⁰⁾. Este quadro exdrúxulo (PSD pernambucano contra Vargas, UDN pernambucana próxima de Vargas)⁽¹¹⁾ vai facilitar a eclosão de movimentos populares rurais e urbanos sob a liderança das forças de esquerda, moderadas ou radicais, os quais desempenharão importante papel eleitoral daí para frente; por fim, a crise política era reflexo da crise de hegemonia, em que traços de classe que detinham até o momento o controle da sociedade, solicitando ou impondo a aceitação das massas, já não detém tal controle⁽¹²⁾.

Na verdade, o que estava acontecendo era o deslocamento da dinâmica da acumulação capitalista para pólos de melhor padrão de reprodução (o centro-sul), submetendo as economias regionais. O declínio da agroindústria açucareira, a invasão do Nordeste por produtos oriundos do centro-sul, o enfraquecimento das oligarquias causado pela diminuição drástica das verbas federais (impossibilitadas por isso de exercer com sucesso os mecanismos da compra de votos) criam espaços logo ocupados pelos movimentos populares rurais

e urbanos (a acirrada campanha "O Petróleo é Nosso", as Ligas Camponezas, a formação da Frente do Recife⁽¹³⁾ com a eleição de Pelópidas da Silveira para prefeito) e facilitam a ascensão do udenista Cid Feijó Sampaio (sintonizado com o desenvolvimentismo juscelinista) ao governo de Pernambuco, contando inclusive com o apoio de coronéis pessedistas, insatisfeitos com o jejum de benesses, forçado por Etelvino e por Cordeiro. O mandato de Cid, afóra o que já se conhece sobejamente sobre administração pública no Brasil dos anos 50, destaca-se por colocar como marco desenvolvimentista a criação da Coperbo, vista na época como a "redenção econômica de Pernambuco"⁽¹⁴⁾ e por coincidir com a criação da SUDENE, antecipada aqui no Congresso de Salvação do Nordeste, com ampla participação de todos os matizes políticos, em 1955. As posições do governador, quanto a atuação da autarquia, variam conforme a própria indefinição dela. Num primeiro momento, a autarquia se articula com as forças progressistas do estado objetivando a modernização da economia regional sem questionar a problemática fundiária; aqui, as forças populares saem em defesa do I Plano Diretor⁽¹⁵⁾. Num segundo momento, quando o regime de propriedade passa a ser questionado, a SUDENE se articula com setores das oligarquias agrárias (açucareira, pecuarista e algodoeira) e da burguesia pernambucana para conter o avanço popular. Num terceiro momento, já no II Plano Diretor, a SUDENE facilita o acesso do capital estrangeiro aos investimentos no Nordeste, o que mostra claramente à burguesia pernambucana a revitalização da dependência regional, servindo exclusivamente aos interesses do centro-sul⁽¹⁶⁾; Cid defende e ataca a SUDENE ao sabor das variações de postura da autarquia. A redenção econômica não se concretizaria nem com a recém criada COPERBO, nem com SUDENE; ao contrário, as contradições se aprofundavam tanto no campo político quanto no econômico.

Politicamente, a sucessão de Cid leva à vitória de Miguel Arraes de Alencar com apoio de setores do PSD e, na capital, das forças populares sob o comando das esquerdas. A ascensão de Arraes é justificada mais pela crise de hegemonia das oligarquias⁽¹⁷⁾ do que pelo nível organizacional das forças populares. Ao contrário do que pensavam os comunistas⁽¹⁸⁾, o PSD representado na pessoa do vice, Paulo Pessoa Guerra, era a "cabeça de ponte da reação" contra a Frente do Recife. O curto governo de Arraes levará as contradições políticas das oligarquias à maximização, tensão esta espelhada na crise nacional que levara Jango ao poder; governo que irá se debater permanentemente com fatores de desestabilização, não sendo "povo no poder" (como se anunciava à época), mas a construção de um poder popular numa conjuntura favorecida pela crise de hegemonia das frações tradicionalmente dominantes⁽¹⁹⁾.

Economicamente, o pauperismo da região e do estado, aprofundado pelo desenvolvimentismo perverso da gestão JK, criava tensões sociais principalmente na área rural, local de atuação de Ligas Camponesas e do ruralismo dos padres Antônio Melo e Paulo Crespo, motivando a criação de uma CPI, num Congresso dominado por conservadores⁽²⁰⁾. Os sintomas da pauperização já se manifestaram anteriormente, ao início da década de 50, motivando em agosto de 1955 o Congresso de Salvação do Nordeste, realizado no Clube Português do Recife. O Congresso produziu a Carta de Salvação do Nordeste cujo teor, centralizador e estatizante, pode ser resumido assim⁽²¹⁾: integrar a iniciativa privada através do setor público ao crescimento regional; combater a grande propriedade improdutiva e os efeitos das secas periódicas; incrementar a industrialização; ampliar o mercado interno; defender os produtos regionais. A ascensão de JK aumenta as pressões políticas, formando-se o GTDN, Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste; ao início de 1959 surge a OPENO⁽²²⁾, Operação Nordeste; a 15 de novembro do mesmo ano é criada a SUDENE que, como já sabemos, em nenhum momento questiona o problema fundiário, raiz do pauperismo. Apesar de sua postura crítica no que concerne a atuação da autarquia, Cid se relacionará bem com Jânio quadros e com seu ministro especial, Celso Furtado, sucessores de JK e de seus grupos de trabalho⁽²³⁾, entretanto, a questão agrária continua sem solução: o êxodo rural prossegue, Recife incha, os problemas se agravam, os movimentos populares urbanos e rurais se fortalecem, o modelo econômico privilegia a concentração de renda. A pauperização é um caldeirão de tensões que preocupa inclusive os EUA, escaldados pelo êxito da Revolução Cubana e o alinhamento de Fidel Castro com o bloco socialista⁽²⁴⁾, a "comunistofobia", presente desde o início da guerra-fria, se amplia e se aprofunda, tornado-se uma bandeira de luta das oligarquias divididas, mas ameaçadas em seus bens mais caros: a terra e o poder.

O golpe militar de 1964 interrompe momentaneamente a crise: Arraes e seus colaboradores são derrubados e as oligarquias devididas se unem, momentaneamente, ao redor das fardas mantenedoras da terra e do poder. Paulo Guerra, "cabeça de ponte da reação contra a frente do Recife"⁽²⁵⁾, vice na chapa de Arraes, assume o comando do estado. As velhas oligarquias retomam o poder. As indústrias locais que não servirem aos interesses da burguesia do centro-sul terão dificuldades em sobreviver; as relações de dependência e exploração interregional se aprofundam e o centro-sul terminará por asfixiar todo empreendimento que se lhe oponha resistência. Até a natureza trama contra o parque industrial no Recife: uma enorme cheia no rio Capibaribe, em junho de 1966, arrasa as ins

talações de fábricas de bens duráveis, em especial a ABC, fábrica de rádios e eletrofonos, e a fábrica de discos Rozenblit.

Notas ao Capítulo IV

- (1) Albuquerque, Marcos C.C. de & Nicol, Robert: "Economia Agrícola: Setor primário e a evolução da economia brasileira" SP, Ed. Mc Graw-Hill, 1987, p. 61 a 70 e 90 a 115.
- (2) Idem, ibidem.
- (3) Idem, ibidem.
- (4) Idem, ibidem.
- (5) Albuquerque, Marcos, op. cit. p. 90 a 115.
- (6) Anuário estatístico do Brasil, Ano IV, 1938.
- (7) Melo, Mário Lacerda, op. cit. p. 17 e seg.
- (8) Sobre Agamenon Magalhães muita coisa já se escreveu. As referências feitas aqui foram extraídas da obra de Dulce Pandolfi Chaves "Pernambuco de Agamenon Magalhães", Recife, Ed. Massangana, 1984, ao longo de toda obra.
- (9) Idem, ibidem.
- (10) Idem, ibidem.
- (11) Idem, ibidem.
- (12) Gramsci, Antonio, "Observações sobre alguns aspectos do estatuto dos partidos políticos nos períodos de crise orgânica" in "Obras escolhidas", SP, Ed. Martins Fontes, 1978, p. 196.
- (13) Soares, José Arlindo, "A Frente do Recife", RJ, Ed. Paz e Terra, 1982.
- (14) Mensagem do governador Cid Feijó Sampaio à Assembléia legislativa, Imprensa Oficial, 1960.
- (15) I Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste, Recife, SUDENE, 1966.
- (16) II Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste, Recife, SUDENE, 1986.
- (17) Cid fez um governo acentuadamente partidário, voltado para a UDN, desagradando os caciques pessedistas que o apoiaram, fazendo-os vingarem-se na eleição seguinte. Etelvino (PSD) apoiou João Cleofas de Oliveira (UDN); Armando Monteiro (PSD) lançou-se como candidato sem bases no interior; e Paulo Pessoa, Guerra (PSD) entra como vice na chapa de Arraes (PSD) e coligações). Ver dandolfi, Dulce, op. cit, p. 208.
- (18) A Hora, Recife, 18/05/63.
- (19) Gramsci, Antônio op. cit.
- (20) Correio da Manhã, 27/05/72.
- (21) Congresso de Salvação do Nordeste, "Carta de Salvação do Nordeste e Principais Pontos das Resoluções Finais", Recife pp 6 e ss. Do Congresso, participaram personalidades políticas, religiosas e industriais.

- (22) A OPENO foi comparada por Augusto Frederico Schmidt com "a OPA (Operação panamericana) dos pobres". Jornal do Comércio, Recife, 17/02/59.
- (23) Camargo, Aspásia de Alcântara, "A questão Agrária: crise de poder e reformas de base (1930-1964)", in História Geral da Civilização Brasileira, cap. III, RJ, Ed. Difel 1975, pag. 165.
- (24) Aspásia cita alguns artigos e livros onde intelectuais da direita americana escrevem sobre o caldeirão revolucionário em que se transformara a América Latina no início dos anos 60. op cit. pag. 167, nota 140.
- (25) A Hora, Recife, 18/05/63.

CAPÍTULO I

OS CONCEITOS DE REGIONALISMO E PERNAMBUCANIDADE

Para uma região que se esvazia economicamente após a Segunda Guerra, investir nela poderia parecer loucura; e, no entanto, foi isto que aconteceu: alguns empresários nordestinos acreditaram no discurso desenvolvimentista nacional e regional - este último alimentado posteriormente pela SUDENE - e investiram em seus estados, criando obras importantes, mas que não puderam suportar a concorrência com os empreendimentos do centro-sul, notadamente após o golpe de 1º de abril de 1964. Como explicar esta loucura? Esta "loucura" tem nome: regionalismo; e no caso de Rozenblit, sobrenome: pernambucanidade.

A questão do regionalismo em ciências sociais tem sido vista com reservas por uma parcela considerável de estudiosos⁽¹⁾. Explica-se: buscando regras gerais para compreender a sociedade, certos cientistas sociais temem que uma análise regionalista crie exceções às regras gerais, inviabilizando a construção de um paradigma, de um modelo capaz de se adaptar a toda forma de realidade, ameaçando mesmo a cientificidade da investigação. Outros pesquisadores, ao contrário, debruçam-se neste perigoso abismo do regional buscando compreender-lhe os mecanismos, por vezes diferentes das regras gerais, sabendo que "as diversas regiões de um mesmo país constituem outras tantas subculturas"⁽²⁾. A idéia de região nas ciências sociais emerge assim como divisão do trabalho, uma tipologia familiar, a comportamento político, a produção de cultura, tudo enfim, uma demarcação espacial, uma certa porção geográfica com uma unidade circunstancial de cultura⁽³⁾. Esta idéia nasce da necessidade se compreender a realidade a partir da perspectiva que leve em conta certas condições concretas de vida e de cultura de uma sociedade limitada por um espaço geográfico, um "modo de situar", de procurar ver a região "como uma realidade mais histórica que geográfica e certamente mais social que política"⁽⁴⁾.

O que justificaria tais diferenças regionais? A formação histórica brasileira, a dispersão geográfica colonizadora nos séculos XVII e XVIII - drogas do sertão na bacia amazônica e do rio Paraná, açúcar no litoral nordestino, pecuária no sertão e no extremo sul, ouro de lavagem nas geraes - criando ilhas de civilização⁽⁵⁾, foram as formadoras de particularismos regionais brasileiros, somando-se a extensão da colônia e as dificuldades de comunicação. Ressalte-se, todavia, que tais regionalismos embrioná-

rios possuíam um freio ao crescimento: a centralização política da metrópole, aversa ao fracionamento territorial de uma tão rica colônia. O fim do pacto colonial reacendeu os regionalismos (precedido pela Revolução Pernambucana de 1817, continuado pela Confederação do Equador, pela Cabanagem, pela Balaiada, pela Farroupilha), imediata e ferozmente sufocados pela elite agrária do centro-sul, cujo projeto pessoal era imposto como projeto nacionalista, garantindo-se pela violência a unidade territorial, linguística e cultural do Brasil. O deslocamento do eixo econômico brasileiro para o centro-sul reforçou a consciência de dependência que as outras regiões, em particular o Nordeste, tinham em relação à elite cafeeira, ensimesmando-as, regionalizando-as, fazendo de tais regiões ilhas de civilização, redutos de idiosincrasias, reservas de uma cultura particular, própria, diversa do contexto nacional⁽⁶⁾. Este regionalismo histórico se expressa claramente em nossa literatura do século XIX (Gonçalves Dias em "Canção do Exílio"; José de Alencar e os romances indianistas; Castro Alves com a "Cachoeira de Paulo Afonso", entre outros) e prossegue no alvorecer do século atual (Euclides da Cunha com "Os Sertões" e "À Margem da História"; Oliveira Viana com "Populações Meridionais do Brasil", entre outros), consubstanciando-se com o "Manifesto Regionalista de 1926". Contudo, seria na década de 30 e nas seguintes que o regionalismo como instrumento de análise social, compreensão da realidade, afirmou-se nos meios científicos, em particular com a publicação de "Casa Grande e Senzala" e "O outro Nordeste", respectivamente de Gilberto Freyre e Djalma Menezes, apesar das resistências nacionalizantes do Estado Novo e do desenvolvimento nacionalista do populismo. A obra de Freyre, em especial, despertou a atenção dos cientistas sociais em vários países desenvolvidos cujas sociedades industriais estavam em estágio de estandarização, padronização, uniformização; estes cientistas viam nas regiões subdesenvolvidas reservatórios naturais para os antropólogos⁽⁷⁾ estudarem as diversidades regionais dentro de um mesmo país e as diversidades funcionariam como uma motivação inevitável, uma opção regionalista em ciências sociais⁽⁸⁾. Freyre defende sua interpretação de Brasil através da ótica regionalista porque o Nordeste teve uma concreta e marcante influência sobre a criação de um estilo de vida brasileiro⁽⁹⁾. O raciocínio inverso ao do sociólogo pernambucano também seria válido, no dizer de Nelson Saldanha: apesar da região não ter sido decisiva na formação do contexto nacional, ainda assim o regionalismo teria aplicabilidade ao estudar uma região mais peculiar, mais diferente, mais regional!⁽¹⁰⁾.

A influência de Freyre e de Djalma Menezes na formação de uma ideologia regionalista nordestina foi i-

negável. Freyre, em seus escritos - e foram muitos os livros, artigos, discursos, conferências - e em sua atuação parlamentar, associava ao conceito de regionalismo o de pernambucanidade, conjunto de características culturais exclusivas dos nascidos aqui ou que aqui absorveram a cultura pernambucana⁽¹¹⁾, o modo de ser de Pernambuco, algo indefinível quantitativamente (como de resto, alguns conceitos basilares da teoria gilberteana, municiando seus críticos com argumentos cáusticos e destrutivos), mas palpável nas ações práticas da elite pensante e administradora. A projeção nacional e mesmo internacional de Freyre fazia dele (e das idéias dele) um marco referencial teórico - ideológico para tudo o que se produzia em Pernambuco, apesar da força dos seus críticos. Na década de 50, um outro nome se soma na defesa do regionalismo: Celso Furtado, com "Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste"⁽¹²⁾ e a "Operação Nordeste", inserindo o desenvolvimento regional dentro de uma percepção mais ampla e nacionalizante, na qual a industrialização seria o carro-chefe da transformação econômico-social brasileira. Furtado atende aos reclamos de uma região que adquirira a consciência de sua exploração e marginalização e que traduzira tal postura no "Congresso de Salvação do Nordeste", 1955, consolidado formalmente na "Carta de Salvação do Nordeste e Principais Pontos das Resoluções Finais" com presença e assinaturas de todos os governadores do Nordeste, de outras personalidades políticas, de industriais e intelectuais nordestinos⁽¹³⁾. Da simbiose dos reclamos regionais e das propostas teóricas de Furtado, nasceria a SUDENE cujo I Plano diretor procurava conciliar nacionalismo e projeto desenvolvimentista nacional⁽¹⁴⁾. Porém, pelo que expomos anteriormente⁽¹⁵⁾, a ação da SUDENE reforçou a dependência da região em relação ao centro-sul sufocando as pretensões de se diminuir as disparidades econômico-sociais, as quais se aprofundariam ainda mais após o golpe militar de 1º de abril. Os empresários que acreditaram no projeto regionalista - entre os quais Rozenblit - amargariam o declínio lento e inexorável dos seus empreendimentos, impossibilitados de concorrer com os vultosos recursos alimentadores da concentração de rendas no centro-sul.

Notas ao Capítulo I

- (1) Saldanha, Nelson: "Regionalismo em ciência social: o caso Nordeste", separata do IJNPS/MEC n.ºs. 16 e 17, Recife 1969 p. 63.
- (2) Bourricaud, François: 'Chaiers Internacionaux de Sociologie, VII Annee, Vol. XII, 1952, pag. 155, citado por Saldanha.
- (3) Saldanha, Nelson, op. cit, p. 67 e 68.
- (4) Freyre, Gilberto de Mello: "Manifesto Regionalista de 1926" IJNPS, Recife 1952 (edição modificada).
- (5) Ribeiro, João: "História do Brasil para o curso superior", Ed. Francisco Alves, RJ, 1960, 17ª edição aumentada e revisada pelo autor, citado por Saldanha.
- (6) Nelson Saldanha chama de "Consciência de região, vigente ou latente entre o povo", verificável na pesquisa social através das manifestações culturais daquela região, op. cit p. 69.
- (7) Costa Pinto, L.A: "Sociologia e Desenvolvimento", Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1963, p. 77 e 78, citando Alfred Métraux.
- (8) Saldanha, Nelson, op. cit p. 72 e 73.
- (9) Freyre, Gilberto de Mello: prefácio à 4ª edição de "Casa Grande e Senzala", Ed. José Olympio, RJ, 1950.
- (10) Saldanha, Nelson, op. cit. p. 70 a 72.
- (11) Freyre, Gilberto de Mello: "Manifesto..." op. cit.
- (12) "Uma política..." foi um documento produzido a partir dos dados coligidos pelo Grupo de Trabalho para o desenvolvimento do Nordeste ao início de 1959.
- (13) O Congresso se realizou nas dependências do Clube Português do Recife entre 20 a 27 de agosto e se revestiu da ideologia regionalista enquadrada no projeto desenvolvimentista nacional. Suas resoluções foram publicadas na "Carta...", Imprensa Oficial, Recife, 1955 e nos principais jornais em circulação na região e no Brasil. Entre os participantes do Congresso, autoridades constituídas, políticos, representantes de sindicatos patronais e dos trabalhadores, membros do clero e intelectuais, comerciantes e empresários, o próprio José Rozenblit.
- (14) I Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste, Recife, SUDENE, 1966.
- (15) Ver parte 1, cap. III, p 21 e ss.; cap. IV, p. 30 e ss.

CAPÍTULO II

FORMAÇÃO DO DISCURSO REGIONALISTA

A formação do discurso regionalista, da ideologia regionalista, até o momento não teve uma análise sistemática⁽¹⁾; a historiografia nordestina apresenta grandes lacunas, especialmente nos séculos XIX e XX, sobre o assunto. Preencher estes vazios historiográficos é de suma importância para o entendimento do processo de perda da primazia econômica e política pelo qual passou o Nordeste, da abdicação à Revolução de 30; entretanto, apesar das carências bibliográficas neste campo⁽²⁾, podemos identificar nos discursos regionalistas nascentes no século XIX duas correntes⁽³⁾ formadoras das obras sobre o assunto. A primeira delas se constitui na visão territorial-político-administrativo da região, da província ou estado, até mesmo do município - o espaço de dominação das oligarquias, pouco visualizado em suas relações externas, onde as diferenças e contradições internas são diluídas, as arestas aplainadas. A segunda corrente considera a região como reflexo do espaço nacional, com o mesmo processo histórico, sem caracterizar as diferenças do espaço regional. Cada uma destas correntes reflete o processo histórico em que foi produzida, ora como reações ao centralismo do poder nacional, ora como resultantes de uma fraca articulação regional com o poder nacional.

Foi na década de 30, já no nosso século, que o marasmo destas correntes seria profundamente revisto, alterado, ganhando metodologia própria e reconhecimento nacional e internacional, independentemente de concordarmos ou não com o criador do projeto e sua tese. Na verdade, o regionalismo consolidado como teoria social nascera um pouco antes, com o "Manifesto Regionalista de 1926", expresso como uma concepção/consciência de um espaço geográfico percebido a partir de uma consciência histórico-social⁽⁴⁾; no entretanto, seria com "Casa Grande e Senzala" que o regionalismo consolidado atingiria o apogeu e a glória através de Gilberto de Mello Freyre. Segundo seus críticos mais recentes, o regionalismo gilberteano nasce como produto da crise das oligarquias - o colapso da República Velha - e é uma visão senhorial desta crise, um ensaio atemporal, eclipsando as contradições de classe e de raça⁽⁵⁾; pelo regional se explicaria o nacional e a ênfase dada ao regionalismo seria uma reação das oligarquias nordestinas à Revolução de 30, que suplantou os regionalismos em busca de um projeto nacional, obrigando-as a se ajustar a uma nova ordem social e econômica, onde o açúcar - riqueza destas oligarquias - se internaliza como produ-

duto, passando ao consumo interno do mercado do centro-sul, agora fonte do poder político⁽⁶⁾. Tais malabarismos mentais, apesar de situarem o momento histórico em que se produziu o regionalismo gilberteano⁽⁷⁾, não explicam as reações das oligarquias contra a obra de Freyre; da 1ª edição de "Casa Grande..." (1934) até o início do Estado Novo, críticas cerradas de intelectuais pernambucanos e nordestinos contra o "sociólogo de alfenin" condenavam o livro como anti-científico, literatura de má qualidade, pornográfico... A defesa da cultura africana no Brasil pelo mestre de Apipucos teve como resposta do Estado Novo - aos quais se ligou uma parcela considerável das oligarquias em crise - o fechamento dos terreiros e a perseguição ao culto dos orixás. Com a redemocratização e o maciço reconhecimento nacional e internacional do livro em tela - de sua originalidade, de sua metodologia próxima as obras de ciências sociais norte-americanas, do seu conteúdo, de sua forma estético-literária, de sua profundidade científica, de seu valor como obra-marco, enfim - inclusive pelos ideólogos do projeto nacionalista, o regionalismo gilberteano se afirmou e se ampliou ao longo de outras e numerosas obras. Nelas, Freyre vai valorizar modinhas, lendas, folclore, canções populares, crendices, culinária, a cultura popular nordestina enfim, como fontes da cultura nacional. Esta exaltação do regional e do pernambucano - não esquecer que o conceito de pernambucanidade nasce associado ao de regionalismo desde o "Manifesto..." - irá orientar a produção cultural nordestina, caracterizar a opção de regionalismo e pernambucanidade da Indústria Fonográfica Rozenblit, criar o clima para a formação do Congresso de Salvação do Nordeste e discutir/criticar o aparecimento da SUDENE, sem esquecer o surgimento do IJNPS, uma das mais importantes instituições de estudo e pesquisa no campo econômico e social⁽⁸⁾.

Enquanto Freyre limitava sua análise regionalista ao locus do patriarcado açucareiro - e ele reconheceu isto -, Djacir Menezes com "O outro Nordeste" amplia a visão regionalista para o sertão e articula esta outra concepção espaço-histórico de região dentro da evolução do Brasil e em conexão com o processo de desenvolvimento do capitalismo do ocidente; o capitalismo imprimiria seu ritmo na nossa formação cultural⁽⁹⁾. A crise das oligarquias seria pois bem mais ampla em Menezes, dizem seus críticos: ele vislumbrou as articulações de dependência dentro do capitalismo ocidental, desde a articulação da atividade algodoeira/pecuarista abastecendo os centros produtores de açúcar, passando pela produção açucareira do litoral nordestino servindo aos mercados do centro-sul e estes últimos articulados com a rivalidade hegemônica industrial entre os EUA e a Inglaterra após a Primeira Guerra; con-

soante os mesmos críticos, a visão regionalista de Menezes é, política e ideologicamente, conservadora enquanto ele crê que o Estado Novo combateria a hegemonia paulista na condução do projeto nacional e solucionaria as crises provocadas pelas secas, mantendo as estruturas de poder a âmbito regional⁽¹⁰⁾. O grande mérito de Menezes enquanto cientista social, a par de sua influência na formação da ideologia regionalista, foi o de, como Freyre, analisar a realidade a partir de conceitos os mais variados, chegando inclusive ao materialismo histórico.

Na década de 50, o regionalismo que era identificado pelos críticos como conservador, resultante de uma sociedade agrária, aristocrática, arcaica, sofreria uma oposição teórica: desenvolvimento, associado ao populismo político, notadamente com Vargas e JK⁽¹¹⁾. A idéia de centro-periferia, aplicada entre as economias desenvolvidas e subdesenvolvidas, era transposta para a realidade individual dos países, explicando o atraso regional; desse modo, todo projeto desenvolvimentista só alcançaria pleno êxito quando as diferenças interregionais fossem aplainadas, num esforço ao mesmo tempo de desenvolvimento nacional e de superação do atraso regional. Todos os autores são unânimes em reconhecer que, no caso nordestino, o agravante das secas e suas consquências sociais, além de outros fatos conjunturais, funcionaram como alavancadores da tomada de consciência das disparidades regionais brasileiras⁽¹²⁾; sem dúvida, a intelectualidade produtora de cultura regionalista levantou-se contra o perverso processo concentrador de rendas no centro-sul, notadamente após a divulgação da Contas Nacionais a partir de 1951-1952, animando os políticos a pressionar o aparelho estatal da União na busca de soluções para as disparidades⁽¹³⁾. O teórico da solução foi Celso Furtado: seu regionalismo é visto numa perspectiva industrialista/nacionalista, no qual a manutenção das estruturas históricas (latifúndio, monocultura) que produziram a cultura nordestina no passado seriam hoje (década de 50) empecilhos ao desenvolvimento nacional; mais: as disparidades regionais, se mantidas, se aprofundariam a tal ponto que ameaçariam uma de nossas maiores conquistas históricas, a unidade nacional⁽¹⁴⁾. Em suma: manter o regionalismo sem os inconvenientes históricos que ele gerou. Isto explica porque um dos itens do I Plano Diretor da SUDENE - órgão de planejamento criado por Furtado, tendo sido ele o seu primeiro superintendente - privilegiava as indústrias locais, tradicionais e os produtores artesanais⁽¹⁵⁾. O projeto desenvolvimentista de Furtado contaria com o apoio das esquerdas, dos comunistas, que viam no industrialismo nacionalista a superação da "ditadura feudal burguesa serviçal do imperialismo" e na aliança com a bur

guesia nacional uma etapa necessária para a superação do latifúndio e do imperialismo⁽¹⁶⁾; ou seja, usando o mesmo discurso dualista dos ideólogos oficiais, mesclado com linguagem de inspiração maoísta, os comunistas estavam fazendo o discurso das disparidades regionais e propondo "um programa federal, para o desenvolvimento das regiões mais atrasadas do país, em particular, incentivo à industrialização do Nordeste"⁽¹⁷⁾, apesar de não terem uma teorização exclusiva sobre a questão regional.

Desta maneira, a década de 50 e o início dos anos sessenta viram alastrar-se as discussões regionalistas, tanto no discurso considerado conservador quanto nas propostas neoliberais ou socializantes. Todos os níveis da sociedade (camponeses de Francisco Julião e padre Melo; operários de Gregório Bezerra; estudantes e intelectuais ligados à juventude comunista ou a UNE; udenistas sob a liderança de Cid; pessedistas "rachados", com Etelvino, Armando Monteiro e a ala jovem, com Paulo Guerra; membros do clero progressista e conservador; comerciantes e industriais) foram imersos na ideologia regionalista produzida por Freyre, Menezes e Furtado, entre outros - cabe aqui os nomes da Câmara Cascudo, importante pesquisador da cultura regional; e de Josué de Castro, pesquisando o tema das disparidades regionais⁽¹⁸⁾ - e tal postura invadiria inclusive a produção fonográfica da Rozenblit, privilegiando a produção de discos voltados para a cultura regional, local, como veremos adiante.

Notas ao Capítulo II

- (1) Saldanha, Nelson: "Regionalismo em Ciência Social: o caso Nordeste", separata do IJNPS/MEC nºs 16 e 17, Recife 1969 p. 63.
- (2) A historiadora Suely Robles Reis de Queiroz in "Historiografia do Nordeste" p. 7, comenta tal lacuna.
- (3) Idem p. 36 e 55.
- (4) Freyre, Gilberto de Mello. "Manifesto Regionalista de 1926", IJNPS, Recife, 1952 (edição modificada), p. 14.
- (5) Motta, Carlos Guilherme: "Ideologia da Cultura Brasileira", Ed. Ática, SP, 1985 p. 55.
- (6) Queiroz, Suely... op. cit.
- (7) Motta, Carlos Guilherme, op. cit, p. 58 a 73.
- (8) Francisco Teixeira e Elizabeth Totini in "História Econômica e Administrativa do Brasil", Ed. Ática, SP, 1989, p. 270, consideram o IJNPS, junto a outras instituições nacionais, como divulgadoras do "conhecimento científico não só para o maio acadêmico, empresarial e sindical, mas para toda sociedade. São instituições assim que fazem aprofundar a discussão das ideias, avançar o conhecimento e formar democraticamente o consenso social".
- (9) Menezes, Djacir: "O outro Nordeste", Ed. José Olympio, RJ, 1937, prefácio à 1ª edição.
- (10) Idem.
- (11) Idem.
- (12) Cano, Wilson: "Questão Regional e concentração industrial no Brasil" citado por Menezes.
- (13) Idem.
- (14) Furtado, Celso: "Operação Nordeste", Imprensa Oficial, RJ, 1959, documento produzido a partir dos dados coligidos pelo Grupo de Trabalho para o desenvolvimento do Nordeste.
- (15) I Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste, Recife, SUDENE, 1966.
- (16) Carone, Edgar: "O PCB", Ed. Difel, SP, 1982, Vol. II p. 126.
- (17) Carone, Edgar, op. cit. p. 176.
- (18) Motta, Carlos Guilherme... op. cit.

Parte 3
A indústria fonográfica
no Brasil e a Rozenblit

CAPÍTULO I

ORIGENS E CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA FONOGRÁFICA NO BRASIL

Em 1896, a Beliner Gramophone Co. lança à venda os primeiros discos e gramofones: estava praticamente consolidado o sistema de reprodução do som através de chapas gravadas, desbancando o cilindro gravado (uma invenção de Thomas Alva Edison) e dominando o mercado pelos anos afora⁽¹⁾.

Talvez em 1901 e, mais provavelmente em 1902, Fred Finger, fundador da Casa Edison do Rio de Janeiro, produz as primeiras chapas gravadas com artistas nacionais, nas chamadas séries Zon-O-Phone 10.000 e X-1.000 de discos de 7 a 10 polegadas de diâmetro; estes podem ser considerados os primeiros discos brasileiros. Os jornais da época⁽²⁾ noticiam a grande novidade e a superação dos velhos cilindros pelas chapas (records), como também promovem uma liquidação com preços reduzidos dos equipamentos reprodutores das chapas; nos anúncios, divulgam-se os intérpretes Baiano, Cadete, Banda do Corpo de Bombeiros do Rio - e os gêneros musicais - modinhas nacionais, polkas, maxixes, schottish (o futuro xote). Entre 1902 e 1927, são lançados sete mil discos, mais da metade dos quais pela Casa Edison, para o consumo de um segmento privilegiadíssimo da sociedade carioca capaz de comprar os equipamentos e os "discos"; este período que abarca aproximadamente os trinta primeiros anos do século XX corresponde à fase mecânica das gravações fonográficas no Brasil, superada em julho de 1927 quando a Odeon do Brasil inaugurou a fase elétrica de gravações discos⁽³⁾. Desde a inauguração da Fábrica de Discos Odeon (1913), a primeira da América Latina, Fred Finger passou a prensar discos no Brasil, pelo chamado processo mecânico; em 1927, com o emprego da gravação elétrica no Brasil, surge a série 1001 de onde, provavelmente, o nº 1006 teria sido a primeira gravação elétrica do Brasil, tendo na face "A" o samba "Sem Amor", de Sinhô, interpretado por Carlos Serra, cuja matriz é de nº 1158⁽⁴⁾. Os discos da fase elétrica em 78rpm (rotações por minuto) foram produzidos até 1964, quando o sistema caiu em desuso por conta do aparecimento vitorioso do LP (ca.1953), disco de longa gravação contendo entre quatro e doze músicas. Em 1928, aparece a Parlophon e, no ano seguinte, a Columbia, Victor e Brunswick. Na década de 30, apenas três gravadoras sobreviveram (Odeon, Victor e Colúmbia). Em 1943, surge a Continental e, até 1963, chegamos ao número de 150 gravadoras que, por sua vida efêmera, pouco deixaram em termos de produção discográfica de destaque⁽⁵⁾; na década de 50 e no começo da seguinte, o rádio desempenhou um im

portante papel na divulgação da música popular brasileira, criando a "era de ouro" (1930-1940), assim chamada por ter revelado a maior parte dos grandes nomes da composição e da interpretação: Ary Barroso, Dorival Caymmi, Noel Rosa, Luis Gonzaga, Pixinguinha, Francisco Alves, Silvio Caldas, Orlando Silva, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba, Linda Batista, Nelson Gonçalves, entre outros⁽⁶⁾.

O declínio do número de gravações fonográficas com repertório nacional logo após a Segunda Guerra deve-se à influência do cinema (os musicais dos estúdios americanos) e à presença dos militares ianques entre nós, ao mesmo tempo que ritmos estrangeiros passam a ter registro e preferência no mercado consumidor brasileiro; na verdade, esta influência começara ainda na década anterior⁽⁷⁾ se aprofundara com a ida de Ary Barroso e Carmem Miranda para os EUA⁽⁸⁾ e se consolida com o alinhamento do Estado Novo com os Aliados no conflito de 1939-1945. Se por um lado, os sucessos norteamericanos passam a fazer parte do dia-a-dia dos ouvintes brasileiros, a nossa música não perdeu um grande terreno por outro: o sucesso dos programas de auditório nas emissoras de rádio alimentavam a produção da MPB; novos intérpretes - ídolos, os reis e as rainhas do rádio - se afirmavam, necessitando permanentemente de sucessos, alimentavam a inspiração dos compositores que viam nesses programas o espaço de projeção e reconhecimento para seus trabalhos.⁽⁹⁾ O cinema brasileiro, notadamente com a Vera Cruz e com a Atlântida - esta última produzindo chanchadas carnavalescas, recheada de números musicais - aumentava o consumo de MPB, forçando as gravadoras (Decca, Capitol, Odeon, RCA, Continental, Colúmbia, entre outras) a registrarem aquilo que o mercado desejava ouvir mesmo porque, com a produção de fonógrafos no centro-sul (Philips, GE, Telefunken), o preço do equipamento vai se tornando acessível a um segmento maior de uma sociedade que se urbanizava com rapidez a partir dos anos 50; nesta década, o número de gravadoras se multiplica (ainda que a esmagadora maioria delas tenha uma vida curta)⁽¹⁰⁾ e surgem gravadoras regionais - a "Fábrica de Discos Rozemblit" será delas a mais importante - embaladas no projeto desenvolvimentista e industrialista que se desenhava por esta época. Se bem que o mercado fonográfico estivesse dominado por gravadoras norteamericanas, o ecletismo musical dominava, podendo o ouvinte de rádio escutar sucessos argentinos, mexicanos, espanhóis, franceses e italianos que o cinema destes países veiculava; a música clássica também tinha sua vez e os registros fonográficos das grandes orquestras sinfônicas e do belcanto chegavam ao mercado nacional. Duas novidades tecnológicas alterariam a vida do disco 78rpm: o surgimento do LP (long play records), gravação de 4 a 12 músicas em um mesmo disco;⁽¹¹⁾ e

o hifi (high fidelity), avanço considerável na qualidade do som gravado em estúdio e reproduzido nos equipamentos domésticos; tais mudanças iriam diminuir a produção dos discos 78rpm de maneira lenta e constante até sua extinção em 1964, pois sua prensagem não se adaptava aos avanços tecnológicos da indústria fonográfica internacional⁽¹²⁾. A propriedade de LPs ou de 78 indicava socialmente o status do dono, a qualidade de seu equipamento fonográfico doméstico...

O caminho da internacionalização (leia-se norteamericanização) do mercado brasileiro se abre, inicialmente, com a juventude e o fenômeno do rock ainda na década de 50, com Elvis Presley e outros; ao início dos anos sessenta, os Beatles reforçariam esta tendência de internacionalização direcionando as gravadoras a produzirem para um segmento específico do mercado consumidor, a juventude⁽¹³⁾. Entretanto, o caminho contava com obstáculos, resistências por parte dos puristas, nacionalistas, regionalistas: a bossa nova (ainda que usasse harmonias jazzísticas), o afro-samba (criação de Vinicius e Baden Powell), a valorização da modinha (Juca chaves) e dos ritmos brasileiros (os CPCs, criados pelo movimento estudantil de esquerda), bem como a radicalização do discurso nacionalista desenvolvimentista criavam barreiras⁽¹⁴⁾ - a "Rozenblit" com sua proposta regionalista era uma delas - às gravadoras multinacionais. O golpe de 1º de abril de 1964 derrubou tais obstáculos, alargando o caminho para a invasão de ritmos e gêneros estrangeiros, bem como levantou barreiras para a sobrevivência das propostas nacionalistas/regionalistas no mercado fonográfico - a "Rozenblit" seria uma das vítimas do novo projeto nacional que se implantou com o golpe.⁽¹⁵⁾ A resistência cultural sobreviveu até 1968 (AI-5), nos grandes festivais, nos espetáculos musicais ("Arena conta"...), no teatro até ser, asfixiada e renascer de outra forma, inclusive no mercado fonográfico, com o patrocínio de gravadoras multinacionais; mas as causas para isto escapam aos limites do presente trabalho.

Notas ao Capítulo I

- (1) A invenção de Thomas Alva Edson para a gravação do som consistia num cilindro recoberto de cera cujos sulcos eram feitos por uma agulha e data de 1877.
- (2) Correio da Manhã, 50/08/1902; 14/09/1902.
- (3) Santos, Alcino; Barbalho, Gracio e Azevedo, Jairo Severino M.A. de: "Discografia Brasileira em 78rpm", FUNARTE, Vol. 1.Fls. II.
- (4) Santos, Alcino... op. cit, fls. III
- (5) Santos, Alcino... op. cit, fls. VII
- (6) Santos, Alcino... op. cit, fls. VI. Poucos destes intérpretes e **compositores** continuaram vivos, sendo considerados unanimemente ícones da música popular brasileira.
- (7) Na composição "O cinema falado", Noel Rosa já denunciava a influência norteamericana no português falado no Brasil. Isto em 1933.
- (8) Entre 1944 e 1945, Ary foi duas vezes aos EUA onde participou de vários projetos cinematográficos. Carmem demorou-se mais.
- (9) A Rádio Nacional e a Rádio Mayrinck Veiga eram as grandes emissoras a veicular os programas de auditório.
- (10) Em 1963, o Brasil chegou a ter mais de 150 gravadoras; a concentração industrial pós golpe militar liquidou a quase totalidade delas.
- (11) O disco 78rpm tinha dois grandes inconvenientes: era difícil de manusear pelo peso e se quebrava com muita facilidade pois era feito de ebonite ou goma laca. Só na década de '50 surgiria o disco de resina vinil, logo utilizado pela Rozenblit.
- (12) Santos, Alcino... op. cit., fls III e IX.
- (13) A tendência se mantém hoje com discos da Xuxa, Paquitos, Paquitas, Angélica e outros.
- (14) A xenofobia criada durante o governo Goulart apavorava os empresários das gravadoras multinacionais.
- (15) Teixeira, Francisco M.P. e Totini, Maria Elizabeth: "História Econômica e Administrativa do Brasil, Ed. Ática, SP, 1989 p. 200.
- (16) Idem.

CAPÍTULO II

ORIGENS E CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA FONOGRÁFICA ROZENBLIT EM PERNAMBUCO

Foi dentro do espírito desenvolvimentista regionalista e mantenedor das verdadeiras raízes culturais nacionais que a idéia de se criar uma indústria fonográfica em Pernambuco surge em 1953⁽¹⁾. Os jornais e revistas da época retratam o espírito do empreendimento e as entrevistas de José Rozenblit refletem com clareza o clima desenvolvimentista regionalista, conservador da essência da cultura nordestina e, em especial, de Pernambuco⁽²⁾. José Rozenblit (o principal acionista da indústria fonográfica) nasceu em Recife no bairro da Boa Vista a 23 de janeiro de 1927, nas semanas que antecediam o carnaval; quando do seu nascimento, um bloco carnavalesco desfilava pelas ruas do "bairro judeu" no Recife (ruas Velha, Santa Cruz, Leão Coroado, da Glória). Fez seus estudos no Ginásio Pernambucano, formando-se em Administração pela antiga Universidade do Recife; seguindo a tradição familiar, dedicou-se ao comércio (Rozenblit = sangue rosa, no dialeto dos judeus romenos; idêntica tradição mercantil)⁽³⁾. A ligação entre a comunidade judaica recifense e a intelectualidade pernambucana fazia de Rozenblit um inovador: sua "Lojas do Bom Gosto", primeiro estabelecimento comercial de móveis e decoração, tinha suas vitrines decoradas por artistas plásticos, ganhando vários prêmios instituídos pela Associação Comercial do Recife;⁽⁴⁾ a loja era também uma minigaleria, promovendo a exposição da produção artística local, tanto acadêmica como de vanguarda (a arte moderna do Atelier Coletivo, que funcionava na rua Velha sob a orientação de Abelardo da Hora); além disto, lançava os últimos "designs" em móveis, notadamente o estilo funcional ("pés-de-palito"); por fim revendia discos e eletrofonos (toca-discos), atendendo os clientes ouvintes com cabines individuais para a audição dos discos que desejassem comprar.⁽⁵⁾

Até 1953, a divulgação fonográfica do frevo pernambucano se fazia arbitrariamente pelo representante da RCA-VICTOR: convocava-se a orquestra da Polícia Militar para executar as composições carnavalescas; aquelas que obtivessem mais votos favoráveis dos lojistas presentes à audição, seriam gravadas⁽⁶⁾. De desencantado com este "sistema que colocava na dependência de uma indústria estrangeira a divulgação do que havia de mais expressivo na música pernambucana",⁽⁷⁾ limitando também a gravação de outros gêneros (o maracatu, o frevo-de-bloco), Rozenblit resolve inverter o processo e inovar: o maestro e arranjador Nelson Ferreira é convoca-

do para selecionar duas composições que garantissem sucesso de venda a fim de serem gravadas aqui e prensadas no Rio. As composições selecionadas foram "Come e Dorme" (frevo-de-rua, de autoria de Nelson Ferreira) e "Boneca" (frevo-canção de José Menezes e Aldemar Paiva, interpretado por Claudionor Germano)⁽⁸⁾. Com a fita, José dirige-se a fábrica SINTER e, com grandes dificuldades, consegue prensar 2.000 discos em 78rpm em outubro de 1953. O sucesso da primeira prensagem pedia uma segunda, o que foi conseguido com maiores empecilhos em função do boicote imposto pelas grandes gravadoras. Ambas as prensagens já saíam com a etiqueta "Mocambo"⁽⁹⁾ e o número de série 15.000; nascia também a decisão de criar uma indústria fonográfica em Pernambuco. Tal empresa, além de atender ao comércio local, poderia prensar também os sucessos internacionais; os representantes das pequenas gravadoras norte-americanas, notadamente o representante de Mercury, incentivaram o projeto e serviriam de mediadores na compra dos primeiros equipamentos. A 11 de junho de 1954 nasce a empresa "Fábrica de Discos Rozenblit Ltda" reunindo José (como sócio majoritário) e seus irmãos.⁽¹⁰⁾

Inicialmente, as tiragens eram modestas, comparando-se com o número de cópias prensadas pelas multinacionais. De um 78rpm tiravam-se 2.500 cópias, sendo 500 para a distribuição (lojas de discos/emissoras de rádio), de um LP 10' (de produção mais cara), 1.000 cópias; do LP 12' (mais rentável), 2.000 cópias; por fim, os compactos, com 2.000 cópias. As grandes tiragens, correspondendo aos grandes sucessos musicais, alcançavam três mil a quinze mil cópias em 78rpm⁽¹¹⁾. Ao mesmo tempo, Rozenblit associaria à indústria fonográfica a "Gráfica Rozenblit", produzindo as embalagens (capas) para seus discos, além dos selos de identificação e os encartes. Nos lançamentos de discos estrangeiros, aproveitavam-se as fotos originais e traduzia-se o texto, numa perfeita truçagem com os fotolitos; antecipando-se às multinacionais, a "Rozenblit" comprava as matrizes dos discos estrangeiros, prensava-as e as lançava no mercado nacional em simultaneidade com os grandes centros internacionais⁽¹²⁾. Buscando ampliar seus espaços, a "Rozenblit" criou filiais no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre; ao mesmo tempo, modernizava seus equipamentos, introduzindo em seu estúdio de gravação (um dos maiores da América do Sul, capaz de conter uma orquestra sinfônica, bandas militares, grupos corais) o Hifi (sigla de high fidelity, alta fidelidade, "avô" do som estéreo)¹³. O sucesso da indústria Rozenblit levou-a a promover nacionalmente o lançamento do disco 15.142, "Evocação nº 1", de Nelson Ferreira, na interpretação do coro feminino do Bloco Batutas de São José, no Programa César de Alencar, na Rádio Nacional PRE-8, líder

nacional de audiência dos sábados à tarde, em janeiro de 1957. O frevo de bloco foi um sucesso, apesar da letra ser entendida como uma homenagem ao líder dos integralistas - dizia a letra "Felinto, Pedro (Plínio) Salgado, Guilherme, Fenelon, cadê teus blocos saudosos?..." A competência da gravadora pernambucana venciu o tempo quando se desejava o pioneirismo. Confirmada pelo rádio a vitória da seleção canarina nos campos da Suíça em 1958 e sabendo-se do retorno dos jogadores brasileiros com uma escala em Recife, foi gravado, prensado, encartado e distribuído nas emissoras de rádio locais o disco 15.228 contendo a composição "Brasil, campeão do mundo" de autoria de Nelson Ferreira e Aldemar Paiva, na interpretação de Claudionor Germano.

Mesmo com a diminuição nos custos de produção do LP 12' (disco com doze faixas de gravação), o disco de 78rpm (a "bolacha-preta")⁽¹⁴⁾, pelo seu baixo custo, preço final e facilidade de penetração nas camadas médias e populares, continuou sendo produzido em larga escala, desaparecendo definitivamente na primeira metade da década de 60. Durante seu período áureo (1959-1966), a "Rozenblit" representou a única grande indústria fonográfica fora do eixo centro-sul, mantendo intensa atividade produtiva, chegando a ter 22% do mercado nacional e 50% do mercado de música regional⁽¹⁵⁾, além de filiais no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul⁽¹⁶⁾; grandes artistas internacionais de passagem pelo Recife gravaram na etiqueta "Mocambo"⁽¹⁷⁾ na série 15.000; o início da década de 60, com a vitória do LP 12' sobre o 78rpm, a "Rozenblit" prensaria a matriz com as músicas do I Festival da Música Popular Brasileira, 1965, promovido pela TV Record⁽¹⁸⁾, além de gravar com nomes que despontavam no cenário musical brasileiro - Elis Regina, Eliana Pittman entre outros - na etiqueta AU (Artistas Unidos)⁽¹⁹⁾. Muitas vezes, a "Rozenblit" comprava matrizes das pequenas gravadoras norteamericanas que não possuíam grande penetração no mercado nacional e prensava estes discos, antecipando futuros sucessos; o representante da gravadora Mercury foi um dos grandes incentivadores deste projeto.⁽²⁰⁾

O sucesso da Rozenblit começou a incomodar as grandes gravadoras internacionais: primeiro, porque ela era um concorrente em potencial na prensagem de matrizes norteamericanas, rompendo o monopólio estabelecido aqui pelas grandes gravadoras; segundo, porque ela penetrava no ascendente mercado de música popular brasileira - nascido com os festivais - impregnado de nacionalismo/desenvolvimentismo que o golpe militar de 1º de abril de 1964 não conseguiu sufocar de imediato; terceiro, porque a indústria fonográfica pernambucana detinha considerável parcela do

mercado de música regional, consumida pelos migrantes nordestinos no centro-sul, para onde se deslocaram afugentados pelas secas e na busca de trabalho, ou consumida na própria região de origem.

No ano de 1965, a "Fábrica de Discos Rozenblit" era uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada⁽²¹⁾ sendo os irmãos Isaac e José Rozenblit sócios majoritários, tendo um capital social no câmbio da época \pm US\$ 161,714,28 e vendeu duzentos e vinte mil discos (entre compactos duplos, simples e LPs); além do parque fonográfico, havia o parque gráfico, o maior do norte/nordeste à época. A empresa situava-se na Estrada dos Remédios, nº 885, no bairro de Afogados, em terreno de 14.000 m² empregando 155 pessoas e com lucro anual de \pm US\$ 15,756,64 (valores à época); as despesas situavam-se em \pm US\$ 42,511,72 (a valores à época), correspondendo a salários, encargos sociais, matéria-prima, despesas com compositores, maestros, artistas, entre outras. As edificações consistiam em um estúdio de gravação, parque fonográfico e gráfico, tinha equipamentos variados, como impressoras off set, máquinas de imprimir, máquinas de copiar, de contar e de dobrar papel; bobinadoras, rebobinadoras, cortadores longitudinais e transversais; gravadoras profissionais de 2, 3 e 4 canais; câmaras de eco; toca-discos profissionais; microfones de estúdio; mesas de controle, além dos acessórios indispensáveis a todos estes equipamentos, correspondendo a uma das mais modernas gravadoras da América Latina e a única do Brasil, fora do centro-sul, com um percentual de nacionalização de 100%. O consumo de luz equivalia a 720.000 KWH anuais! Para a fabricação de discos, o único componente importado era o acetato, proveniente dos EUA, correspondendo a 4% dos custos; São Paulo (principalmente) e Recife (em menor escala) eram os centros fornecedores das outras matérias-primas, fazendo da "Rozenblit" uma empresa consumidora da produção local e nacional em 96% dos insumos necessários para a indústria fonográfica.

Entretanto, duas forças se juntavam para derubar esta potência: a proposta regionalista que se contrapunha ao Projeto nacionalista-desenvolvimentista nascido com o golpe de 1964; e os interesses multinacionais, fortalecidos com o golpe. A grande cheia do Capibaribe em 1966 ajudou estas duas forças a destruírem a "Rozenblit".

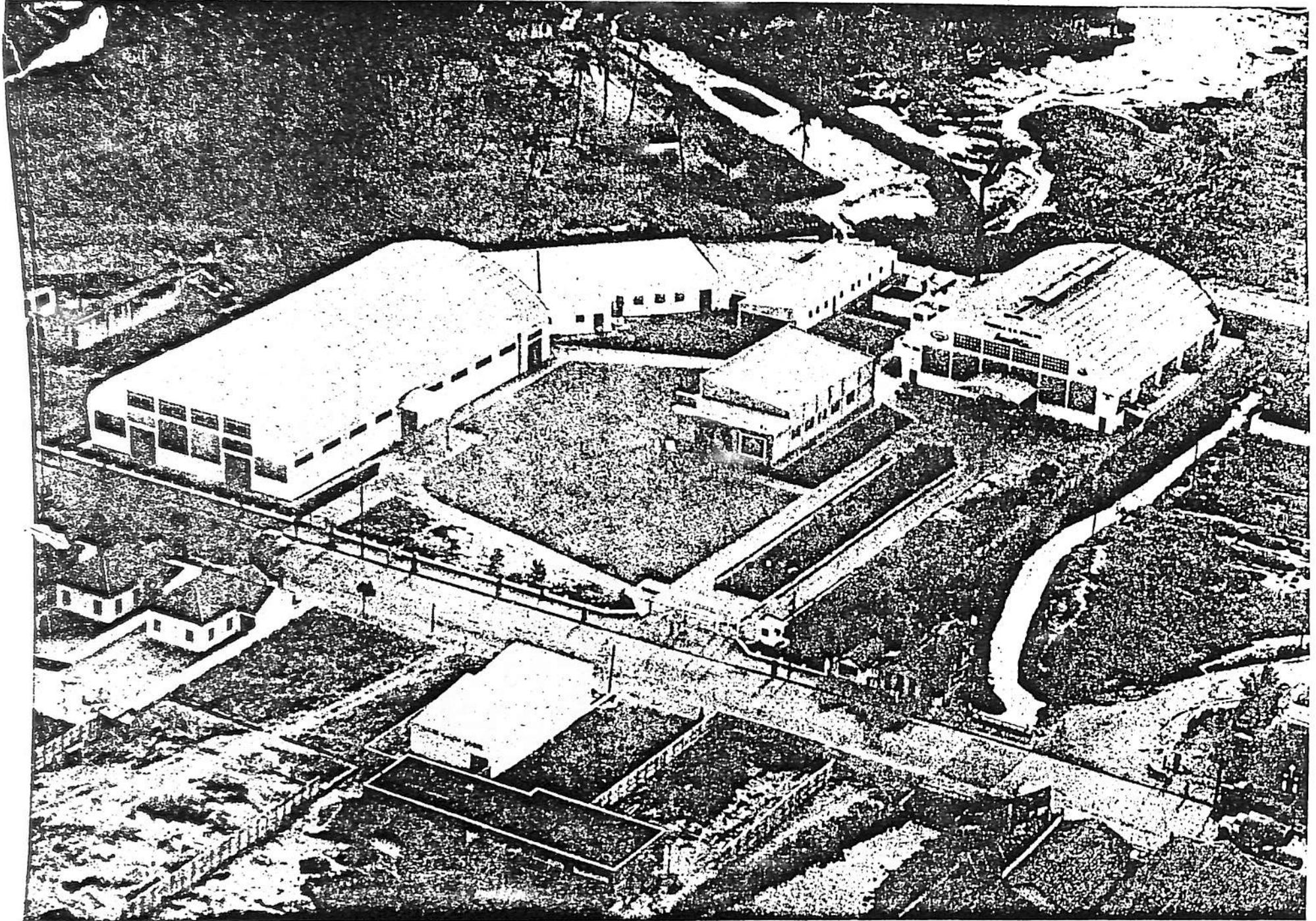
Notas ao Capítulo II

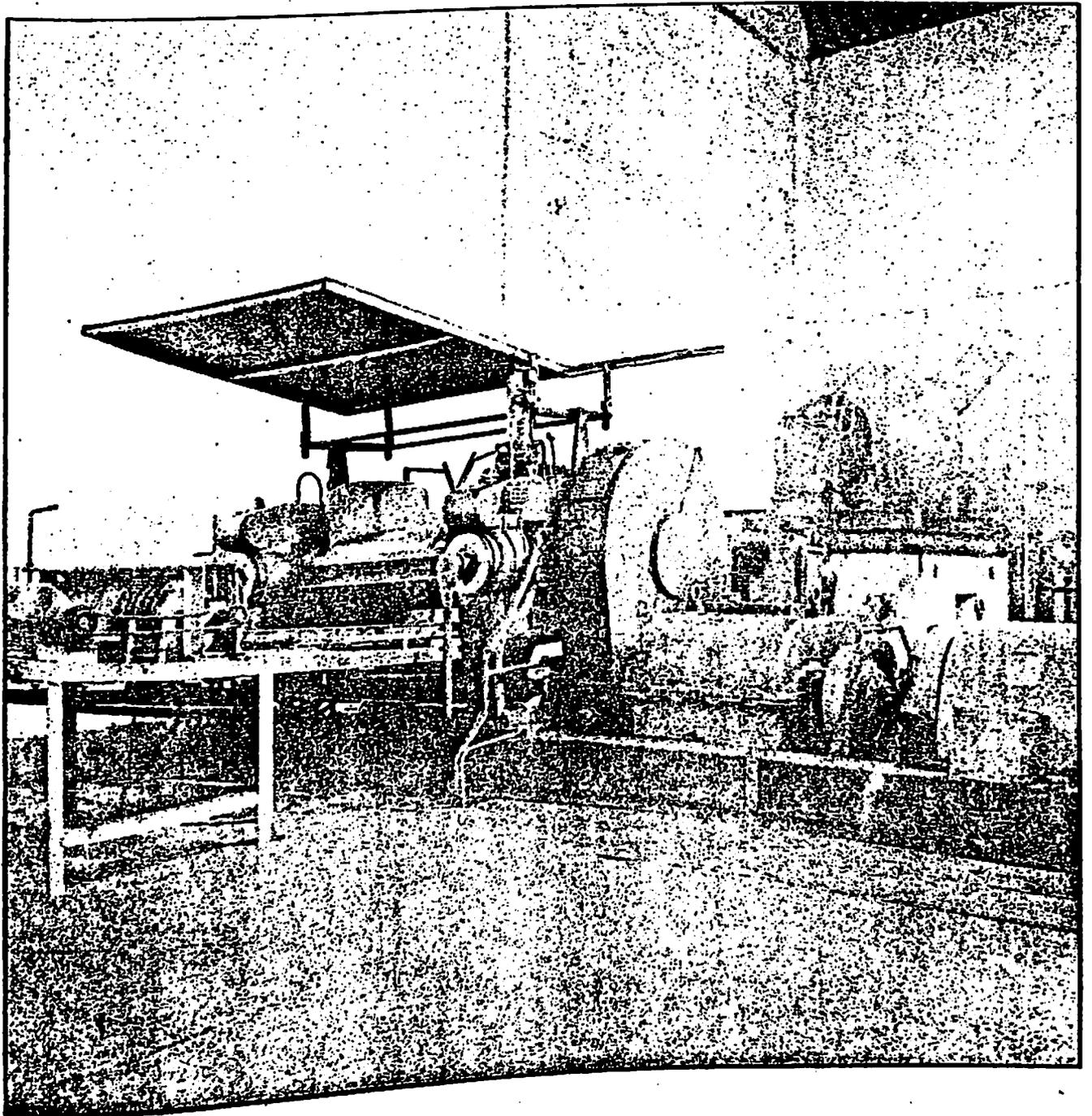
- (1) O projeto de Rozenblit de criar uma fábrica de discos se dá no ano da campanha "O Petróleo é nosso" quando as discussões nacionais e regionais se aprofundam durante o 2º mandato de Vargas (1951-1954).
- (2) Sobre os jornais que falam da gravadora Rozenblit, ver bibliografia.
- (3) Entrevista com José Rozenblit, novembro de 1989.
- (4) Entrevista com Abelardo da Hora, janeiro de 1990.
- (5) Entrevista com Claudionor Germano, abril de 1989.
- (6) Hugo Martins (diretor da Rádio Universitária FM e da TV Universitária) em entrevista, fevereiro de 1990, confirmar tais informações e lembra que, na década de 30 e começo da de quarenta, muitos frevos pernambucanos, gravados pelas indústrias fonográficas multinacionais sediadas no centro-sul, saíam com o gênero de "marcha pernambucana" ou simplesmente "marcha".
- (7) Nota-se nas palavras de Rozenblit o conteúdo de regionalismo e pernambucanidade.
- (8) Entrevista com Claudionor Germano.
- (9) A idéia de se dar a uma etiqueta de discos o nome "Mocambo" surgiu de uma reunião entre Rozenblit e o maestro Nelson Ferreira, na busca de algo que caracterizasse bem a cultura pernambucana.
- (10) Usando recursos próprios, acumulados com suas atividades comerciais, os irmãos Isaac, José e Adolfo Rozenblit montaram a empresa.
- (11) A confirmação dos dados é feita por alguns intérpretes contratados pela "Rozenblit", como Claudionor Germano e Expedito Baracho. Entretanto, ambos reclamam da falta de controle na quantidade de discos prensados - sobre os quais os intérpretes ganhavam um percentual - e em suas entrevistas declararam que, muitas vezes, a prensagem ultrapassava os números citados por Rozenblit.
- (12) Exemplos disto foram os discos em compacto simples, duplo e LP das séries 11.000, 30.000 e 40.000. Todavia, tais lançamentos não fazem parte do presente trabalho.
- (13) Tal fato se deu a partir de 1959.

- (14) Apelido carinhoso dado nos meios fonográficos aos discos 78rpm
- (15) Entrevista com José Rozenblit.
- (16) As filiais demonstram não só a punjança do preendimento bem como a necessidade de situar a empresa junto aos centros de sucesso musical.
- (17) Bienvenido Granda, grande intérprete argentino de boleros gravou um samba-canção e um merengue baião, disco 15.550; Rick Valente, autor do sucesso "La Bamba", gravou duas músicas sem especificação do gênero musical da etiqueta, disco 15.311, entre muitos.
- (18) A vitoriosa deste festival foi a música "Arrastão" (Vinicius - Edu Lobo), gravada em compacto pela Rozenblit.
- (19) Entrevista com Claudionor Germano.
- (20) Entrevista com José Rozenblit.
- (21) Os dados citados neste parágrafo foram extraídos do processo SUDENE - 2.137/66, parecer DI - 254/68, referente ao pleito da "Rozenblit" para a recuperação e ampliação do parque industrial, data de referência 10 de setembro de 1968.

Em 1965, o capital social da "Rozenblit" estava dividido entre os irmãos José, Isaac (407.520 cotas cada) e Adolfo Rozenblit (271.680 cotas) que representavam ativa e passivamente a empresa; Aaron Bernardo Sordeman (44.576), Ayrton Pedreiras, Zacarias Siqueira de Oliveira (352 cotas cada) eram sócios minoritários. A empresa trabalhava 300 dias por ano, 8 horas por dia e gozava de excelente saúde financeira - não tinha concorrentes em todo norte/nordeste; não dependia de terceiros para a produção dos seus discos, controlando o processo desde a criação da música à venda do disco; possuía filiais no Rio, S.Paulo e Porto Alegre; através da etiqueta AV (Artistas Unidos), começava a contratar os novos valores da MPB, revelados no I Festival da MPB veiculado pela TV Record (ver nota 19) - o que demonstra a afirmação final deste capítulo: a proposta regionalista da "Rozenblit" e a multinacionalização da indústria fonográfica levaram o empreendimento a um beco sem saída, agravado com as enchentes de 1966 e 1975.

Nosso Parque Industrial

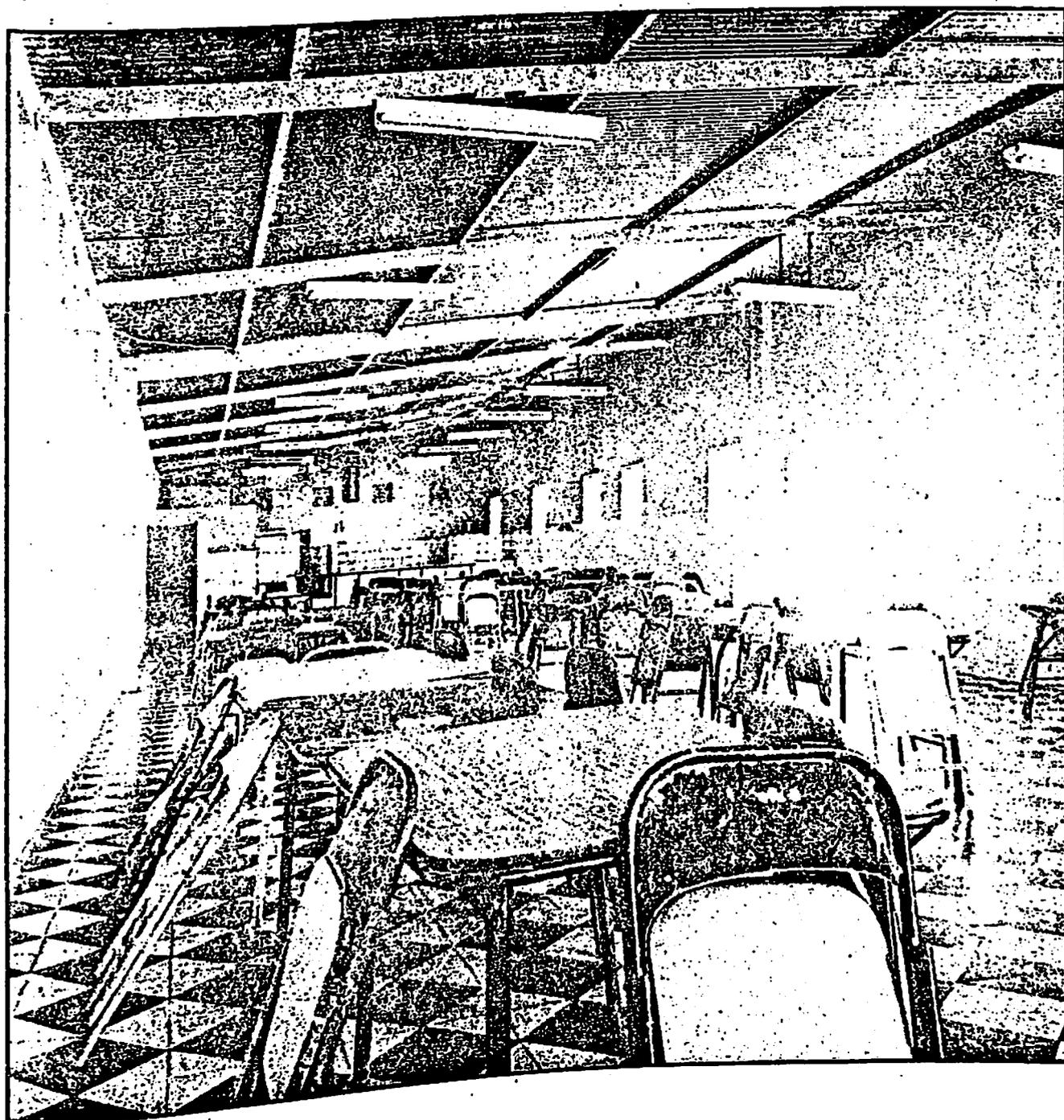




VISTA DA CALANDRA
Preparação de Massa para fabricação de discos



SEÇÃO GRÁFICA
Sistemas: tipográfico e offset



VISTA INTERNA DO REFEITÓRIO

CAPÍTULO III

O DECLÍNIO DA ROZENBLIT (1965-1989)

Com o advento do videoteipe (1966), as emissoras locais de TV passam a veicular a programação musical do centro-sul, notadamente da TV-Rio e TV Record⁽¹⁾. A sedimentação da bossa-nova, a formação do gênero MPB (ritmos brasileiros tradicionais pasteurizados pela esquerda universitária) e do iê-iê-iê (o rock nacional)⁽²⁾, passam a ser conhecidos e adotados por todo o país como os verdadeiros exemplares da autêntica música nacional, independentemente de regionalismos. A ida de cantores e intérpretes nordestinos para o sudeste cria a falsa impressão de unidade musical; mais uma vez, o Nordeste é apenas o filão do folclórico, do autenticamente povo, do verdadeiramente brasileiro. A zabumba, o triângulo, a sanfona são substituídos pela guitarra elétrica e por arranjos dramatizados: a apresentação da música de Théo/Vandré ("Disparada")⁽³⁾ trouxe uma queixada de burro (!) como instrumento de percussão, caracterizando fielmente (?) o clima de seca, a miséria, o ar agreste e rude; aquela imagem forte, teatral, representação parcial da concretude, passa a ser, no imaginário nacional, o verdadeiro Nordeste.

Mas, da Bahia para cima, no verdadeiro Nordeste, não era mais possível competir com o arremedo da verdade, pois a falsa imagem passa a ser a vera ícone, sacralizada pelos meios de comunicação sediados no centro-sul; por outro lado, as gravações não mais seriam aqui, no Nordeste: os astros da canção nordestina passam a gravar seus discos fora daqui, transformando a "Rozenblit" em mera prensadora de matrizes fonográficas⁽⁴⁾. Mesmo tentando ganhar garantir seu espaço, a "Rozenblit" envolve-se demais nas malhas do regionalismo conservador, reduto de brasilidade; não era mais este Nordeste que os meios de comunicação de massa (a TV a frente) queriam veicular. A música pop internacional, Beatles pós-Sargeant Peppers, massificava os ouvidos com o som de suas guitarras; Gil, Caetano, Tomzé, Rogério Duprat, Capinan, "Os Mutantes" fundiam baião e rock, para horror dos puristas da MPB, desencadeando o Tropicalismo⁽⁵⁾. Os grandes festivais da TV Record eliminavam tudo que parecesse anacrônico (frevo de bloco, maracatu, quadrilha, xotes...); o regionalismo estava nordestinado à vala comum dos Severinos. A tudo isto, soma-se as grandes cheias do Capibaribe (1966-1975) que destruíram/sepultaram, não só os equipamentos, como também as matrizes de incontáveis obras-primas da expressão de regionalismo pernambucano⁽⁶⁾. A "Rozenblit" tentou, junto à SUDENE em

1967 e 1968, renovar sem parque industrial (fonográfico e gráfico), tendo recebido parecer favorável ao pleito⁽⁷⁾. Todavia, a veiculação do eletrificado frevo baiano ("Atrás do Trio Elétrico" de Caetano Veloso, 1972), dos arranjos elaborados de forma moderna para músicas regionais (Quinteto Violado, em "Asa Branca"; Alceu Valença em "Espelho Cristalino"; o LP "Acabou chorare" dos Novos Baianos, ao início da década de 70) inviabilizaram o projeto fonográfico regionalista: tudo teria que ter linguagem nacional ou internacional⁽⁸⁾. A "Rozenblit" resistiu, repreendendo velhos sucessos carnavalescos, gêneros juninos (cuja deturpação no centro-sul, levou ao execrável verso de duplo sentido, tipo "Procurando Tu", "Você tá Boa", "Que diabo você tinha" e outros, típicos do governo Médici, 1969-74)⁽⁹⁾, sendo apenas a partir daí uma pálida sombra do que fora nos anos 50. Sufocada pelas dívidas, sem campo de ação nem mercado para seus produtos, sem patrimônio vai a hasta pública e José Rozenblit arca com uma ordem de prisão; poucas vozes se levantam em defesa de quem criara com seu ideal o mais importante parque industrial fonográfico do Norte/Nordeste e alimentava o sonho do desenvolvimentismo, regionalismo e pernambucanidade em 78 rotações.

Não se deve esquecer aqui as condições históricas geradoras de tais fatos. O golpe de 1º de abril de 1964, logo no governo do marechal Castello Branco, criou uma política recessiva e entreguista, denunciada pelos próceres do capitalismo nacional, o senador José Ermírio de Moraes⁽¹⁰⁾, e favorável a remessa de lucros ao exterior por parte das multinacionais, fazendo delas concorrentes desleais dos empreendimentos nacionais e regionais. A sobrevivência desses empreendimentos só seria possível com associações ou fusões empresariais, o que nem sempre era possível ou permitido, levando à falência milhares de pequenas e médias empresas nacionais⁽¹¹⁾; o marechal Costa e Silva redirecionou a política econômica, reduzindo o controle sobre o crédito, evitando a estratégia de "terra arrasada", praticada por seu antecessor cujos efeitos conhecemos de sobra. A administração do general Médice consolida o domínio das empresas multinacionais em importantes setores da indústria - era o "milagre brasileiro" baseado no endividamento externo e na sujeição de nossa economia aos interesses internacionais - favorecendo indiretamente a indústria fonográfica estrangeira aqui sediada. O general Geisel, continuou no plano econômico, as políticas anteriores e Figueiredo instalou a "estagflação", reunindo dois fenômenos difíceis de serem encontrados juntos nos manuais de economia: estagnação econômica e altos índices de inflação, mistura ideal para destruir as indústrias nacionais e locais⁽¹²⁾. O desfecho desta alquimia foram os planos heterodoxos da administração Sarney, concluindo a obra dos governos militares.

Notas ao Capítulo

- (1) O recurso do videoteipe acabou com as transmissões ao vivo feitas em estúdio e sujeitas a erros. Com a gravação em fita, as imperfeições poderiam ser corrigidas e o espetáculo apresentava um nível técnico excelente para os padrões da época. O primeiro artista nacional a utilizar criativamente o videoteipe foi Chico Anísio: usando os recursos da gravação, "contracenava" consigo próprio.
- (2) As gravações multinacionais criaram uma "rivalidade" entre os apreciadores de MPB e de iê-iê-iê, estimulando fã-clubes e promovendo o aumento nas vendas de discos.
- (3) II Festival da Música Popular Brasileira na TV Record, 1966.
- (4) É claro que os artistas do sul também deixaram de gravar na "Rozenblit".
- (5) O tropicalismo buscava misturar, fundir, todas as influências estrangeiras à MPB, usando para isto todos os recursos tecnológicos da época (instrumentos eletrônicos, instrumentos acústicos, percussão). O marco do tropicalismo em disco foi o LP Panis et circens, 1968.
- (6) Situada no bairro recifense de Afogados, a Indústria Fonográfica Rozenblit Ltda, ficou literalmente debaixo d'água durante os episódios das enchentes. O prejuízo foi total.
- (7) SUDENE, processo 2.137/66, deferido a 10 de setembro de 1968. Certas exigências feitas pela SUDENE e a concorrência com as multinacionais impossibilitaram a recuperação da "Rozenblit".
- (8) O mercado consumidor de discos ficava cada vez mais exigente não só com a qualidade do som (a tecnologia do som estéreo chegou ao final da década de 60) como o apuro dos arranjos musicais da obra gravada.
- (9) Muita "picaretagem", oportunismo, desrespeito nortearam o lançamento fonográfico de tais aberrações, apresentadas como produtos regionais típicos nordestinos. Infelizmente, intérpretes e compositores nordestinos buscaram este filão pornográfico para se promoverem no centro-sul.
- (10) Teixeira, Francisco M. P. e Totini, Maria Elizabeth: "História Econômica e Administrativa do Brasil", Ed. Ática, SP, 1989, p. 211.
- (11) Idem, p. 222.
- (12) Idem, p. 236.

Parte 4
A produção da Rozenblit
em 78r.p.m. (1953-1964)

CAPÍTULO I

A SÉRIE 15.000

Por questões comerciais, inclusive de contabilidade, as gravadoras (tanto estrangeiras como, mais tarde, as nacionais) identificavam os discos usando na área central deles um selo ou etiqueta de formato quase sempre circular, contendo o nome da indústria fonográfica, o título da música e um número de série⁽¹⁾. Fred Finger, fundador da Casa Edison no Rio de Janeiro, usou nas primeiras gravações com artistas nacionais as séries Zon-o-Phone 10.000 e X-1.000. Com o passar do tempo e para caracterizar com mais precisão o registro fonográfico, os selos ou etiquetas passaram a conter mais informações, como o intérprete, o gênero musical, autor ou autores, data da gravação, estúdio de gravação⁽²⁾; todavia, isto nem sempre aconteceu e, nas primeiras décadas de produção fonográfica, a etiqueta colada no disco não pode servir de fonte segura para o pesquisador da História da Música Popular Brasileira⁽³⁾. Sem dúvida, o Estado fiscal, ávido de impostos, e a organização dos artistas, na defesa dos direitos autorais, obrigou as gravadoras a partir da década de '50 a padronizar as informações contidas na etiqueta dos discos; as etiquetas, ao início do século, eram confeccionadas com letras em ouro, requinte abandonado ao longo dos anos quarenta, substituindo-se o dourado pela cor prata, abandonando-se também formatos não-circulares - hoje raridades para colecionadores⁽⁴⁾. Foi a partir do número de série estampado nas etiquetas que se tentou fazer as primeiras classificações discográficas (Almirante na década de '30; Alcino, Gracio e Nirez, na década de '50; Jairo, ao final dos anos sessenta); a reunião destas classificações e dos pesquisadores envolvidos resultaram na obra "Discografia Brasileira em 78 rpm", em cinco volumes, referência indispensável a qualquer pesquisador que deseje estudar o assunto. A obra foi uma edição da FUNARTE.

Para dar início à produção fonográfica pernambucana, José Rozenblit escolheu para a série de discos 78 rpm o número 15.000 e para denominação da série, "Mocambo"; a escolha da denominação da etiqueta parece uma tentativa em conciliar o discurso desenvolvimentista - a indústria fonográfica - com o discurso regionalista - o mocambo. A etiqueta circular em cor prata trazia no espaço do arco superior a reprodução estilizada de um mocambo sobreposto a uma semínima, a marca visual da audácia regionalista; o restante do espaço da etiqueta era utilizado para registrar: o título da música; o gênero musical; autor ou

autores; intérpretes; informações técnicas ou exigidas por lei; e o número de série. O mocambo é tão típico da região e, em especial, de Pernambuco, que Recife ficou conhecida como a "cidade dos mocambos"; estas habitações, antes características das áreas rurais açucareiras, transplantou-se para as regiões que se urbanizavam junto com as populações marginalizadas pelo declínio dos banguês e a mecanização trazida pelas usinas⁽⁵⁾. O ESTADO NOVO na pessoa do interventor Agamenon Magalhães preocupou-se com a população moradora dos mocambos⁽⁶⁾ e nos anos sessenta ela já era quase metades dos habitantes do Recife⁽⁷⁾; Rozenblit, pernambucano de Recife, conheceu de perto este tipo de construção e-naltecida por Gilberto Freyre como o exemplo da arquitetura popular lusotropical⁽⁸⁾, um símbolo portanto a ser perpetuado como representação da cultura regional, ao mesmo tempo antiga (a construção) e moderna (a gravadora). Quando da gravação do disco que iniciaria a série 15.000 de discos em 78 r.p.m., Rozenblit reuniu-se com o maestro Nelson Ferreira em busca de uma marca para o selo que representaria a nova gravadora, a idéia "Mocambo" surgiu quase que automaticamente⁽⁹⁾, consubstanciando o que Pernambuco tinha de mais característico em sua regionalidade, agora transformado em marca visual do seu progresso, de sua integração ao projeto desenvolvimentista nacional sem perder a essência regional.

A série 15.000 tem um início controvertido: José Rozenblit afirma⁽¹⁰⁾ tê-la criado em outubro de 1953 com a gravação do frevo de rua "Como e dorme" (Nelson Ferreira) e do frevo canção "Boneca" (Aldemar Paiva e José Menezes, interpretado por Claudio Germano), realizada nos estudios da PRA-8 Rádio Clube de Pernambuco, e prensada pela SINTER, gravadora carioca⁽¹⁰⁾; a bibliografia disponível nos informa o mês de outubro de 1955 como sendo o começo da referida série⁽¹¹⁾. A diferença se explica porque a fonte bibliográfica registra a 3ª prensagem dos primeiros exemplares da série 15.000, feita já em Pernambuco nas instalações da fábrica Rozenblit inaugurada naquele ano.

Na série fonográfica em questão, foram gravados dos 560 discos de 78 r.p.m, face dupla, totalizando 1.120 gravações cujo conteúdo se enquadra perfeitamente nos ideais de regionalismo e pernambucanidade exaltados pelas elites intelectualizadas e na proposta desenvolvimentista nacional dos anos '50, como demonstraremos a seguir.

Notas ao Capítulo I

- (1) Santos, Alcino; Barbalho, Gracio; Severiano, Jairo; e Azevedo, M.A. de (Nirez): "Discografia Brasileira 78 RPM", FUNARTE, Vol. 1, fls III.
- (2) Idem.
- (3) As dificuldades descritas em "Discografia Brasileira" fls. IV e V nos dão uma idéia dos obstáculos enfrentados pelos pesquisadores para a elaboração da obra.
- (4) Idem, fls VII.
- (5) Freyre, Gilberto de Melo: "Sobrados e Mocambos", Ed. José Olímpio, RJ, 1961 pp 153, 179.
- (6) O 1º recenseamento sobre o problema foi feito em 1938, levantando 45.581 mocambos, habitados por 164.836 pessoas.
- (7) Entre 300.000 a 400.000 mil pessoas, vivendo em cem mil mocambos. Dados extraídos de "O problema dos mocambos e alagados", Depto. de Documentação e Cultura, 1960.
- (8) Freyre op. cit pp 153, 179.
- (9) Entrevista com José Rozenblit.
- (10) Idem.
- (11) Santos, Alcino op cit.

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.000	A- Come e dorme B- Boneca	Frevo Fr. Canção	Jazz P.R.A 8 de Nelson Ferreira Claudionor Germano	Nelson Ferreira Aldemar Paiva - Menezes
15.001	A- Não importa B- Só resta a esperança	S. Canção S. Canção	Carmem Déa	Raimundo Froler Braga Júnior
15.002	A- Busca-pé B- Confissão	Baião Bolero	J. Rocha e Seu Conjunto	J. Rocha - José Luiz da Silva J. Rocha - José Luiz da Silva
15.003	A- Noite de Reis B- Johnny	Tango Fox	Eladir Porto	P.M. Maffia - J. Curi - Virgínia Amorim Speiman - L. Paul - Roberts - Virgínia Amorim
15.004	A- Casa, casa B- Pelo "Sport", tudo!	Frevo Fr. Canção	Orquestra Tamandaré de Nelson Ferrei ra Paulo Mendes	Nelson Ferreira
15.005	A- Pataco taco B- Mocambo	Fr. Canção Frevo	Trio Guarani Orquestra Tamandaré de Nelson Ferrei ra	José Menezes - Edinho Edvaldo Pessoa
15.006	A- Cangaceiro B- Sem amor	Frevo Fr. Canção	Orquestra Tamandaré de Nelson Ferrei ra Paulo Mendes	
15.007	A- Tarado B- Jacaré comprou cadeira	Frevo Fr. Canção	Orquestra Tamandaré de Nelson Ferrei ra Almir Távora	Nelson Ferreira Marambá
15.008	A- Pimenta no fogo B- O tal, o Amaral	Frevo Fr. Canção	Orquestra Tamandaré de Nelson Ferrei ra Guilherme Neto	Zumba Gildo Moreno
15.009	A- Amanheceu B- É mentira	M. Rancho Samba	Marion	Milton Legey - Paulo Mendes Milton Legey - Paulo Mendes
15.010	A- Sei errar sozinho B- Idéia de jerico	Samba Marcha	Carmen Déa	Sebastião Gomes - Jorge Gonçalves Haroldo Lobo - David Nasser
15.011	A- Todo suado B- Um pecado a mais	Marcha Samba	Jorge Edmar	Norival Reis - Rutinaldo Norival Reis - Rutinaldo
15.012	A- Farra no Pina B- Saudades do Ceará	Choro Baião	J. Rocha e Seu Conjunto	J. Rocha J. Rocha
15.013	A- Retintin B- Ré-fá-si	Tango Tango	Romeu Fossati e Sua Típica	Eduardo Arolas Henrique Delfino - I. Rubistein

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.014	A- Malaguena B- Aquarela do Brasil	Samba Samba	José Luciano (Piano)	E. Lecuona - José Luciano Ary Barroso
15.014	A- Blue gardenia B- Malaguena	Slow-Fox Samba	José Luciano (Piano)	Bob Russel - Lester Lee E. Lecuona
15.015	A- Mãos vazias B- Somente tu	S. Canção S. Canção	Carmem Déa	Jeanete Adib Harry Marques - Murilo Loures-Celso Teixeira
15.016	A- Cantando B- Aniversário da mãezinha	Tango Valsa	Eladir Porto	Mercedes Simone - Virgínia Amorim Jairo Argileo - Heron Domingues
15.017	A-Destinatário desconhecido B- Adeus gente	S. Canção Toada	Marion	Daniel Silva - César Brasil Lúcio Alves - Osmar Campos Filho
15.018	A- Pregões do Recife B- Morena praieira	Baião Canção	Gilvan Chaves	Gilvan Chaves Gilvan Chaves
15.019	A- Acerta o pé B- Montanha Russa	Polca Rag-Time	Romeu Fossati	Romeu Fossati Arlindo Marques Jr.-Roberto Roberti- Alcir Pires Vermelho
15.020	A- Você já disse B- Ninguém quer trabalhar	Samba Marcha	Jaime Barbosa	Átila Bezerra-José Veiga-Airton Am- rim - Ivo Santos-Carlinhos - Dedeco
15.021	A- Eu já chorei B- Pataco-taco	Samba Marcha	Erasmu Silva	Erasmu Silva-Magno de Oliveira Erasmu Silva-Max Nunes
15.022	A- Nega Pompéia B- Q.G. do samba	Samba Samba	Monsueto Menezes	Estanislau Silva-Ferreira Gomes Monsueto Menezes-Rossini Pacheco- Sebastião Nunes
15.023	A- Mocidade louca B- Não é bom para você	Samba Samba	Marion	Daniel Silva - César Brasil Chocolate - Mário Lago
15.024	A- Carrega que o burro é manso B- O culpado é você	Marcha Samba	Quatro Ases e Um Coringa	Haroldo Lobo-Milton de Oliveira- Airton Amorim-Valdemar Gomes-Pedro Caetano
15.025	A- Você é a maior B- Ninguém me tira o pedaço	Frevo Fr. Canção	Orquestra Tamandaré José Orlando	José Gonçalves "Zumba" Irmãos Valença
15.026	A- Faiscante B- Sempre a primeira	Frevo Fr. Canção	Orquestra Tamandaré Edilásio Lopes	Francisquinho Luiz Caetano - Almeida Castro

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.027	A- Alegria de Pompéia B- Pernambuco você é meu	Frevo Fr. Canção	Orquestra Tamandaré Raimundo Santos	Levino Ferreira Nelson Ferreira - Aldemar Paiva
15.028	A- Deixa-me em paz(Dejame,no quiero)	Tango	Eladir Porto	F. Canaro-M.Morais-I.Pelai-A.Galves Morales
15.029	B- É o amor A- Casamento aprissiguído B- O gemedor	Corrido Chótis Baião	Romeu Fossati e Sua Típica Gilvan Chaves	Vicente Amar Rui de Moraes e Silva Gilvan Chaves
15.030	A- Pensando em você B- Um chorinho na Bahia	Bolero Choro	J. Rocha e Seu Conjunto	J. Rocha J. Rocha
15.031	A- Tá bom isto? B- Hello blue bird	Fox Fox	José Luciano (Piano)	José Luciano Cliff Friend
15.032	A- A marcha do coça-coça B- O melhor é beber	Marcha Samba	Evilásio Marçal	Antônio Valentim-O.Gazaneo-Aloísio Gomes Marins Antônio Valentim-O.Gazaneo-Ondina Silva
15.033	A- Andorinha B- Eu gosto devocê	Marcha Samba	Jonas Silva	Valdemar Ressurreição-Salvador Miceli Jonas Silva-Valdemar Magalhães
15.034	A- Vem amor B- Você se enganou	Beguine Samba	Carmem Déa	Hianto de Almeida-Haroldo de Almeida Erasmó Silva - Jorge de Castro
15.035	A- Cinco sentidos B- Você nasceu prá mim	Fox. Can. -	Ronaldo Lupo	Ronaldo Lupo - Nestor Tangerini Ronaldo Lupo - Oldemar Magalhães
15.036	A- Incompatibilidade B- Quem sou eu prá ser juiz	S. Canção S. Canção	Nilton Paz	Wilson Batista - Jorge de Castro Nilton Paz - Santos Garcia
15.037	A- Só tu B- Brumas da saudade	Beguine Fox	Hélio Chaves	Wilson Silva-Aires Viana-Edel Ney Humberto Paiva - Fidélis Pereira
15.038	A- Depois dos 40 B- Todo só	S. Canção S. Canção	Aloísio Pimentel	Clécio Caldas - Armando Cavalcanti Hianto de Almeida
15.039	A- Agora? B- A carne	Samba-Fox S. Canção	Carmem Déa	Hianto de Almeida Hianto de Almeida
15.040	A- Manias B- Esperança perdida	S. Canção S. Canção	Lúcio Alves	Flávio Cavalcanti-Celso Cavalcanti Antônio Carlos Jobim-Billy Blanco
15.041	A- Diz que é bom B- Relógio cruel	Bolero Samba	Orsini Marques	Magno de Oliveira - Renato Gaetani Magno de Oliveira - Renato Gaetani

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTORE(S)
15.042	A- A última vez que vi Paris B- Melancolia	Fox S. Canção	Carlos Carrié	J. Kern - Haroldo Barbosa Fernando César
15.043	A- Bairros da cidade B- Quixadá	Samba Baião	Quatro Ases e Um Coringa	Bruno Marnet Valdemar Gomes - José Batista
15.044	A- Marcha do cinquentenário B- Marcha do cinquentenário	Marcha Dobrado	Orquestra Mocambo e Coro Orquestra Mocambo	Valter de Oliveira Valter de Oliveira
15.045	A- Iaiá boneca B- Agora é cinza	Marcha Samba	Jupira e Suas Cabrochas	Ary Barroso Alcebiades Barcelos-Armando Marçal
15.046	A- Sal e pimenta B- Um tiquinho mais	Samba S. Canção	Mara Abrantes	Newton Ramalho - Nazareno de Brito Hianto de Almeida -Francisco Anísio
15.047	A- Superstição B- Perigo de morte	Bolero Baião	Orlando Dias	Portinho - Wilson Falcão Gordurinha - Wilson de Moraes
15.048	A- Dá-lhe Jorginho B- Sacarrolha	Choro Choro	Dedé e Seu Conjunto	Dedé Dedé
15.049	A- Peixinho do mar B- Eu bem dizia	Baião Samba	Julinha Silva	Lita Rodrigues Armando Nunes - Altamiro Carrilho
15.050	A- Tens que pagar B- Nosso dilema	S. Canção S. Canção	Alaíde Costa	Alaíde Costa - Airton Amorim Hélio Costa - Anita Andrade
15.051	A- Sozinho B- Você voltou	Toada S. Canção	Ernâni Filho	Geraldo Mendonça - Antônio Carlos Antônio Carlos - Nelson Souto
15.052	A- Tem jeito sanfona B- Você há de pagar	Toada S. Canção	Creusa Cunha	Aldemar Paiva Valdir Rocha - João Torres
15.053	A- Ave Maria do sertanejo B- Sentimento sertanejo	V. Prece V. Canção	Trio Sul a Norte e Capitão Furtado Trio Sul a Norte e os Serenateiros	Manoel da Nova Espiquinha-Ariovaldo Pires Miguel Leuzzi
15.054	A- Inspiração B- No Mar Negro	Tango Tango	Romeu Fossati e Sua Típica	Luiz Rubistein Leo Redi - Boulanger
15.055	A- Tarde chuvosa B- Ama sempre	Tango Valsa	Eladir Porto	Mores - Contursi - Ghiaroni Romeu Fossati - Eda Fossati
15.056	A- Encapetado B- Viva a banana!	Frevo Fr. Canção	Orquestra Tamandaré de Nelson Fer- reira José Orlando	Levino Ferreira Marambá

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.057	A- Salgadinho B- O cangote dela	Frevo Fr. Canção	Orquestra Tamandaré José Orlando	José Xavier de Menezes Nelson Ferreira
15.058	A- Tijolo quente B- Frevo dos casados	Frevo Fr. Canção	Orquestra Tamandaré de Nelson Ferreira Raimundo Santos	Zumba Fernado Castelão
15.059	A- Regressando B- Carregador	Frevo Fr. Canção	Orquestra Tamandaré Trio Guarani	Francisquinho Dozinho
15.060	A- O ritmo cha-cha(Me lo dijo Adela) B- Tá	Cha cha cha Polquinha	Carmem Déa	Portal - Thorn - Ghiaroni Hianto de Almeida - Sebastião Barros
15.061	A- Quem mandou? B- Lei seca	Batucada Marcha	Quatro Ases e Um Coringa	Alcir Pires Vermelho-Afonso Teixeira Monsueto Menezes - Antônio Filho
15.062	A- Palhaço B- Desengano	Marcha Samba	Hélio Chaves	Raul Marques-Estanislau Silva-S.Nunes Raul Longras - Monsueto Menezes
15.063	A- Trombada de trem B- Peço a Deus (Fala, Pedro)	Samba Samba	Mara Silva	Silva - Marques - Nunes
15.064	A- Macumbô B- Deus e a natureza	Batucada Samba	José Messias	José Messias - Carlos Brandão José Messias - Carlos Brandão
15.065	A- Feitiço da Vila B- Nem eu	Samba S. Canção	José Luciano (Piano)	Noel Rosa-Osvaldo Gogliano "Vadico" Dorival Caymi
15.066	A- Perdão B- Tenderly	Samba Fox	José Luciano (Piano)	César Cruz J. Lawrence - W. Gross
15.067	A- Noiva do mar B- Mariazinha	Samba Samba	Quatro Ases e Um Coringa	Valdemar Gomes - Sebastião Fonseca Garoto - Alberto Ribeiro
15.068	A- Sentimental B- Alegre e sempre vivo	Choro Choro	Osvaldo e Seu Conjunto	Cristino Costa - Geraldo Barbosa Cristino Costa - Geraldo Barbosa
15.069	A- Figurinha do "Society" B- Abandonado	Marcha Samba	Orlando Dias	José Roy- Edson Borges-Lídio Melo José Roy-E.Augusto - A. Roy
15.070	A- Vou de reboque B- Se eu fracassar	Marcha Samba	Trio Puracy Rinaldo Calheiros	Dozinho - Hilário Marcelino Francisco Ellion
15.071	A- Natal glorioso B- A valsa das valsas	Valsa Valsa	Aloísio Pimentel	Nelson Sampaio - Nelson Bastos Nelson Sampaio - Nelson Bastos

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.072	A- O passarinho come B- Parada dura	Fr. Canção Frevo	Edilásio Lopes Orquestra Tamandaré	Irmãos Valença Alcides Leão
15.073	A- Fantasma B- Não há doutor	Marcha Samba	Nilton Paz	Victor Simon-Doca-Pereira Matos Victor Simon-José Roy-Pereira Matos
15.074	A- O casamento da princesa B- Modo de gostar	Marcha Samba	Alda Perdigão	Portinho - Wilson Falcão - Machado Portinho - Wilson Falcão - Machado
15.075	A- É por aqui que se vai B- Prato fundo	Samba Marcha	Quatro Ases e Um Coringa	Valdemar Gomes - Pedro Caetano Haroldo Lobo - Brazinha
15.076	A- Me dá meu boné B- Maria gulosa	Samba Marcha	Janete Jane	Monsueto Menezes - Raul Longras Rutinaldo - Renato Gaetani
15.077	A- A voz do morro B- Assim é o morro	Samba Samba	Hélio Chaves	Zé Kéti Zé Kéti
15.078	A- Saudade de Calheiros B- Elegia a Calheiros	Valsa Canção	Felinho (Clarinete) Rubens Cristino	Jair Pimentel Nelson Ferreira - Aldemar Paiva
15.079	A- Totoca no frevo B- Barbosa Filho no frevo	Fr. Canção Frevo	Expedito Baracho Orquestra Paraguay	Luiz Chacon Guedes Peixoto
15.080	A- Maluquinho B- Meu xodozinho	Choro Baião	José Menezes	José Menezes José Menezes - Neusa Rodrigues
15.081	A- Dança do machucado B- Eliana	Baião Bolero	J. Rocha	J. Rocha - J. Ferreira J. Rocha
15.082	A- Prece à saudade B- Loanda (Afro-brasileiro)	Toada -	Os Cançoneiros	Fernando Luiz Valdir Silva
15.083	A- 9 de Julho B- Maria Escandalosa	Choro Samba	Quinteto de Sax Paraguay Jazz Paraguay	Elcio Alvarez Pintan Clécio Caldas - Armando Cavalcanti
15.084	A- Pastoril do "Velho" Cebola B- Dei ao mar para guardar	- Toada	Gilvan Chaves	Gilvan Chaves Gilvan Chaves
15.085	A- Ranchinho de paia B- Minha inspiração	S. Canção Bolero	Rinaldo Calheiros	Francisco Elion José Ribamar - Guarani
15.086	A- Horas esquecidas B- Volta outra vez	Beguine Tango	Carmen Déa	Fernando César - Nazareno de Brito William Leon - Sílvia Silva
15.087	A- Graças a Deus B- Camaleão	S. Canção Samba	Carmen Déa	Fernando César Ary Barroso

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.088	A- Caminho errado B- Desligue este rádio	Tango Samba	Paulo Molin	Agnes de Aquino - Carlos Magno Carolina Cardoso de Menezes-Armando Fernandes
15.089	A- Lisboa antiga B- Ai Mouraria	- -	Paulo Burgos	Raul Portela - Amadeu do Vale Amadeu do Vale - Frederico Valério
15.090	A- Isto é Brasil B- Terra seca	Samba Samba	José Luciano	José Maria de Abreu - Luiz Peixoto Ary Barroso
15.091	A- A risada da Chiquinha B- Atrapalhado	Polca Choro	Jair Pimentel	Jair Pimentel Jair Pimentel
15.092	A- Coco de 56 B- Dance o xaxado	Coco Xaxado	Genival Lacerda	Genival Lacerda - João Vicente Manoel Avelino - Genival Lacerda
15.093	A- Um cavaquinho no deserto B- Bamboleando	Baião Choro	Gerson Rosas	Gerson Rosas Gerson Rosas
15.094	A- Nunca! Jamais! B- Desespero	Bolero Bolero	Onilda Figueiredo	Lalo Guerrero - Nelson Ferreira Ângelo Iervolino
15.095	A- Vassourinhas B- Formigão	Frevo Choro	Orquestra Mocambo Felinho	Matias da Rocha Felinho
15.096	A- Os pobres de Paris B- Cupido me acertou	Fox Fox	Alda Perdigão	M.Mannot-J.Rouzeaud-Júlio Nagib Portinho - Wilson Falcão
15.097	A- Santa mãezinha B- Eternamente	Baião Beguine	Orlando Dias	Orlando Dias - Mário Augusto Portinho - Wilson Falcão
15.098	A- Soca passoca B- Boi criminoso	C. Pilão Toada	Trio Sul a Norte	Ariovaldo Pires - Xerém Ado Benatti - Ângelo Pedron
15.099	A- O beijo da morte B- O selo de sangue	Toada Cateretê	Zé Fortuna e Pitangueira	José Fortuna - Osvaldo Aude José Fortuna - Pitangueira
15.100	A- Os pobres de Paris B- As lavadeiras de Portugal	Fox Baião	Dany Delmin	M. Monnot - J. Rouzeaud R. Lucchesi - Andre Popp
15.101	A- Se aquela noite não tivesse fim B- Domingo vazio	Fox S. Canção	Rubens Cristino	Ziul Matos - Nelson Ferreira Luiz Cordeiro - Gil Barbosa
15.102	A- Fortuna B- Este é o samba	Bolero Samba	Hélio Chaves	Portinho - Wilson Falcão Getúlio Macedo - Almeida Batista

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.103	A- Sinfonia popular	Samba	Aloísio Pimentel	Nelson Sampaio - Nelson Bastos
	B- Prisioneira	Tango		Vicente Amar
15.104	A- Ribalta	Tango		Othon Russo-Nazareno de Brito-Fernando César
	B- Arrivederci Roma	Bolero	Carlos Carriê	Giovanini-Garinci-Rascel-Júlio Nagib
15.105	A- Viens	Mambo	Dany Delmin	Charles Aznavour - Gilbert Bécaud
	B- J'adore Paris	Valsa		Dany Delmin
15.106	A- Passe bem	Bolero	Joara Gonçalves	Antônio Bueno
	B- Romance no Braz	Tango		Portinho - Wilson Falcão
15.107	A- Se você voltasse um dia	S. Canção	Dalva de Ávila	Paulo Modesto - Eunice Cavazza
	B- Limoeiro do sereno	Toada		Rômulo Paes
15.108	A- Eu sei que ele tem outra	S. Canção	Creusa Cunha	Luiz Chacon
	B- Nosso adeus	S. Canção		Fernando Luiz
15.109	A- Cabocla roceira	Chótis	Trio Marília	Zé Pedrinho-Wilson Matos-Judith Costa
	B- Rumo ao sul	Chótis		José Fortuna
15.110	A- Perdão	Samba	Expedito Baracho	Gilberto Milfont - Benny Wolkoff
	B- Beco da maldição	S. Canção		Dozinho
15.111	A- Mestre Ziza	Choro	Barriquinha	Ciro Monteiro
	B- Baião do luar	Baião		Romeu Fernandes
15.112	A- Não direi	S. Canção	Vitor Bacelar	Renato Gaetani
	B- Solidão	Valsa		H. Dick
15.113	A- Tim-tim por tim-tim	Samba	Trio Sonoro	Portinho - Wilson Falcão
	B- Cupido me acertou	Fox		Portinho - Wilson Falcão
15.114	A- Agora é tarde	Samba	Trio Nacional	Gordurinha - Valter de Lima
	B- Quixerambim	Coco		Gordurinha - João Grimaldi
15.115	A- 2,37 de Ary Barroso: 1- Morena boca de ouro;2-Rancho Fundo	-	Chuca Chuca e Seu Conjunto	Ary Barroso
	B- 2,53 de Bororó: 1-Da cor do pecado; 2 - Curare	-		Bororó
15.116	A- Porque brilham os teus olhos	Bolero	Nilton Paz	Fernando César
	B- Chove chuva	Toada		Castro Perret - Elias Ramos

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.117	A- Silêncio	Tango	Eladir Porto	Gardel-Le Pera-Petorossi-Eladir Porto
15.118	B- Por que? A- Recordando B- Mambo 33	Beguine Choro Mambo	Orquestra Mocambo	Maria do Céu Romeu Fossati
15.119	A- Santa Tereza B- As flores só brotam na primavera	Samba S. Canção	Orlando Dias	Sebastião Gomes - Osmar Safety Leduvi de Pina - Nilva Teixeira
15.120	A- José da Guia B- Dr. Edson Victor	Dobrado Dobrado	Banda da Força Policial de Pernambuco	Leduvi de Pina - Clemente Muniz José Lourenço da Silva-Zuzinha
15.121	A- Pecado sublime B- Dois destinos	C. Ranch. Tango	Zé Fortuna e Pitangueira	José Lourenço da Silva- Zuzinha José Fortuna - Pitangueira
15.122	A- Seus olhos se fecharam B- Foi em Buenos Aires	Tango Bolero	Eladir Porto	José Fortuna - Pitangueira Gardel-Le Pera-Ghilaroni
15.123	A- Dolores B- Lola	Bolero Fox	Dany Delmin	Tito Ribeiro - Eladir Porto Humbert Giraud - Raymond Bravard
15.124	A- Dora B- Una lágrima tuya	Tango Tango	Romeu Fossati e Sua Típica	George Shearing - Jean Constantin Romeu Fossati
15.125	A- Não vou chorar B- Romance	Samba Fox	Orlando Dias	Mores - Contursi Wilson de Moraes - Renato Gaetani
15.126	A- Voz de criança B- Vestido branco	V. Ranch. Tango	Zé Fortuna e Pitangueira	Edel Ney-Aires Viana-Murilo Vieira Pitangueira-José Fortuna
15.127	A- Não ser mãe B- Velhos tempos	S. Canção Chótis	Belinha Silva	Pitangueira-José Fortuna René Bittencourt
15.128	A- Cruz do patrão B- Bumba meu boi	Maracatu B.M.Boi	Sebastião Lopes	Altamiro Carrilho- Armando Nunes Sebastião Lopes
15.129	A- Teu aniversário B- Porque você não me quer	Samba Toada	Raimundo Santos	Ascenso Ferreira - Sebastião Lopes Raimundo Santos
15.130	A- Coração de homem B- O punhal da vingança	V. Ranch. T. Histór.	Zé Fortuna e Pitangueira	Capiba Pitangueira - José Fortuna
15.131	A- Le ri fi fi B- II I'aimait	Blue Valsa	Dany Delmin	Pitangueira - José Fortuna Jacques Larué - M.Phillipe-Gérard Dany Delmin

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.132	A- Amor tentação B- Clemência	Bolero Tango	José Lopes	José Maffei - Francisco Lacerda João Martucci
15.133	A- Oiá Matamba B- Rei Catutê	P. Umban. P. Umban.	Enoch da Silva Barbosa	Enoch da Silva Barbosa Enoch da Silva Barbosa
15.134	A- A morte do palhaço B- Ingratidão	Toada Recortado	Borges e Borginho	Jacy Ferreira da Fonseca-Oswaldo Aude Francisco Correia de Lacerda-Nino Sil va
15.135	A- Dança do bombo B- Balança o coco	Rojão Coco	Genival Lacerda	Antônio Barros Antônio Barros
15.136	A- O chero da Chiquinha B- O carrinho do seu José	Polca Choro	Jair Pimentel	Jair Pimentel Jair Pimentel
15.137	A- Se Deus assim o quis B- Loucura	Bolero Bolero	Onilda Figueiredo	Lázaro Quintero - Nelson Ferreira Nelson Ferreira
15.138	A- Babaquara	Frevo	Orquestra de Frevos Mocambo de Nelson Ferreira	Matias Malaquias
15.139	B- Cobra coral A- Praça do Diário	Fr. Canção Frevo	Rubens Cristino Orquestra de Frevos Mocambo de Nelson Ferreira	Marambá - Geraldo Costa Lourival Oliveira
15.140	B- Eu quero uma mulher A- Afasta tudo	Fr. Canção Frevo	Claudionor Germano Orquestra de Frevos Mocambo de Nelson Ferreira	Fernando Castelão Toscano Filho
15.141	B- Vegetariano A- Apavorado	Fr. Canção Frevo	José Orlando Orquestra de Frevos Mocambo de Nelson Ferreira	Sebastião Lopes Ivanildo Maciel
15.142	B- Tempero de pobre A- Nação Nagô	Fr. Canção Maracatu	Os Cancioneiros Bloco Carnavalesco Batutas de São Jo- sé	Dozinho Capiba Nelson Ferreira
15.143	A-1) Metralhando - 2) Albacora	Frevos	Orquestra de Frevos Mocambo de Nelson Ferreira	1) Francisquinho-2) Eugênio Fabrício
15.144	B- Ingratidão A- Abram alas B- Venho de longe	Fr. Canção Samba Samba	Rinaldo Calheiros Lúcio Alves	Neusa Rodrigues-José X. de Menezes Mirabeau- Paulo Gracindo-Dom Madrid Mirabeau-Dirceu Miranda

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.145	A- Maria Navalha	Samba	Dora Lopes	Manoel Casanova-Jorge de Castro-Inácio Heleno
15.146	B- Ina... Ina... A- Vire a página	Batucada Marcha	Alda Perdigão	Dora Lopes - Ari Monteiro Conde-Antônio Rago-Alcebiades Nogueira
15.147	B- Amor inocente A- Viagem à lua B- Rasguei o teu retrato	Samba Marcha Marcha	Joara Gonçalves Nilton Paz	Venâncio - Jorge Costa Portinho-Wilson Falcão-Machado Filho Carlos Costa-Antoninho Lopes-Pereira Matos
15.148	A- Sapato de pobre B- Socorro	Marcha Marcha	Manoel de Nóbrega	Elzo Augusto - Antoninho Lopes Carlos Marques - Osvaldo Morigge
15.149	A- Cuidado papai	Marcha		Othon Russo-Castro Perret-Edson Santana
15.150	B- Sem teu amor A- As duas irmãs B- O home d'água	Samba T. Histór. Caruru	Belinha Silva Zé Fortuna e Pitangueira	Carvalhinho-Carrapeta-Osvaldinho Pitangueira - José Fortuna Vicente Lia
15.151	A- Drama da vida B- A última valsa	Toada Valsa	Zé Fortuna e Pitangueira	Pitangueira - José Fortuna Vidal Bento - José Fortuna
15.152	A- Chaminé B- Graças a Deus	Marcha Samba	Sara Rios	Leduvi de Pina - Carvalhinho Manoel Casanova-Rosa de Oliveira José Batista
15.153	A- Pode chorar B- Mão de calo	Samba Samba	Orlando Dias	Renato Araújo-E.de Paula-M.Fernandes Leduvi de Pina-G. Brito-C. Muniz
15.154	A- Maracangalha B- Não vale uma lágrima	Samba Samba	Os Cancioneiros	Dorival Caymi Eleno Clemente
15.155	A- Pajaro campana B- Anahi	Polca Canção	Trio Yapacarai	Felix Perez Cardoso J. Osvaldo Sosa Cordero
15.156	A- Evocação B- Maria Navalha	Tango Tango	Romeu Fossati s Sua Típica	Nelson Ferreira Manoel Casanova-J.de Castro-I.Helena
15.157	A- Promessa B- Seringueira	Samba Samba	Aloísio Pimentel	Custódio Mesquita - Evaldo Rui João Bené - Augusto Alexandre
15.158	A- Quero ver-te uma vez mais B- Lencinho querido	Tango Tango	Eladir Porto	Canaro-Contursi-Jair Amorim J.D.Filiberto-Peñaloza-Maugéri Neto

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.159	A- Caminito B- Sentimento gaúcho	Tango	Romeu Fossati e Sua Típica	Juan de D'ós Filiberto Francisco Canaro
15.160	A- Mexe mexe B- Capricho	Tango Baião	J. Rocha	J. Rocha J. Menezes
15.161	A- Temperado B- Ritmo latino	Bolero Choro	José Menezes e Seus Melodistas	Inaldo Vilarim - José Menezes Victor Young
15.162	A- Vício B- O samba sou eu	Beguine Bolero	Billy Davis	Fernando César Castro Perret - Renato Araújo
15.163	A- Evocação B- Saudade de você	Samba Baião	Gerson Rosas	Nelson Ferreira Gerson Rosa
15.164	A- Meu violão vai me acompanhar B- Não	Choro S. Canção	Lúcio Alves	J.G. de Araújo Jorge-Georges Moran Evaldo Gouveia - Marino Pinto
15.165	A- Minha obsessão B- Era bom	S. Canção S. Canção	Lúcio Alves	Nando - J. Marques Antônio Maria - Ismael Neto
15.166	A- Diz por favor que sim B- Álbum de amor	Bolero S. Canção	Carlos Carrié	Fernando César Roberto Faissal
15.167	A- Grêmio Futebol Portoalegrense B- Grêmio Futebol Portoalegrense	Marcha Marcha	Orquestra e Coro	Lupicínio Rodrigues Lupicínio Rodrigues
15.168	A- Hino do Estado de Alagoas B- Somos soldados leais	Hino Canção	Banda e Coro da Polícia Militar de Pernambuco	Benedito R. da Silva-Luiz Mesquita Pierre Luz - Antônio Gondim de Lima C. Gardel - João Martucci
15.169	A- Melodia de arrabal B- Traidora	Tango Bolero	José Lopes	José Lopes
15.170	A- Eu também chorei B- Minhas noites sem ti	Guarânia Bolero	Zulico e Zuleica	Roberto Stanganelli Demétrio Ortiz - José Fortuna
15.171	A- Velha Lisboa B- Boa noite Lisboa	Fado-Slow F. Canção	Mimi Gaspar	Fausto Caldeira Fernando Santos - Carlos Dias
15.172	A- Por causa de você B- Cansei de ilusões	S. Canção S. Canção	Mara Abrantes	Antônio Carlos Jobim-Dolores Duran Tito Madi
15.173	A- Concerto de outono B- Lá vem a ilusão	Fox-Canção Toada	Wilson de Andrade	C. Bargoni - Júlio Nagib Betinho - Heitor Carrillo
15.174	A- Bar da noite B- Chuva na vidraça	S. Canção S. Canção	Creusa Cunha	Bidu Reis - Haroldo Barbosa Graça Melo

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.175	A- Loucura passional B- Mamãe, quero dançar	Bolero Calipso	Onilda Figueiredo	Nelson Navarro - Nelson Ferreira D.Manning-A.Hoffman-Eduardo Rodrigo
15.176	A- Anastásia B- Gafieira é comigo	Bolero Samba	José Menezes e Seus Melodistas	A. Newman - P. F. Webster José Xavier de Menezes
15.177	A- Folia do divino B- Não te quero não	Folclore Rasqueado	Melrinho e Belguinha	Valdomiro Bariani Ortêncio Goiá - Melrinho
15.178	A- Desculpa B- Dama da noite	Bolero S. Canção	Joara Gonçalves	Paulo Costard Jorge Duarte
15.179	A- Nega Nanhã B- É luxo só	Samba Samba	Maria Helena Raposo	Ary Barroso Ary Barroso - Luiz Peixoto
15.180	A- Sonhando contigo B- Podes mentir	B. Beguine Bolero	Alfredo Simoney	Bedasto Acosta - Paulo Gracindo A. Dominguez - Genival Melo
15.181	A- Matilda B- Carrossel	Calipso Fox	Erlon Chaves	Harry Thomas - Júlio Nagib Lou Stallman-Joe Shapiro-Edson Borges
15.182	A- Você não sabe B- Paisagem gaúcha	Samba Samba	Maria Helena Andrade	Lupicínio Rodrigues - Rubens Santos Rubens Santos - Hamilton Chaves
15.183	A- Há um Deus B- Amor... nunca mais	S. Canção S. Canção	Maria Helena Andrade	Lupicínio Rodrigues João Peixoto Primo - Nelson Silva
15.184	A- Não vou prá Brasília B- Tarde demais	Samba Beguine	Os Cariocas	Billy Blanco Nilton Pereira - Edgardo Luiz
15.185	A- Vem fervendo B- A casa cai!...	Frevo Fr. Canção	Orquestra de Nelson Ferreira Raimundo Santos	Nelson Ferreira José X. de Menezes
15.186	A- Contrabando B- Fantasia de capim	Frevo Fr. Canção	Orquestra de Nelson Ferreira Os Cancioneiros	Carnera Dozinho
15.187	A- Tira-gosto	Frevo	Orquestra de Clube da Banda da Polícia Militar de Pernambuco	Zumba
15.188	B- Balaio da Maria A- Comendo fogo	Fr. Canção Frevo	Rubens Cristino Orquestra de Clube da Banda da Polícia Militar de Pernambuco	Marambá Levino Ferreira
15.189	B- Frevo nº 3 A- Teleguiado	Fr. Canção Frevo	Claudionor Germano Orquestra de Clube da Banda da Polícia Militar de Pernambuco	Antônio Maria Toscano Filho
	B- Modelos de verão	Fr. Canção	Expedito Baracho	Capiba

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.190	A- The green door B- Sonhando contigo	C. Rock B. Beguine	Robledo e Seu Conjunto	Bob Davis - Marvin Moore Bedasto Acosta
15.191	A- Anália B- Castanholas	Samba Baião	Miriam Marques	Maugéri Neto - Maugéri Sobrinho Antônio Rago - Mário Vieira
15.192	A- Mad'moiselle Arabel B- Madame fulano de tal	Beg. Mam. Samba	Nilton Paz	J. Tranchant - Maria do Céu Ciro Monteiro - Dias da Cruz
15.193	A- Chella B- Lazzarello	- -	Franco Glori	Sandro Taccani - Umberto Betini Domenico Modugno - R. Pazzaglia
15.194	A- Senhorita B- Quero-te assim	Valsa Valsa	Sidney Morais	Tito Madi Tito Madi
15.195	A- Velho Rio B- Lágrima sentida	Marcha Samba	Oswaldo Silva	Paulo Serpa - Jorge da Costa J. Piedade-Flora Matos-Arnô Canegal
15.196	A- Fila de gargarejo B- Samba borocochô	Marcha Samba	Dora Lopes	Dora Lopes-José Batista-Nilo Viana Inácio Heleno-Manoel Casanova-Jorge
15.197	A- Eu quero uma babá B- Mamãe eu vou casar	Marcha Marcha	Jararaca	Jararaca - J. Lester Jararaca
15.198	A- Marcha das flores B- Não vai	Marcha Samba	Orlando Dias	Geraldo Queiroz - José Batista Renato Araújo-Edeor de Paula-Jorge de Castro
15.199	A- É tão bonzinho B- Voltarás	Toada Guarânia	Irmãos Santos	Nico Heitor Cardoso-Valdomiro Bariani Or- têncio
15.200	A- Bem querer B- Telefone	Toada Samba	Célio de Barros	Juan de Oíós - Aldo de Almeida Dênis Brean - Oswaldo Guilherme
15.201	A- Forró de Caxias B- Péssimo defeito	Baião Samba	Luiz Vanderley	José Ramos - Jorge de Castro Jorge Costa - Aldo de Almeida
15.202	A- Nas águas do rio B- Boiadeira do sul	Guarânia Corrido	Trio Sul a Norte	José Fortuna Espiguinha - Jaguaré
15.203	A- Lenda da valsa dos noivos B- Triste noivado	Valsa Valsa	Zé Fortuna e Pitangueira	Pitangueira - José Fortuna Pitangueira - José Fortuna

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.204	A- Ouça, meu amigo B- Não quero me casar	Samba Marcha	Léo Romano	João Saccomani-Jota Pacheco-Gaúcho Haroldo Lobo - José Roy
15.205	A- Cadeira encostada B- Dona Carolina	Samba Marcha	Trio Orixá	Elzo Augusto Luiz Vanderley - José Ramos
15.206	A- O Lopes perdeu a guerra B- Desconfiei	Marcha Samba	Romeu Gentil	Paquito - Romeu Gentil-Nelson Boexi Romeu Gentil - Valdir Machado
15.207	A- Morena do Arpoador B- Marcha do Raio X	Marcha Marcha	Paulo Tito	Isaias Ferreira - José Batista Isaias Ferreira - Jorge dos Santos
15.208	A- Abdula e Abdala B- Você fracassou	Marcha Samba	Anilza Leone	A.Nássara-V. de Abreu "Dunga" Ary Barroso
15.209	A- Evocação nº 2 B- Gostosão	F. de Bloco Frevo	Bloco Carnavalesco Madeiras do Rosa- rinho Orquestra de Frevos Mocambo de Nelson Ferreira	Nelson Ferreira - Osvaldo Santiago Nelson Ferreira
15.210	A- Enrolando o rock B- Jura	Rock Samba	Erlon Chaves Dercy Gonçalves	Betinho - Heitor Carrilho J.B. da Silva "Sinhô"
15.211	A- Estrada do sol B- Viva meu samba	- S. Canção	Maria Helena Raposo	Antônio Carlos Jobim-Dolores Duran Billy Blanco
15.212	A- Medo de amar B- Eu bem sei	Cururu Guarânia	 Trio da Vitória	Venancinho-Cambuí-Joana D'Arc-Venân- cio João Venâncio do Nascimento Neto
15.213	A- Brigas B- Tantos anos depois	S. Canção S. Canção	 Maria Barroso Neila Garça	Antônio Carlos Jobim-Newton Ferrei- ra de Mendonça Silvan Castelo Neto
15.214	A- Censura B- Indiferença	S. Canção S. Canção	 Jair Pimentel	Jorge Santos - Jaime Florence Carlito - Nanci Vanderley
15.215	A- O bombardino do Vavá B- Espanta-coiô	Poçca Polca	Jair Pimentel	Jair Pimentel Jair Pimentel
15.216	A- Super-campeão B- O mais querido	Fr. Canção M. Exalt.	Claudionor Germano	Nelson Ferreira Capiba
15.217	A- A sanfona do "veinho" B- Forró do riachão	Rojão Forró	Toíinho da Sanfona	Antônio Martins Antônio Martins

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.218	A- A palavra ladrão B- Vestidinho de anjo	Catererê T. Histór.	Prado e Pradinho	José Fortuna José Fortuna
15.219	A- Alô (Alone) B- Minha dor não me deixa	Fox S. Canção	Bárbara Ardanuy	Craft-Craft-Mar Amir Sérgio Morais - B. Miranda
15.220	A- Vamos amar B- Jamais perdoarei	Bolero Bolero	Hélio Ramos	Fausto Guimarães - Hélio Ramos Paulo Gracindo - Hélio Ramos
15.221	A- Coco do "F" B- Forró na Paraíba	Coco Chótis	Luiz Vanderley	Luiz Vieira - João Vale Luiz Vanderley - José Ramos
15.222	A- Canto do engraxate B- Tereza simplicidade	Samba Samba	Trio Orixá	Tito Madi Elzo Augusto
15.223	A- Mama mia B- Três beijos	Valsa Samba	Léo Romano	L. Lee - Gioia Júnior Antônio Bruno-J.Saccomani-Gaúcho
15.224	A- Vamo, Rosinha, vamo B- Santo Antônio Padroeiro	Baião Baião	Fonseca Filho	Fonseca Filho Fonseca Filho - Milton Lopes
15.225	A- Com todo o meu coração B- Vendedor de caranguejo	Beguine Baião	Os Cançãoeiros	Marcucci - P. de Angelis - Zuli Gordurinha
15.226	A- Melodia de amor B- O luar e você	Beguine Bolero	Onilda Figueiredo	K. Feltz-H. Gietz-Gioia Júnior Fernando César
15.227	A- Cachito B- Puente de piedra	Bol. Mambo Bolero	Doris y Rossie	Consuelo Velazquez Carmelo Larrea
15.228	A- Escola de Feola B- Brasil - campeão do mundo	Batucada Mar. Hino	Os Três Boêmios Claudionor Germano	Luiz Queiroga Nelson Ferreira - Aldemar Paiva
15.229	A- Boiadeiro amigo B- As duas sombras	M. Camp. Guarânia	Trio Sul a Norte	Jaguaré - Brasília Espiguinha - Zé Fortuna
15.230	A- Tudo ou nada B- Cinza fria	Bolero S. Canção	Maria Helena Raposo	Fernando César Orlando de Almeida-Jorge Pinto Claro
15.231	A- A outra B- Cabocla da roça	Bolero Baião	Trio da Vitória	João Venâncio - Ubirajara Moreira Ubirajara Moreira
15.232	A- Falso amor B- Canoa de jacarandá	Guarânia Rasqueado	Trio da Vitória	João Venâncio - José de Paula Machado Campeão
15.233	A- Sereno B- Quem sabe	Bal. Rock Samba	Paulo Molin	Aloísio T. de Carvalho Nazareno de Brito-Fernando César

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.234	A- Diana B- Cabecinha no ombro	Calipso Samba	Robledo e Seu Conjunto	Paul Anka Paulo Borges
15.235	A- Calipso italiano B- Cachito	Calipso Bolero	Renato de Oliveira e Sua Orquestra	J. Plante - Lou Ponte Consuelo Velazquez
15.236	A- Bom dia, tristeza B- Por que e para que?	Bolero S. Canção	Vera Lúcia	M. Ruccione-G.Fiorelli- Júlio Magib Jaime Florence - Fernando César
15.237	A- Noites cruéis B- Tristeza	Bolero Samba	Rui de Assis	Raul Cocco - Benil dos Santos Oscar Bellandi - Nanci Vanderley
15.238	A- Samba do teleco-teco B- Noites cruéis	Samba Bolero	Gallo e Seu Conjunto	João Roberto Kelly Raul Sampaio - Benil Santos
15.239	A- Cara de boboca B- Castiguei	Samba Samba	Noite Ilustrada	Jaime Silva - Edmundo Andrade Venâncio - Jorge Costa
15.240	A- Tu me acostumbraste B- Hey there	Bolero Beguine	Doris y Rossie	Frank Domingues Richard Adler - Jerry Ross
15.241	A- Soledad B- Canción que se olvida	Bolero Bolero	Trio Ypacaraí	Jair Silva - José Lino João Bosco
15.242	A- Tuninho B- Tu me acostumaste	Samba Bolero	Dora Lopes	Antônio Bruno Frank Dominguez
15.243	A- História do tico-tico B- Amor de mãe	Rancheira Valsa	Curió e Canarinho	Jadir Ambrósio-Rômulo Paes-Curió Silvinho Bellumart-Canarinho-Curió
15.244	A- Menina B- A morte do valentão	Bol. Mambo Chótis	 Curió e Canarinho	Jadir Ambrósio-O.F.Xavier-Eli Murilo Cláudio Dan Araújo-Nel Silva-Canarinho-Nhô Praxede
15.245	A- Despeito B- A morte do Presidente	Cururu Toada	 Curió e Canarinho	Canarinho-Daniel Araújo-Marques da Silva G.A. Borém - Canarinho
15.246	A- Bloco da vitória B- Porta-bandeira	F. de Bloco Frevo	Bloco Mocambinho da Folia Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Nelson Ferreira Nelson Ferreira
15.247	A- Folia de Reis B- Chora baiana	Folclore Cururu	Melrinho e Belguinha	Valdomiro Bariani Ortêncio Alberto da Paz-Belguinha-Zino Prado

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.248	A- Mulher volúvel B- Garça correio	Valseado Catererê	Melrinho e Belguinha	Melrinho - Goiá Melrinho - Alberto da Paz
15.249	A- Marcada B- Resposta da carta	Fox Valsa	Linêncio e Tininho	José Fortuna - Domingos Plastina José Fortuna
15.250	A- Cocorocó B- Metralhadora ina	Fr. Canção Frevo	Raimundo Santos Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Irmãos Valença Ivanildo Rafael
15.251	A- Palácio da Alvorada B- Você vale tudo	Fr. Canção Frevo	Edilásio Lopes Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Sebastião Lopes Zumba
15.252	A- Segure o seu homem B- Capital do frevo	Fr. Canção Frevo	Meves Gama Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Capiba Toscano Filho
15.253	A- Frevo dos solteiros B- Largando a lenha	Fr. Canção Frevo	Os Cancioneiros Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Dozinho Edvaldo Pessoa
15.254	A- Short ou baby-doll B- É de lascar	Fr. Canção Frevo	Os Três Boêmios Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Carnera Lourival Oliveira
15.255	A- Amarga solidão B- Que si que si			
15.256	A- Consejo B- Cantemos corazón	Tango Tango	Carlos Lombardi e Cléo de Berett Carlos Lombardi	Dênis Brean - Osvaldo Guilherme Reynaldo Yiso - Enrique Alessio
15.257	A- Toque de tarol B- São Paulo antigo	Samba Marcha	Ruth Amaral	Antônio Lopes - Doca - Marsinho Blackout - Marsinho
15.258	A- Marcha da pimenta	Marcha		Dora Lopes-Luiz Vanderley-Renato Araújo
15.259	B- O gingador A- Bacana de Copacabana B- Lindo sonho	Samba Marcha Samba	Vera Lúcia e William Duba Vera Lúcia	Erasmo Silva - Geraldo Serafim William Duba-Nahum Luiz-Elias José William Duba-Nahum Luiz
15.260	A- Sereno B- Quem faltava no samba	Batucada Samba	Noite Ilustrada Noite Ilustrada	Noite Ilustrada - J.O.Ferreira Maia Noite Ilustrada

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.261	A- Mulata B- Saia do meu caminho	Marcha Samba	Célio de Barros	Anastásio Lima - A.N. de Abreu Osvaldo França - A.N. de Abreu
15.262	A- Remar contra a maré B- Cansei de amar	Marcha Samba	Valter Francisco	Antônio Rago Nilo Silva - Toni - Raguiho
15.263	A- Apesar dos pesares B- Por que?	Bolero Bolero	Carlos Carriê	Bidu Reis - Murilo Latini Armando Ribeiro
15.264	A- Castigo B- Mil segredos	S. Canção Bolero	Neila Garça	Dolores Duran Oscar Bellandi - Wernecy Pinto
15.265	A- Qual é o pó? B- Vai e vem...	Fr. Canção Frevo	Nerize Paiva Orquestra de Frevos Mocambo de Nelson Ferreira	Sebastião Lopes Levino Ferreira
15.266	A- Como antes (Come prima) B- Sinto que a vida se vai	Bal. Rock Bolero	Paulo Molin	Taccani-Di Paoia-Panzeri-Júlio Nagib Alfredo Gil - Fernando César
15.267	A- O apito no samba B- Mocinho bonito	Samba Samba	Gallo e Seu Conjunto	Luiz Bandeira Billy Blanco
15.268	A- A sanfoninha do menino B- Vou danado prá Catende	Baião Polca	Toninho da Sanfona	Antônio Martins Antônio Martins
15.269	A- Bicha de rodeio B- Carnavá na roça	Polca Polca	Jair Pimentel	Jair Pimentel Lourival de Oliveira
15.270	A- Piano de bar B- Chora bandoneon	Tango Tango	Eladir Porto	Dora Lopes - Ari Monteiro J. Piedade-O.Gazaneo-J. Campos
15.271	A- Pisei na fogueira B- Olé Laurindo	Marcha M. de Roda	Dupla Céu e Mar Luiz Queiroga	Nelson Ferreira - Sebastião Lopes Mot. popular-Adap.: Luiz Queiroga
15.272	A- Balãozinho azul B- Adivinhações	Marcha Coco	Meves Gama	Júlio do Carmo Nelson Ferreira - Luiz Queiroga
15.273	A- Piropo B- Perfídea	Cha cha cha Fox	Doris Y Rossie	Fernando Lopes - Roberto Lambertucci Alberto Domingues
15.274	A- Feira de Caruaru nº 2 B- Casamento antigo	- Chótis	Onildo Almeida	Onildo Almeida Onildo Almeida
15.275	A- Ele B- Ciúme	S. Canção Bolero	Eleonora Diva	Carvalhinho - Manezinho Araújo Renato de Oliveira - Fernando César

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.276	A- Painera veia B- Lágrimas de mãe	Valsa T.Histór.	Zé Fortuna e Pitangueira	José Fortuna José Fortuna
15.277	A- Gimba B- Salve, salve general	Samba S. batuc.	Ivan de Paula	Jorge Kaszás-Gianfrancesco Guarnieri Jorge Kaszás-Gianfrancesco Guarnieri
15.278	A- Prece do perdão B- Serenata suburbana	Bolero Guarânia	Paulo Molin	Fernando Borges - Antenor Aroxa Capiba
15.279	A- Arrependimento B- Intrigas	S. Canção S. Canção	Neila Garça	Fernando César - Dolores Duran Luiz Dantas
15.280	A- Quem sou eu B- Menos por você	S. Canção Bolero	Leni Andrade	Dolores Duran - José Ribamar Hianto de Almeida - André Rosito
15.281	A- Marechal Teixeira Lott B- Barão do Rio Branco	Dobrado Dobrado	Banda do 14º Regimento de Infantaria	Ivanildo Rafael Francisco Braga
15.282	A- Quisera ser B- Cansei de ilusões	Bolero S. Canção	Doris Y Rossie	Mário Clavel Tito Madi
15.283	A- Cabeça chata B- Verde e amarelo	Samba Samba	Sílvio Caldas	Frazão Orestes Barbosa - J. Thomaz
15.284	A- Malvada B- Amélia	Bolero Polca	Trio Ypacaraí	Alberto Montoya Correa Prudência Gimenez
15.285	A- Lamento B- Recado	Samba Samba	Valdemar Moura	Djalma Ferreira - Luiz Antônio Djalma Ferreira - Luiz Antônio
15.286	A- Linda libanesa B- Eu vou beber	Fr. Canção Samba	Claudionor Germano	Nagib Saad Nagib Saad
15.287	A- Evocação nº 3 B- Frevo no Bairro de São José	F.de Bloco Fr. Troça	Bloco Mocambinho da Folia Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Nelson Ferreira Nelson Ferreira
15.288	A- Menina de hoje B- Folia da meia-noite	Fr. Canção Fr. de Rua	Raimundo Santos Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Manoel Gilberto Toscano Filho
15.289	A- Terceiro dia B- Amália no frevo	F. de Bloco Fr. de Rua	Bloco Mocambinho da Folia Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	José Menezes - Geraldo Costa Levino Ferreira

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.290	A- Operação macaco B- Perguntas e respostas	Fr. Canção Fr. de Rua	Nerize Paiva Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Nelson Ferreira - Sebastião Lopes Zumba
15.291	A- Coisinha maluca B- Corisco	Fr. Canção Fr. de Rua	Evaldo França Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Carnera Lourival Oliveira
15.292	A- Frevo dos namorados B- Deixa de te jucupéia	Fr. Canção Fr. de Rua	Claudionor Germano Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Capiba Ivanildo Rafael
15.293	A- Que loucura que eu fiz B- Marcha oficial	Samba Marcha	Roberto Lara	David Raw - Antoninho Lopes Antônio Lopes - Rodolfo Vila
15.294	A- Naquela base B- Só depende de você	Fr. Canção Samba	Os Cancioneiros Gilberto Fernandes	Dozinho Dozinho
15.295	A- Quero beijar-te as mãos B- Petite fleur	Bolero Bolero	Jair Pimentel	Arsênio de Carvalho - Lourival Faissal Sidney Bechet
15.296	A- Saudade de garanhuns B- Rio 52-1067	Choro Choro	Jair Pimentel	Jair Pimentel Jair Pimentel
15.297	A- Minha janela B- Se aquela noite não tivesse fim	R. Balada R. Balada	Paulo Molin	Fernando César - ted Moreno Nelson Ferreira - Ziul Matos
15.298	A- QUando se ne va l'estate B- Forever	Fox Beguine	Niki Davis	Testoni - Intra Marcucci - De Angelis
15.299	A- Maria da pá virada B- A mulata é	Marcha Marcha	Venilton Santos	Fred Melo - Brazinha Ivo Santos-Raul Sampaio-Haroldo Lobo
15.300	A- No tempo das flores B- A tua cruz	Marcha Samba	Orlando Silva	Ivo Santos-Raul Sampaio Leduvi de Pina - Brazinha
15.301	A- Caiu a sopa no mel! B- Cadê a mão, Maranhão!?	Fr. Canção Fr. de Rua	Claudionor Germano Orquestra de Frevos Mocambo de Nelson Ferreira	Nelson Ferreira-Aldemar Paiva-Sebas- tião Lopes Nelson Ferreira
15.302	A- Romântica B- Noi	Canção Canção	Tony Dallara	Verde - Rascel Pallesi - Malgoni
15.303	A- Me dá um dinheiro aí B- Evocação nº 3	Dobrado Dobrado	Banda do 14º Regimento de Infantaria	Ivan Ferreira-Homero Ferreira-Glauco Ferreira Nelson Ferreira

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.304	A- Minha súplica B- Se eu voltar a teu lado	Samba R.Balada	Claudionor Germano	Ednaldo Andrade - Giovani Cribari Maria Grever - Mário Mendes
15.305	A- Tostão não tem troco B- Falso cabrito	Samba Samba	Dora Lopes	Dora Lopes Dora Lopes - Franco Ferreira
15.306	A- Minha cruz B- Semeador	Bolero Samba	Roberto Bozzan	Othon Russo - Armando Nunes Rui de Moraes e Silva
15.307	A- Adeua ingrata B- Cai, sereno, cai	Cateretê Cururu	Melrinho e Belguinha	Melrinho - Zino Prado Belguinha - Goiá
15.308	A- Noé, Noé B- Coco de roda	M.de Roda Coco	Genival Lacerda	Rosil Cavalcanti Rosil Cavalcanti
15.309	A- Chen-en-en B- Pagode da Maria	Xaxado Xaxado	Zacarias (e Seu Regional)	Rui de Moraes e Silva Zacarias - Manoel Avelino
15.310	A- Marina B- Mack the knife	Canção Canção	Roby Guareschi	Granata Nomen - Brecht - Weill
15.311	A- Trini B- Sempre		Rick Valente	Danpa - Pockriss Deani
15.312	A- Meu navio anda no má B- Arrasta o pé	M.de Roda Polca	Luiz Queiroga Conjunto Típico Mocambo	Luiz Queiroga Alcides Leão
15.313	A- Adivinhação B- A "rifa" do menino	M.Junina Forró	Meves Gama	Aldemar Paiva Nelson Ferreira - Luiz Queiroga
15.314	A- tirador de improviso B- Pintinho na tuba	Coco Polca	Os Três Boêmios Jair Pimentel	Nelson Ferreira - Sebastião Lopes Jair Pimentel
15.315	A- Brincadeira de São João B- Os três santinhos	Coco Polca	Os Três Boêmios Duo Maringá	Nelson Barbalho Jair Pimentel - Geraldo Costa
15.316	A- Cidade Maravilhosa B- São Paulo coração do Brasil	Dobrado Dobrado	Banda do 14º Regimento de Infantaria	André Filho David Nasser - Francisco Alves
15.317	A- Romântica B- Minha serenata	R.Balada S.Seren.	Carlos Carrié	Verde - Rascel - Júlio Nagib Bidu Reis - Murilo Latini
15.318	A- Louco B- Trapo	Samba S.Canção	Os Cançioneiros Gilberto Fernandes	Dozinho Zito - Limeira - Dozinho
15.319	A- É doloroso B- Danada cegonha	Samba Samba	Noite Ilustrada	H. Nogueira Edmundo Andrade

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.320	A- Menina de praia B- Por que?	T.Praieira V.Ranch.	Melrinho e Belguinha	Nízio - Goiá Melrinho - Belguinha
15.321	A- Estamos quites B- Fui eu	Samba Bolero	Paulo Molin	Sebasto - Irmãos Venâncio Sebasto - Irmãos Venâncio
15.322	A- Rojão nacional B- Eu vou prá lua	Rojão R.Martelo	Genival Lacerda	Rui de Moraes e Silva Luiz de França
15.323	A- Para sempre B- Namorando	Beguine Foz-Rock	The Snakes	Marcucci-Di Angelis - Paulo Murilo Carlos Imperial
15.324	A- Too young to date B- The kiss	Canção Canção	The Delicates	P.Santiglia-D.Ferri-A.Lanzotti P.Santiglia-D.Ferri-A.Lanzotti
15.325	A- Ingratidão B- Vai e vem do amor	Fox Samba	Celita Rey e Os Mocarongos	Celita Rey - Rômulo dos Santos Celita Rey - Rômulo dos Santos
15.326	A- Jambalaya B- Evocação	Dobrado Dobrado	Banda do 14º Regimento de Infantaria	Hank Williams Nelson Ferreira
15.327	A- Copacabana zero hora B- Copacabana zero hora	Rock Fox-Blue	Haroldo de Almeida	Duilio Mastroianni - Hugo Carvana de Holanda Duilio Mastroianni - Hugo Carvana de Holanda
15.328	A- B-			
15.329	A- Cordão da Vassourinha B- Frevo no Bairro do Recife	F.de Bloco Frevo	Bloco Mocambinho da Folia Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Nelson Ferreira Nelson Ferreira
15.330	A- Tá faltando alguém B- Sai da frente	Fr.Canção Frevo	Meves Gama Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	José Menezes Tenente Gadelha
15.331	A- Turma de brotinhos B- Meteoro	Fr.Canção Frevo	Expedito Baracho Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Carnera Toscano
15.332	A- Encontro marcado B- Vai na marra	Fr.Canção Frevo	Claudionor Germano Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Capiba Zumba

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.333	A- Mesmo que queijo B- Lampião	Fr.Canção Frevo	Evaldo França Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Sebastião Lopes Lourival Oliveira
15.334	A- Gulosa B- Última troça	Fr.Canção Frevo	Raimundo Santos Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Gildo Branco Levino Ferreira
15.335	A- A dor de uma saudade B- O elefante em Olinda	F.de Bloco Frevo	Bloco Mocambinho da Folia Orquestra de Clube da Banda do 14º Regimento de Infantaria	Edgar Morais Ivanildo Rafael
15.336	A- O gavião calçudo B- O rebolado da Sinhá	Maxixe Maxixe	Ivanildo e Seu Conjunto	Pixinguinha José Manoel
15.337	A- Não diga que me viu aqui B- Me deixa em paz	Fr.Canção Samba	Os Trovadores Francisco Barbosa	Manoel Gilberto José Manoel
15.338	A- Amor... amor... amor... B- Virou bagunça	Samba Samba	Bloco Carnavalesco Bafo de Onça	Joaquim A. Araújo "Mistura" Osvaldo Nunes
15.339	A- Estão voltando as flores B- Fiz o bobão	Marcha Samba	Helena de Lima	Paulo Soledade Haroldo Barbosa - Luiz Reis
15.340	A- Quisera B- Além de ti mais nada	Bolero Beguine	Aidéé Miranda	Aidéé Miranda A. C. Leal
15.341	A- Vai apanhar B- Marcha do tirolês	Samba Marcha	José Garcia	Manoel Casanova Manoel Casanova - José Casemiro
15.342	A- A roseira da fonte B- Filhos de ninguém	Guarânia Canção	Zé Fortuna e Pitangueira	José Fortuna - Pitangueira José Fortuna
15.343	A- Incostante B- Rosa do mato	S.Canção Samba	Paulo Molin	Aloísio T. de Carvalho Sérgio Ricardo - Geraldo Serafim
15.344	A- Jullia B- Per un baccio d'amore	Balada	Tony Dallara	Gentile - Capotosti Testa - Poes
15.345	A- Al di la B- Un uomo vivo	Canção Canção	Tony Dallara	Mogol - Donida Gino Paoli
15.346	A- Bicharada no São João B- Mosquitinho	Polca Polca	Jair Pimentel	Jair Pimentel Jair Pimentel

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.347	A- Forró em Camutanga B- Xerém	Forró Chôrtis	Toinho da Sanfona	Antônio Martins
15.348	A- Vasante da maré B- Coco da cajarana	M. de Roda Coco	Genival Lacerda	Antônio Martins - Manoel Avelino Genival Lacerda - Antônio Clemente
15.349	A- Muito além (Al di la) B- A primeira estrela que vejo	Canção Canção	Léa de Holanda	Genival Lacerda - Jacinto Silva Mogol - Donida - Júlio Nagib Fred Chateaubriand-Vinícius de Carvalho
15.350	A- Mal-me-quer B- Saudade que é como a noite	C. Bolero Balada	Vicente Cunha	Irmãos Valença
15.351	A- Xem-em-em no varandão B- Olé, olé, olá	Xem-xem-xem M. de Roda	Os Três Boêmios	Nelson Ferreira - Cilro Meigo Aldemar Paiva
15.352	A- A fogueira do Bombinha B- A tomada da fogueira	M. Junina Forró	Bombinha Meves Gama	Nelson Barbalho - Joaquim Augusto Aldemar Paiva
15.353	A- Por causa dela B- São João do meu sertão	Marcha Baião	Carlos Diniz	Nelson Ferreira - Luciano Rangel Carlos Diniz
15.354	A- Madalena B- Perdoa	Cha cha cha Bolero	Hélio Amaral	Carlos Diniz Isidoro Oliveira
15.355	A- A chegada de Ana Lúcia B- Baiano no Sete	Maxixe Forró	Ivanildo Silva Eli Arcoverde	Valter Levita - José Batista Ivanildo Silva
15.356	A- Nossa Senhora da Guia B- A culpada é você	Folclore Valseado	Melrinho e Belguinha	Eli Arcoverde Valdomiro Bariani Ortêncio
15.357	A- Gabriela B- Cedilha a ça	Maxixe		Melrinho - Belguinha - Campeiro Jorge Amado-Gilvan Chaves-Maurício Sherman
15.358	A- 24 mila baci B- Auli-ulé		Gilvan Chaves Adriano Celentano	Lourival Fraga - Gilvan Chaves Fulci - Vivarelli - Celentano
15.359	A- Carinha de anjo B- Espera por mim	Bolero Bolero	José Garcia	Beretta - Beoni N. Navarro - Lourival Faissal
15.360	A- La novia B- Chiaccio bollente	Canção Canção	Tony Dallara	Lourival Faissal-Arsênio de Carvalho Mogol - Dallara - Pietro Pallavicini - Massara

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.361	A-1) Mama don't allow -2) Samba de uma nota só	Fox/Samba	Eliana e Booker Pittman	1)Cow Devenport -2) Antônio Carlos Jobim - Newton Mendonça
15.362	B- Bate que bate A- Pozzanghere B- Pigro Mattin	Samba Canção Canção	Eliana Pittman Niki Davis	Ciro de Souza Pellini - Orfelius - Renis Leo Chiosso - G. Intra
15.363	A- Faz-me rir B- Meu Buenos Aires querido	Tango Tango	Eladir Porto	F.Yoni-E.Arias-Teixeira Filho C.Gardel - Le Pera - Juracy Rago
15.364	A- Bat Masterson B- Porque brilham os teus olhos	Fox Fox	Romeu Fossati	Bart Corwin - Haves Wray Fernando César
15.365	A- Na rocha da Siribeira B- Seu sorriso	Toada Samba	Hugo Santana	José Vasconcelos Oscar Castro Neves-Luverci Fiorini
15.366	A- Boato B- Porque foi que voltei	Samba Samba	João Roberto Kelly	João Roberto Kelly João Roberto Kelly
15.367	A- 24 mil desejos	R. Rock		Fulci-Vivarelli-Calentano-Cesare Higinio Ratti-José Joaquim de Lima G.Meccia-F.Migliacci-Fred Jorge
15.368	B- Batatinha A- Que sejas feliz	Cha cha cha C. Bolero	Cidinha	Consuelo Velazquez-Serafim Costa Almeida Expedito Polari
15.369	B- Hás de voltar A- Revolta B- Só uma saudade	Bolero S. Canção Samba	Edmundo Damatta Penha Maria	Othon Russo - Fernando César Miro Rosé
15.370	A- Salve Cosme e Damião B- Rei do cangaço	Batuque X.Arr.-Pé	Genival Lacerda	Manoel Avelino - Genival Lacerda Genival Lacerda - J. Borges
15.371	A- Aeronáutica em marcha B- Não me diga adeus	Marcha Samba	Luiz Allan	Luiz Allan Paquito-Luiz Soberano-João Correia da Silva
15.372	A- Criola B- A chegada de Ana Lúcia	Baião Maxixe	Ivanildo e Seu Conjunto	Moreira Filho Ivanildo Silva
15.373	A- Beijo louco B- Vamos manear	C. Rock Mambo	Cidinha	Ciloca Madeira Ciloca Madeira
15.374	A- O segredo dos teus olhos B- Como jamais te quis alguém	V. Rancho Tango	Carlos Carriê	F. Canaro - Carlos Carriê Carlos Carriê

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.375	A- Poiom pom pom B- O amor que vem	Samba Samba	Sônia Carvana	Catulo de Paula Chico Feitosa - Marcos Vasconcelos
15.376	A- Tem que ter B- Chiclete com banana	Samba Samba	Carmélia Alves	Túlio Piva Almira - Gordurinha
15.377	A- Saudade vai-te embora B- Isto é Lisboa	Fado F, Marcha	Olivinha Carvalho	Júlio de Souza Manoel Paixão - Eduardo Damas
15.378	A- Chega de sofrer B- Deixa ela rolar	Samba Samba	Roberto Paiva	Nelson Cavaquinho-Pedro Martins-Re- nato Araújo Nelson Cavaquinho-Pedro Martins-Val- ter Silva
15.379	A- Na hora H... piano B- O homem da bengala	Frevo Fr. Canção	Nelson Ferreira(Piano) com a Orquestra Frevos Mocambo Claudionor Germano	Nelson Ferreira Nelson Ferreira - Cilro Meigo
15.380	A- Pergunta ao meu lenço B- Amores da rua	Samba Samba	Joaquim Gonçalves	Capiba Ivan Campos
15.381	A- Não quero sofrer B- Mary	R. Balada Bol. Mambo	Evaldo França	Onildo Almeida Orangel do Carmo-Nelson Marques Pe- reira
15.382	A- Velho mensageiro B- Sonho de rapaz	S. Canção Cha cha cha	Alcides rangel	Orangel do carmo-Nelson Marques Pe- reira
15.383	A- Desejo B- Ensina-me a esquecer-te	Bolero Bolero	Roberto Bozzan	Alcides leão - Vladimir Campos Eridânia Mancebo
15.384	A- Escola de samba na Praça 11 B- Evocação nº 1	Samba F. de Bloco	Otacílio Amaral	Herivelto Martins-Grande Otelo-Arr.: Otacílio Amaral Nelson Ferreira
15.385	A- Triste viver B- Cana seca	V. Ranch. Arrasta-pé	Ubirajara e Jandira	Ubirajara - Riff Ubirajara - José Antunes
15.386	A- Olhando estrelas B- Valsa da menina-moça	Bolero Valsa	Maria Parísio	Michael Anthony - Paulo Rogério Nelson Ferreira
15.387	A- Mambo quente B- Gilson no choro	Mambo Choro	Ivanildo e Seu Conjunto	Olavo Barros - J. Guimarães Ivanildo Silva

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.388	A- Amor de hoje B- Maria Bonita	Fr. Canção Fr. Canção	Maves Gama Banda do 14º Regimento de Infantaria	Carnera Lourival Oliveira
15.389	A- O amor vem da sorte B- Dona Santa	Fr. Canção Maracatu	Turma dos Frevolentos	Sebastião Lopes Sebastião Lopes
15.390	A- Venha que eu dou B- Dá prá Biu	Fr. Canção Fr. de Rua	Francisco Barbosa Banda do 14º Regimento de Infantaria	José Xavier de Menezes Manoel Gadelha
15.391	A- Hino da Pitombeira B- A lua disse	Fr. Troça Fr. Canção	Coro da Troça Pitombeira dos 4 Cantos Evaldo França	Alex Caldas Gildo Branco
15.392	A- Valores do passado B- Ninguém me vê	F. de Bloco Fr. Canção	Bloco da Saudade Os Cancioneiros	Edgar Morais Jorge Gomes
15.393	A- Me abufelei! B- Sarrafo	Fr. Canção Fr. de Rua	Aguinaldo Batista Banda do 14º Regimento de Infantaria	Aldemar Paiva - Aguinaldo Batista Matias Malaquias
15.394	A- Frevo da saudade B- Tem pimenta no salão	Fr. Canção Fr. de Rua	Joaquim Gonçalves Banda do 14º Regimento de Infantaria	Capiba Herman Barbosa
15.395	A- Cadê você? B- Frevo no Pátio do Terço	Fr. Canção Fr. de Rua	Raimundo Santos Banda do 14º Regimento de Infantaria	Manoel Gilberto Toscano Filho
15.396	A- Tá bom demais B- Frevo do futucado	Fr. Canção Fr. Canção	Carmélia Alves	José Santa Cruz Aldemar Paiva
15.397	A- Ausência B- Foi você	S. Canção S. Canção	Joaquim Gonçalves	Joaquim Gonçalves - J. Celestino Pedro Martins - Heitor Araújo
15.398	A- Como o céu está lindo B- Pepe	S. Canção R. Calipso	Penha Maria	João Pinto J. Wittistatt - Almeida Rego
15.399	A- Ave sem ninho B- Voltei	Bolero Bolero	Edmundo Damata	Edno Moreira Mendes Othon Russo - Fernando César
15.400	A- Lago de Lindóia B- Vorrei tornare a Napoli	Bolero R. Balada	Leo Marini	A. Giordano - Wilpoe A. Giordano-A. Pittana-A. Petrucci
15.401	A- A bandinha do Aristides B- Na casa do coroné	Humorismo Humorismo	Jararaca, Ratinho e Ari Leite	Jararaca - Ratinho-Ari Leite Jararaca - Ratinho
15.402	A- Movimento ri rock B- Impazzivo per te	Rock Iê-iê-iê	Adriano Celentano	Colombini - De Fillipi Celentano - Del Prete

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.403	A- Deixa andar B- Oba	Samba Bátucada	Bloco Carnavalesco Bafo de Onça Osvaldo Nunes com o Bloco Carnavalesco Bafo de Onça Carlos Diniz	Jujuba Osvaldo Nunes
15.404	A- Dê licença, rei B- Tá! Tá! Tá!	Baião Chótis		Carlos Diniz Carlos Diniz - Demóstenes Oliveira S. Matos
15.405	A- Que dilema B- Código supremo	S. Canção Cha cha cha	Gracinda Miranda	Orangel do Carmo - Miguel Alves Donga - Valfrido Silva
15.406	A- Maria Tereza B- Samba em Mangueira	Marcha Samba	Noite Ilustrada	Jorge Costa - Marques Filho Nilo Silva-Serafim Costa Almeida-Vi- cente Silva
15.407	A- Índio quer mulher B- Bebeu, caiu	Marcha Batucada	 Hugo Santana	Roberto Lara-Reinaldo Eusebio-Gentil Castro T. Rojas - Sertãozinho
15.408	A- Suco, suco B- Chuvas de abril	Baião Fox	Evaldo França	Louis Silvers - B. G. de Sylva Gracia - Tevê- J. Fonseca
15.409	A- Você dá sopa demais B- Mais um amor	Marcha Samba	Gilda de Barros	Buci Moreira-Arnô Canegal-Jore Gon- galves Pallesi - Davidson
15.410	A- La pachanga B- Cha cha cha dell'impiccato	Pachanga Cha cha cha	Cesare marchini	Vivarelli - Pianori Luiz de França
15.411	A- Panorama de folião	M.de Bloco	Coro do Bloco Mixto Inocentes do Rosa- rinho	Nelson Ferreira - Sebastião Lopes Louis François Celzado Mereuil
15.412	B- Chegou o Biu das moças A- Cha cha cha de las secretárias B- Ma ma du	Fr. Canção Cha cha cha M.C.C. Cha Pachanga	Bianor Batista Jean Claude Pelletier e Sua Orquestra Benny Bennet e Sua Orquestra Gracinda Miranda	Davidson - Romeu Fossati Lacho Rivero - José Garcia Haroldo Lobo - Silvinho Neto
15.413	A- La pachanga B- Oye me mamá	Cha cha cha Marcha	José Garcia Hamilton Ferreira e Castrinho	Haroldo Lobo - Silvinho Neto - Paulo Gracindo
15.414	A- Asnésio e Leôncio B- É por aqui, siô	Marcha Marcha		Philip Stephen C. Foster
15.415	A- Fúria B- Oh! Suzanna		Romeu Fossati e Sua Orquestra	

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.416	A- Seu Nena no salão B- Polquinha do Mandacaru	Baião Polca	Toinho da Sanfona	Antônio Martins Antônio Martins
15.417	A- Não interessa não B- Caruaru	Baião Baião	Toinho da Sanfona	Luiz Bittencourt - José Menezes Belmiro Barrela
15.418	A- Corcovado B- Você passou	Samba Samba	Os Cariocas	Antônio Carlos Jobim Alcir Pires Vermelho-Nazzareno de Brito
15.419	A- Manhã de tecelã B- A mesma rosa amarela	Samba Samba	Claudionor Germano Clóvis Pereira	Capiba - Carlos Pena Filho Capiba - Carlos Pena Filho
15.420	A- Perdão B- Beco da Maldição	Samba S. Canção	Expedito Baracho	Gilberto Milfont - Benny Wolkoff Dozinho
15.421	A- Pepito B- Il mio trenino	- -	Cesare Marchini	Testoni - Truscot - Taylor Abner - Rossi - Pinchi
15.422	A- Amor, amor, amor B- Chattanooga choo choo	Cha cha cha Cha cha cha	Gino Mescoli	Gabriel Ruiz H. Warren
15.423	A- Oba B- Vou ter um troço	Cha cha cha Cha cha cha	Romeu Fossati e Sua Orquestra	Oswaldo Nunes Arnô Provenzano-Otolindo Lopes- Jackson do Pandeiro
15.424	A- Só saudade B- Nós e o mar	S. Canção Samba	Claudete Soares	Antônio Carlos Jobim Roberto Menescal - Ronaldo Boscoli
15.425	A- Carta à mãe distante B- Ser mãe	Canção Canção	Rodolfo Mayer Jorge Goulart	Silvino Neto Coelho Neto - Silvino Neto
15.426	A- Garrincha-cha B- Duas mães (PB: Crepúsculo)	Cha cha cha Mensagem	José Messias	Rutinaldo Anta "Romeu Fossati"
15.427	A- Mariá	Coco		Mot. pop.-Adap.: Antônio Clemente- Genival Lacerda
15.428	B- O delegado deu ordem A- Zé Dantas B- Vaquejada	Coco Baião Baião	Genival Lacerda Onildo Almeida	Rosil Cavalcanti - Genival Lacerda Onildo Almeida Onildo Almeida
15.429	A- Justiça divina B- Bambuê bambuá	Baião M. de Roda	Jacinto Silva	Onildo Almeida Joaquim Augusto - Luiz Plácido

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.430	A- Casamento da Roberta B- Galo cho	Chótiis Cantiga	Carlos Diniz	Raimundo Evangelista-Carlos Diniz Carlos Diniz-Demóstenes José de Oliveira-Amaro Correia de Azevedo P.F.Webster-D.Tiomkin-Paulo Rogério Jorge de Castro - Wilson Batista Vera Falcão - Murilo Latini Paulo Gesta - Wilson Ferreira
15.431	A- As folhas verdes de verão B- Festa nos olhos	Beguine S. Canção	Maria Ignez	Osvaldo Nunes Osvaldo Nunes
15.432	A- Canção dos aflitos B- Mamãe orando	Canção Canção		Capiba Capiba
15.433	A- Lar vazio B- Agradecimento	Samba Samba	Osvaldo Nunes	Sebastião Lopes Jair Pimentel
15.434	A- Ai de mim B- Depois	Samba Samba	Claudionor Germano	Camarão Onildo Almeida - Camarão
15.435	A- 25 donzelas B- Uma polquinha em bonito	Baião Polca	Francisco de Assis Jair Pimentel	Luiz Queiroga Onildo Almeida
15.436	A- Arrasta-pé no Jucá B- Choradera	Arrasta-pé Chótiis		Luiz Queiroga Mot. pop.-Adapt.: Luiz Queiroga
15.437	A- Balão da esperança B- Lesou... lesou...	M. Junina M. de Roda	Meves Gama	José Manzo Matanzas
15.438	A- Ludugero apoquentado B- Combuque de Ludugero	Cômico Arrasta-pé	Luiz Jacinto e Rosa Maria Luiz Jacinto Cesare Marchini e Seu Conjunto	Dozinho - Gilberto Fernandes Dozinho Billy Blanco
15.439	A- Moliendo café B- Meu Brasil	- -		Jair Amorim - Evaldo Gouveia José Messias
15.440	A- Maltrapilha B- Sofredor	S. Canção Samba	Gilberto Fernandes Os Cancioneiros Nora Ney	Jorge Moreira - Barbozinha Humberto Teixeira Guio de Moraes
15.441	A- João da Silva B- E a vida continua...	Samba S. Canção		Romeu Fossati - Murilo Latini
15.442	A- O menino, sempre o menino B- Gata Borracheira	S. Canção Samba	Joel de Andrade	
15.443	A- Jardineiro de ilusões B- Obrigado, Rio	M. Rancho Samba	Carmélia Alves	
15.444	A- Não te culpo B- Contra senso	Tango Tango	Eladir Porto-Declamação: Valdeck Magalhães Eladir Porto	

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.445	A- Brasil, campeão do mundo B- Garrincha-cha	Mar. Hino Cha cha cha	Claudionor Germano	Nelson Ferreira - Aldemar Paiva Rutinaldo
15.446	A- Vem amor B- Fim	Twist Samba	Osvaldo Nunes	Lino Roberto - Osvaldo Nunes Lino Roberto
15.447	A- Vai e vem B- Jogadinho	Choro Baião	Silva Torres	Silva Torres Silva Torres
15.448	A- Balconista B- Não me chame de senhor	Samba Samba	Carlos Carrié	Demóstenes Gonzalez Demóstenes Gonzalez
15.449	A- Só resta saudade B- Se me viste chorar...	Bolero Bolero	Roberto Bozzan	Duda - Inaldo Vilarim Nelson Ferreira
15.450	A- Tu e eu B- Move it	Rock Rock	Al Bert	B. Welch - H. Marvin - Al Bert I. Sawell
15.451	A- Tenho ciúme da lua B- Pequena serenata	Samba V. Canção	Paulo Duque	Pier Carlo Ducco Teotônio Pavão
15.452	A- Bonita demais B- Confissão	Samba S. Canção	Miro de Freitas	Luiz de França Luiz de França
15.453	A- Trenzinho de brinquedo-piui B- Dorme	Corrido Samba	José Messias	José Messias José Messias
15.454	A- Bailinho de Benavente B- Lisboa	Fado Marcha	Olivinha Carvalho	Frederico Valério Frederico Valério
15.455	A- Lágrimas de amor B- Pergunta ao coração	Tango Bolero	Jorge Goulart	Silvino Neto Silvino Neto
15.456	A- Não me abandones B- Lembrando o meu bem	Bolero Toada	Ayla Maria	Olavo Barros Moreira Filho
15.457	A- O mundo do samba B- Claudionor da Vila	Samba Samba	Jaú (Ernâni Silva)	Hélio Francisco-Hernâni Silva Hélio Francisco-Zé da Vila
15.458	A- Forró de Zé Lagoa B- Maria de Belém	Baião Baião	Genival Lacerda	Rosil Cavalcanti Genival Lacerda - Braz do Pandeiro
15.459	A- Tua boca B- Só eu e você	Samba S. Canção	Joaquim Gonçalves	Nelson Ferreira - Antônio Paurilo Othon Russo - Armando Nunes
15.460	A- Por que? B- Solteirinho	Samba Rock	Luciano Senha	Capiba Jota Luna - Clodoaldo Brito

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.461	A- Lição de twist	Twist	The Hits	G.Mengosi-L.Morisso-P.Gerard-Teotônio Pavão
15.462	B- Machachá	Cha cha cha	Conjunto Alvorada	Teotônio Pavão
	A- Desespero	Bol. Mambo	Gilda de Abreu	William Duba - Edson Menezes
15.463	B- Mais do que eu	Samba	Lafaiete Cunha	Vera Falcão - Nelson Ferreira
	A- Eu te amo	Bolero		Lafaiete Cunha
15.464	B- Eu errei	Samba	Pierre Dorsey (Piano)	Lafaiete Cunha
	A- L'arlequin de Toléde	Slow-Rock		Drejac - Giraud
15.465	B- Amor para dois	Slow-Rock	Ayla Maria	Gail - Dorsey
	A- Não, amor	S. Canção		Moreira Filho
15.466	B- O cisne verde	S. Canção	Roberto Bozzan	Nelson Ferreira - Israel de Castro
	A- Só presta quente	Fr. Canção		Dozinho
15.467	B- Aguenta quem pode	Fr. de Rua	Banda do 14º Regimento de Infantaria	M. Gadelha
	A- Não quero mais nada...	Fr. Canção	Francisco de Assis	Carnera
15.468	B- Cosmonauta	Fr. de Rua	Banda do 14º Regimento de Infantaria	Toscano Filho
	A- Você gostou de mim	Fr. Canção	Getúlio Cavalcanti	Getúlio Cavalcanti
15.469	B- Carrasco	Fr. de Rua	Banda do 14º Regimento de Infantaria	Matias Malaquias
	A- Cabelos brancos	Fr. Canção	Claudionor Germano	Nelson Ferreira
15.470	B- Velho sol	Fr. Canção	Meves Gama	Nelson Ferreira
	A- Olhe o dedinho...	Fr. Canção	Almir Távora	Sebastião Lopes
15.471	B- Volta Seca	Fr. de Rua	Banda do 14º Regimento de Infantaria	Lourival Oliveira
	A- Tudo acabado	C. Ranch, Cateretê	Melrinho e Belguinha	Ubirajara Moreira Andrade-Zé Micuí
15.472	B- Perigoso	Valsa	Coro das Meninas da Casa de Lázaro	Zé Vidal
	A- Natal	Valsa		Romeu Fossati
15.473	B- Natal com minha mãe	F. de Bloco	Bloco Mocambinho da Folia	Júlio Louzada - Jorge Gonçalves
	A- A vida é um carnaval	Fr. de Rua	Banda do 14º Regimento de Infantaria	Edgar Morais
15.474	B- É prá valer	Fr. Canção	Célio Roberto	Zumba
	A- Nunca fui amado	Fr. de Bloco	Bloco Mocambinho da Folia	Gildo Branco
15.475	B- Madeira que o cupim não rói	Fr. Canção	Francisco Barbosa	Capiba
	A- Rosa	Fr. de Rua	Banda do 14º Regimento de Infantaria	José Xavier de Menezes
	B- Capoeira			Luiz Caetano

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.476	A- Deusa do amor B- Vem arrasando	Fr. Canção Fr. de Rua	Edmundo Damatta Banda do 14º Regimento de Infantaria	Sebastião Rozendo Ivanildo Rafael
15.477	A- Eu sou de você B- Está tudo errado	Fr. Canção Fr. de Rua	Aguinaldo Batista Banda do 14º Regimento de Infantaria	Aguinaldo Batista Jones Johnson
15.478	A- É de Maroca B- O malhador	Fr. Canção Samba	Carmélia Alves	Capiba Donga-Pixiguinha-Valfrido Silva
15.479	A- Amor de verdade B- A mulher e a galinha	Samba Marcha	Ivete Garcia	Armando Cavalcanti - Brasinha Antônio Almeida - Oldemar Magalhães
15.480	A- Recordando o carnaval B- Olha a canoa	M. Rancho Batucada	Joab e Seu Coro	Romeu Fossati - Murilo Latini Jorge Smera - Paulo Gesta
15.481	A- Olho grande B- Pagar prá ver	Samba Samba	Linda Batista	João de Oliveira-Oldemar Magalhães Armando Cavalcanti - Ivo Santos
15.482	A- O último a saber B- Ponha a mão na consciência	Marcha Samba	Dircinha Batista	Clécio Caldas - Brasinha Clécio Caldas - Brasinha
15.483	A- Deus lhe dê em dobro B- Promessa	Samba Samba	Jorge Goulart	Bastos Neves - Jorge de Castro Jujuba - Castrinho
15.484	A- É um estouro B- Amor proibido	Marcha Samba	Ruy Rey	Antônio Almeida - Ruy Rey Mário Barcelos - L. Zeminian
15.485	A- Não perca tempo B- Tira o cavalo da chuva	Samba Marcha	Gracinda Miranda	Dário Queiroz Paquito - Romeu Gentil
15.486	A- Nossa felicidade B- Canção do fim	Bolero Fox	Salomé Parísio	Rute Amaral - Manoel Ferreira U. Minucci-R. Jordan-Paulo Rogério
15.487	A- É lei B- Speedy Gonzalez	Fox. Bal. Rock	Remo Germani	Gentile - Bilk Gentile - Kaye - Hill - Lee
15.488	A- Sherry B- Get off the moon	Fox-Rock B. Nova	Hugo Montenegro e Sua Orquestra John e Yuri	B. Gaudio Hugo Montenegro
15.489	A- Samba do saci B- Chorei, chorei	Samba Samba	Bloco Carnavalesco Bafo de Onça	Oswaldo Nunes - Lino Roberto Oswaldo Nunes
15.490	A- Et maintenant B- Hava nuguila (Aleremo-nos)	Bolero Cha cha cha	Aliza Kashi	Gilberto Becaud - Pierre Delanoë Folclore israelita
15.491	A- Chariot B- Darling cheri	- -	Petula Clark	Stole - Del Roma - Hatch Clark - Hatch

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.492	A- Confissão B- Amor sincero	Bolero Guarânia	Duo Guaíba - Declamação: Tremembé Duo Guaíba	Joaquim Oliveira - Genival Melo Jorginho Vicente - Edy França
15.493	A- Samba do saci B- Na cadência do samba	Samba Samba	Clóvis Pereira (Órgão) e Coro	Osvaldo Nunes - Lino Roberto Ataulfo Alves - Paulo Gesta
15.494	A- Menina mártir B- Deusa do sol	Rasqueado Bolero	Rouxinol e Casanova	João Barone João Barone
15.495	A- Se alguém me perguntar B- Só Deus pode dar jeito	Bolero Bolero	Roberto Bozzan	Dozinho Nelson Ferreira
15.496	A- Meu juramento B- Prece de dor	Bolero Bolero	José Garcia	Malgoni - Palesi - Murilo Latini Romeu Fossati - Murilo Latini
15.497	A- Watermelon walk B- Spanish nights	H. Gully Bolero	The Five Counts	L. Faucette Jr. - S. Queiroga L. Faucette Jr.
15.498	A- Si tivé mulé B- Fiscá fulero	M. de Roda Chótis	Luiz Jacinto	Onildo Almeida - Luiz Queiroga Luiz Queiroga
15.499	A- Abraça teu irmão (Hava naguila)	-	Salomé Parísio	Folclore israelita-Adpt.:Maurício Itamar
15.500	B- Amarga recordação A- Toda moça quer casar B- Serra da Coirana	Samba Polca Coco	Déo do Baião	Gracinha de Souza - Sócrates Onildo Almeida Onildo Almeida - Déo do Baião
15.501	A- Chora bananeira B- Coco trocado	M. de Roda Coco	Jacinto Silva	Onildo Almeida Jacinto Silva
15.502	A- Chariot B- Qual de nós dois?	Balada Bolero	Ayla Maria	Plante-Stole-Del Roma-Almeida Rego Jocemar Ribeiro
15.503	A- Por que mudou? B- Minha roseira	M. Junina M. de Roda	Meves Gama	Aldemar Paiva Onildo Almeida
15.504	A- Cajueiro abalou B- Tomaram o meu amor	Coco Arrasta-pé	Genival Lacerda	Genival Lacerda - Antônio Clemente Genival Lacerda - Antônio Clemente
15.505	A- Tadinha da Maroca B- Arranjei um casamento	Polca Baião	Aguinaldo Batista Meves Gama	Aguinaldo Batista-Martins da Sanfma Gildo Branco
15.506	A- Cabra da peste B- Fungado bom	Forró Polca	Camarão	Camarão Camarão
15.507	A- Forró do Xicuru B- Saudade do meu sertão	Forró Quadrilha	Manoel Maurício	Manoel Maurício Manoel Mauricio

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.508	A- Segura o dedo B- O casamento de Chiquinha	Polca Polca	Jair Pimentel	Jair Pimentel Jair Pimentel
15.509	A- Coco do Tibiribé B- Sanfoneiro Zé Fuinha	Coco Arrasta-pé	Carlos Diniz	Carlos Diniz - Jacinto Silva Osvaldo Nunes
15.510	A- Filho de ninguém B- Foi Deus	T. Canção Fado-Slow	Iraquitã	Sebastião Oliveira Alberto Janes
15.511	A- Penumbra B- Relembrando a Bahia	Bolero Samba	Bárbara	Arquimedes Messina Generina Vilaça
15.512	A- Zé da Conceição B- Alô! Meu bem	Samba Samba	Osvaldo Nunes	João Roberto Kelly Osvaldo Nunes
15.513	A- Sem teu amor B- Canção do rio	Bolero Samba	Trio Tayamá	Zito Bertiano-Arr.:Piero Picconetto Zito Bertiano-Tremembé-Arr.:Piero Picconetto
15.514	A- Feio não é bonito B- Sou um infeliz	Samba Samba	Radamanto	Carlos Lira - Gianfrancesco Guarnieri Airton Ávila
15.515	A- Tortura B- Nosso cantinho	Bolero Samba	Dircinha Batista	Orlando Brito - Nelson Ferreira Evaldo Gouveia - Jair Amorim
15.516	A- Escândalo B- Realidade	Bolero Bolero	Gracinda Miranda	Nobre de Almeida-Sebastião Rozendo Nelson Gondim
15.517	A- Parece que foi ontem B- Aviso	Bolero S. Canção	Orlando Correia	Adelino Moreira Adelino Moreira
15.518	A- Noites de gala B- Carnaval azul	M. Rancho M. Rancho	Jorge Goulart	Alcir Pires Vermelho-Lamartine Babo Jota Júnior
15.519	A- Mundo diferente B- Hora final	S. Canção Samba	Nora Ney	Alcir Pires Vermelho-Luiz O. Maia Dora Lopes - Genival Melo
15.520	A- Falsa baiana B- Faceira	Samba Samba	Orquestra Mocambo de Clóvis Pereira	Geraldo Pereira-Arr.:Clóvis Pereira Ary Barroso - Arr.: Clóvis Pereira
15.521	A- Chariot B- Pepe	Balada R. Calipso	Penha Maria	Stole-Del Roma-T. Hatch-AlmeidaRego H.Wittistatt - Almeida Rego
15.522	A- Meu pranto B- Qual de nós dois?	Bolero Bolero	Ayla Maria	Fernando Mendes - Expedito Cornélio Jocemar Ribeiro

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.523	A- O beijo que não dei B- Escravo	S. Canção S. Canção	Joaquim Gonçalves	Nelson Ferreira - Lídio Róssiter Adelino Moreira
15.524	A- Nunca pensei B- Ao nascer do sol	Bolero Balada	Marilene Calíope	Onildo Almeida Carlos Rigol - Mário Rigol
15.525	A- Tombou e virou B- Carreiro novo	Coco Rojão	Jacinto Silva	Jacinto Silva Genival Lacerda - Antônio Clemente
15.526	A- Perdão B- Meu bem	S. Canção R. Balada	Osmar Lessa	Gilson de Lima Brochado Gilson de Lima Brochado-Tremembé
15.527	A- Nosso casamento B- Uma ilusão	Bolero Bolero	Carlito Santos	Carlito Santos Almir Santana
15.528	A- Positivo B- Faca de ponta	Fr. de Rua Fr. de Rua	Orquestra de Frevos Bacardi	Miro de Oliveira Miro de Oliveira
15.529	A- Saudade B- Olha o Biriba	Fr. Canção Fr. de Rua	Claudionor Germano Banda da Base Aérea do Recife	Fernando Castelão José Soares
15.530	A- Aquela... B- Lá vai fuá	Fr. Canção Fr. de Rua	Wilson Duarte Banda da Base Aérea do Recife	Aldemar Paiva Manoel Gadelha
15.531	A- Solteirão B- O tira-prosa	Fr. Canção Fr. de Rua	Getúlio Cavalcanti Banda da Base Aérea do Recife	Getúlio Cavalcanti Cícero Cavalcanti
15.532	A- Amor de marinhaio B- Pif tac zig pong	Fr. Canção Fr. de Rua	Penha Maria Banda da Base Aérea do Recife	Gildo Branco Eugênio Fabrício
15.533	A- Mariana B- Tem pimenta no frevo	Fr. Canção Fr. de Rua	Francisco de Assis Banda da Base Aérea do Recife	Sebastião Lopes Miro de Oliveira
15.534	A- Títulos matrimoniais B- Caduco	Fr. Canção Fr. de Rua	Aguinaldo Batista Banda da Base Aérea do Recife	Aguinaldo Batista Matias Malaquias
15.535	A- Garota vedete B- Reconciliação	Fr. Canção Fr. de Rua	Expedito Baracho Banda da Base Aérea do Recife	Carnera Baltazar de Carvalho
15.536	A- Tô pegando fogo B- Alô Limoeiro	Fr. Canção Fr. de Rua	Irma Santos Banda da Base Aérea do Recife	José Menezes Levino Ferreira
15.537	A- Eu quero mais... B- Frevo na Praça do Trabalho	Fr. Canção Fr. de Rua	Neves Gama Banda da Base Aérea do Recife	Dozinho José Ferreira
15.538	A- Evocação nº 4 B- Quarta-feira ingrata!	Fr. de Bloco Fr. de Rua	Bloco Mocambinho da Folia Orquestra de Frevos Nelson Ferreira	Nelson Ferreira Nelson Ferreira

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.539	A- O mundo em festa B- Você sabe!	Fr. de Bloco Fr. de Rua	Bloco Mocambinho da Folia Banda da Base Aérea do Recife	Geraldo Costa Jones Johnson
15.540	A- Carnavá de Ludugero B- Dixe bom!	Fr. Canção Fr. de Rua	Luiz Jacinto Banda da Base Aérea do Recife	Luiz Queiroga Leôncio Rodrigues
15.541	A- Abre caminho B- Aurora	Batucada Samba	Radamanto	Valdemar Pimentel - B. Lobo Airton Ávila
15.542	A- Quem gosta de passado é museu B- Macacão	Samba Samba	Linda Batista	Jorge de Castro - Florinda de Oliveira Brazinha - Humberto Carvalho
15.543	A- Na hora que você precisou B- A índia vai ter neném	Samba Marcha	Dircinha Batista	Carvalhinho-Zilda Gonçalves-Valtinho Haroldo Lobo - Milton de Oliveira
15.544	A- Na mulher não se bate B- A cabeleira do Zezé	Marcha Marcha	Jorge Goulart	Brazinha - David Raw Roberto Faissal-João Roberto Kelly
15.545	A- Mulher boa é quem manda B- De copo na mão	Marcha Samba	Ivete Garcia	Gracindo Jr. - Ruy Rey - Tony Almeida Rego-Edson Menezes-Castelo
15.546	A- Eclipse B- Quiz fazer de mim palhaço	Marcha Samba	Orlando Correia	Adelino Moreira - Celso Castro Raul Marques-Otávio Lima-Odair Correia
15.547	A- A bola do Maracanã B- O outro lado da vida	Marcha Samba	Gilda de Barros	Gracia - Chavito J. Piedade - Moacir Vieira
15.548	A- Devo a você B- Devagar	Samba Batucada	Jorge Goulart Araci de Almeida	Santos Garcia - M. Gomes Vera Falcão-Jorge de Castro-Marcléo
15.549	A- Tô cum fome dotô B- A hora é essa	Samba Samba	Roberto Bozzan Gracinda Miranda	Valter de Andrade "Limoeiro" Almeidinha
15.550	A- Oracion de amor B- Es el amanecer	S. Canção Merengue- Baião	Bienvenido Granda	René Bittencourt - Bienvenido Granda José S. Baden
15.551	A- Sem "mulé" não presta B- Duas "fia" prá casa	M. de Roda Chótis	Luiz Jacinto	Nelson Ferreira - Luiz Queiroga Onildo Almeida
15.552	A- Coco de Camarajibe B- Forró amulestado	Coco Polca	Maria dos Prazeres Jair Pimentel (Clarinete) e Vavá (Bombardino)	Maria dos Prazeres Alcides Leão

Nº DO DISCO	REPERTÓRIO	GÊNERO	INTÉRPRETE(S)	AUTOR(ES)
15.553	A- Aquela rosa B- A polquinha da dona Zefa	M. de Roda Polca	Jacinto Silva Toinho da Sanfona	Jacinto Silva Josefa Martins
15.554	A- A beleza do homem é a mulher B- A rainha do baile	Coco Forró	Maria dos Prazeres Manoel Maurício	Maria dos Prazeres Manoel Maurício
15.555	A- Na base do tamanco B- Xote do vai e vem	Coco Chótis	Jacinto Silva Toinho da Sanfona	José Maurício - Jacinto Silva Antônio Martins
15.556	A- A mulher de mané Amaro B- A chuva chegou	Embolada Baião	Déo do Baião	Déo do Baião Déo do Baião
15.557	A- Sanfoneiro ruim B- Zabumba do Martins	M. Junina Zabumba	Carlos Diniz Jair Pimentel	Carlos Diniz - Oclaesse Pereira - J. Nilo Jair Pimentel
15.558	A- Vingança de Vitalina B- Desmanchando o clarinete	M. Junina Polca	Irma Santos Jair Pimentel	Gildo Branco Jair Pimentel
15.559	A- De bandinha B- Me deixa em paz	Fr. Canção Samba	José Alves	Lázaro Dozinho

OUTRAS INFORMAÇÕES:

- A Mocambo (Fábrica de Discos Rozemblit Ltda.), localizada em Recife, é a única grande gravadora brasileira fora do eixo Rio-São Paulo. Sua série 15.000 foi lançada em 1955, terminando em 1964.

Deixamos de apresentar uma relação dos acompanhamentos por falta de dados no arquivo da Gravadora.

15.004-B - "Pelo "Sport", tudo!" - O "Sport" é o Sport Clube do Recife.

15.014 - Foram lançados dois discos com este número, ambos com o pianista José Luciano. Num, o repertório é "Malagueña" e "Aquarela do Brasil"; no outro, "Blue gardenia" substitui "Aquarela do Brasil".

15.093 - Na face "A" está: Gerson Rosa; na "B": Gerson Rosas.

15.095-A - "Vassourinhas" - Com solo de saxofone por Felinho.

15.187-A - A denominação "Orquestra de Clube" refere-se a um tipo de orquestra usado no carnaval de rua pelos clubes pernambucanos ("Vassourinhas", "Pás", "Lenhadores", etc.) formada por três naipes de instrumentos (metais, palhetas e percussão) com especial destaque para os trombones.

15.308-A - "Noé, Noé" - Adaptação sobre motivos populares.

15.312-A - "Meu navio anda no má" - Adaptação sobre motivo popular.

15.372-B - "A chegada da Ana Lúcia" - Reedição do 15.355-A.

15.420 - "Perdão" e "Beco da Maldição" - Reedição do 15.110.

15.438 - O "Coronel Ludugero" era um tipo criado pelo cômico Luiz Jacinto no rádio e televisão.

15.521-B - "Pepe" - Reedição do 15.398-B.

15.522-B - "Qual de nós dois" - Reedição do 15.502-B.

15.550-A - "Oración de amor" - Versão em castelhano de Bienvenido Granda do samba-canção "Prece de amor".

CAPÍTULO II

O QUE FOI GRAVADO NA SÉRIE 15.000

Em "Discografia Brasileira", os autores advertem o leitor da possível margem de erros que o trabalho possa conter⁽¹⁾ em função das dificuldades em se obterem dados corretos seja nas fontes materiais (o disco), seja nas fontes documentais (arquivos das gravadoras), seja na bibliografia especializada (rara, por sinal); das mesmas dificuldades padece este nosso trabalho, agravado pela destruição dos arquivos da "Rozenblit" após as cheias de 1966 e 1975, submersos em água e lama, pelo desaparecimento das matrizes e, algumas vezes, do próprio disco, inexistente até mesmo nas discotecas das emissoras de rádio. Acresce-se que, sem ter perspectiva histórica de sua importância, a Rozenblit - e de resto muitas gravadoras no Brasil - não se preocupavam em seguir ordenadamente as séries que iniciavam, omitindo números ou repetindo-os, criando confusão para organizar a sequência corretas das séries⁽²⁾. Se porventura ocorrer um erro de 1% em nossa pesquisa, isto significa onze gravações (5,5 discos) num universo de 1120 gravações (560 discos) em 78 rpm; cremos que tal deslize (se houve), deve se situar bem abaixo do percentual indicado anteriormente e ainda que igual, situar-se-ia dentro da margem de erro matematicamente admissível em estatísticas desta natureza, que é da ordem de 3%. Em tempo: todos os percentuais estatísticos fracionários foram transformados em números inteiros⁽³⁾ não só facilitando a compreensão quantitativa da produção discográfica - estamos falando de produção cultural, cuja mensuração é extremamente complexa e não de quantidade de coisas - bem como para evitar frações absurdas do ponto de vista da concretude (6,7 discos; não existem sete décimos de disco como uma entidade cultural mensurável, ninguém gravou um sétimo de disco); quando a fração for igual a meio (uma face de um disco) ela será utilizada.

Das 1.120 gravações realizadas sob o número de série 15.000, 679 delas correspondem a gêneros musicais essencialmente brasileiros⁽⁴⁾, correspondendo a \pm 61% do total gravado e comprovando a postura nacionalista da fábrica de discos Rozenblit Ltda; os gêneros estrangeiros perfazem 432 gravações,

correspondendo a \pm 39% do total. Os gêneros musicais nordestinos colaboram nos percentuais com \pm 25%, sendo 298 gravações; o genuinamente pernambucano - frevo - ocupa \pm 14% com 170 gravações, o que demonstra claramente a proposta regionalista da gravadora. Considerando exclusivamente os gêneros nacionais (697 = 100), os gêneros nordestinos correspondem a \pm 43% das gravações que, somadas ao gênero pernambucano - o frevo, com \pm 24% - perfazem \pm 67%. Isto significa que 2/3 de toda música brasileira gravada na "Rozenblit" corresponde a gêneros nordestinos e pernambucanos, numa vocação regionalista insofismável; vocação que, já sabemos, será fatal à gravadora, notadamente a partir do golpe de 1º de abril. Isoladamente, o gênero nacional a ter mais gravações foi o samba (\pm 17% do total; \pm 30% do nacional), seguido do frevo (\pm 14% do total; \pm 24% do nacional). Os gêneros nordestinos - baião, polca junina, marcha junina, coco, xote, quadrilha, xaxado, bumba-meu-boi, maracatu, forró, arrasta-pé - representam 108 gravações (\pm 9,5% do total; \pm 15% do nacional). Dos autores nacionais, os mais gravados foram Antônio Carlos Jobim e Ary Barroso, ambos com 7 músicas, seguidos de Haroldo Lobo, Billy Blanco, Tito Madi e João Roberto Kelly, todos com 5 músicas cada; a presença da bossa-nova é significativa para quem estava fora do eixo Ipanema-Leblon: 3,5% (24 discos) dos gêneros nacionais, 2% do total. Entre os intérpretes nacionais, Jorge Goulart (9 gravações), Noite Ilustrada e Lúcio Alves (8 gravações cada) são os campeões; nos intérpretes regionais e pernambucanos, destacamos Claudionor Germano (dedicando-se ao frevo-canção) e Genival Lacerda (com gêneros nordestinos relacionados com as festas juninas), ambos com 18 gravações cada. Mas, o grande intérprete de frevo foi a Banda do 14º Regimento de Infantaria, com 36 gravações de frevo de rua, principalmente. Dos autores pernambucanos, o campeoníssimo foi Nelson Ferreira, compositor eclético praticando quase todos os gêneros - ele aparece como autor de frevos (de rua, de bloco e canção), valsas, choros, baiões, marchas juninas, cocos, forrós, baladas, sambas, sambas-canção - somando 54 composições, quase 5% do total geral, 8% do nacional; 18% dos gêneros nordestinos, 30% dos pernambucanos. Destacam-se ainda como compositores pernambucanos José Menezes (19 gravações) e Capiba (17).

Das gravações de gêneros estrangeiros, o bolero é campeoníssimo (89 gravações), seguido do tango (32) e do fox (29); os intérpretes nacionais são a maioria esmagadora nas gravações de gêneros internacionais, cerca de 90%; isto significa que a música estrangeira dava emprego a artistas brasileiros. Dos intérpretes estrangeiros, lembramos Rick Valente, Bienvenido Granda e Petula Clark, sendo que Tony Dallara tem o maior número de gravações (6).

Nas páginas seguintes, apresentaremos mais pormenorizadamente o que foi gravado pela "Rozenblit".

Notas ao Capítulo II

- (1) Santos, Alcino; Barbalho, Gracio; Severiano, Jairo; e Azevedo, M.A. de (Nirez): "Discografia Brasileira 78 RPM", FUNARTE, fls. I, III e IV.
- (2) A série 15.000 tem vários discos sem o número da matriz; dois discos com o mesmo número de série; e quatro gravações reeditadas.
- (3) De 0,1 a 0,4%, o arredondamento foi feito transformando-se o percentual para o número inteiro imediatamente anterior; exemplo: 61,4% virou 61%. De 0,6 a 0,9, transformamos o percentual para o número inteiro imediatamente superior; exemplo: 61,7% virou 62%.
- (4) Gênero musical essencialmente brasileiro é aquele produzido historicamente dentro da cultura brasileira e resultante da contribuição cultural dos três elementos étnicos formadores dessa cultura. Entre os gêneros musicais essencialmente brasileiros, citamos: samba, samba-canção, marcha carnavalesca, rancho.

QUADRO 1
GÊNEROS MÚSICAIS GRAVADOS NA ROZENBLIT
EM 78 rpm (560 discos, 1120 gravações)

I - GÊNEROS BRASILEIROS	/Nº DE GRAVAÇÕES	PERCENTUAL SOBRE /TOTAL GERAL	/TOTAL BRASILEIRO
1. Nordestinos*	298	25,0%	43%
2. Samba	210	17,0%	30%
3. Samba-canção	77	6,5%	11%
4. Marcha carnavalesca	64	5,0%	9%
5. Polca junina	19	1,5%	3%
6. Outros**	06	-	-
7. Cateretê	05	-	-
TOTAL	679		
II - GÊNEROS ESTRANGEIROS			
1. Bolero	89	7,0%	12%
2. Tango	32	3,0%	4,5%
3. Fox	29	2,5%	4,0%
4. Pop Internacional***	26	2,5%	4,0%
5. Chachacha	17	1,5%	2,5%
6. Beguine	13	1,0%	2%
7. Guarânia	08	-	1,0%
8. Outros****	227	-	-
TOTAL	441		
III - GÊNEROS NORDESTINOS			
1. Frevo	170	15,0%	24%
2. Baião	38	3,0%	5%
3. Coco	19	1,5%	2,5%
4. Xote	16	1,5%	2,0%
5. Marcha junina	13	1,0%	2,0%
6. Forró	08	-	1,0%
7. Arrasta-pé	07	-	-
8. Rojão*****	05	-	-
9. Outros	22	-	-
TOTAL	298		

NOTAS

* Estão discriminados na parte III, abaixo dos gêneros estrangeiros.

** Polquinha, rancheira, valseado, embolada, zabumba, cantiga de pilão.

*** Balada, rock, calipso, twist, hullygully, iê-iê-iê.

**** Bolero-mambo, canção-bolero, canção-rock, mambo, pachanga, fado, blues, canção, ragtime.

***** Cantiga de pilão, cururu, corrido, batuque, xenhenhen, bumba-meu-boi, maracatu, toada praieira, ciranda.

107

QUADRO 2
COMPOSITORES E INTÉRPRETES NACIONAIS
(679 gravações)

I - COMPOSITORES NACIONAIS*

1. Com 7 gravações

- a) Antônio Carlos Jobim
- b) Ary Barroso

2. Com 5 gravações

- a) Haroldo Lobo
- b) Billy Blanco
- c) Ito Madi
- d) João Roberto Kelly

3. Com 4 gravações

- a) Dolores Duran

4. Com 3 gravações

- a) Evaldo Gouveia/Jair Amorim
- b) Lupiscínio Rodrigues
- c) Gianfrancesco Guarnieri

5. Com duas gravações

- a) David Nasser
- b) Dorival Caymmi
- c) Donga/Pixinguinha
- d) Zé Ketí
- e) Mirabeau
- f) Antônio Maria**
- g) Nelson Cavaquinho
- h) Paulo Gracindo
- i) Orestes Barbosa

6. Com uma gravação

- a) Heron Domingues
- b) Mário Lago
- c) Noel Rosa
- d) Vadico
- e) Garoto
- f) Ciro Monteiro
- g) Carlos Imperial
- h) Sinhô
- i) Luis Bandeira***
- j) Humberto Teixeira
- k) Carlos Lyra
- l) Jorge Amado
- m) Flávio Cavalcanti

II - INTÉRPRETES NACIONAIS~~999~~

1. Com 10 gravações
 - a) Orlando Dias
2. Com 9 gravações
 - a) Jorge Goulart
3. Com 8 gravações
 - a) Noite Ilustrada
 - b) Lúcio Alves
4. Com 6 gravações
 - a) José Messias
 - b) Osvaldo Nunes
 - c) Dircinha Batista
5. Com 5 gravações
 - a) Quatro Ases e Um Coringa
6. Com 4 gravações
 - a) Linda Batista
 - b) Os Cariocas
 - c) Nora Ney
7. Com 3 gravações
 - a) Jararaca e Ratinho
8. Com duas gravações
 - a) Alaíde Costa
 - b) Leni Andrade
 - c) Silvío Caldas
 - d) Claudete Soares
 - d) Helena de Lima
 - f) Eliana Pittman
 - g) Carmélia Alves
9. Com uma gravação
 - a) Araci de Almeida

NOTAS

- * Dispensamo-nos de tecer comentários sobre os compositores nacionais aqui relacionados por dois motivos: primeiro, por que são nomes conhecidíssimos dos amantes da música popular brasileira, alguns deles ainda vivos; segundo, porque tal comentário se situaria no campo da História da Música Popular Brasileira, escapando ao âmbito do presente trabalho.
- ** Pernambucano radicado no Rio.
- *** Pernambucano, passou parte da década de '50 e '60 no Rio.
- **** Sobre os intérpretes nacionais, vale o exposto na nota*.

CAPÍTULO III

VEICULAÇÃO E PÚBLICO DA SÉRIE 15.000

Em suas origens brasileiras, a indústria fonográfica esteve ligada ao teatro musicado, às operetas, às obras dos "pianeiros"⁽¹⁾, tão ao gosto da sociedade ao início do século XX. Nestes espetáculos e antes das sessões de cinema, melodias do agrado popular eram veiculadas; as que obtinham maior repercussão eram gravadas para serem vendidas e ouvidas nas residências privilegiadas, possuidoras do gramofone. Com o advento do rádio e sua popularização na década de '30, o teatro musicado entrou em decadência; o cinema falou do dispensou os "pianeiros" e a veiculação das novidades musicais passou a ser feita nos programas de auditório⁽²⁾ - onde grandes nomes da MPB seriam revelados, tanto no campo da interpretação como da composição - e aqui a história da discografia brasileira quase se confunde com a história do rádio e ambas quase se fundem com a expansão do cinema nacional (a Vera Cruz e a Atlântida)⁽³⁾. Desta maneira, o consumo do disco era estimulado pelo rádio e pelo cinema⁽⁴⁾, fato que se ampliou nas décadas de '40 e '50; não bastava fabricar o disco: era preciso difundí-lo nos meios de comunicação apropriados e a radiodifusão ao lado do cinema representaram o veículo por excelência para a divulgação do produto fonográfico. A televisão ainda engatinhava no Brasil como um todo⁽⁵⁾ e, nos anos cinquenta, nem existia no Nordeste⁽⁶⁾; mesmo no sudeste, era um veículo incapaz de influenciar a grande massa pelo tempo limitado de programação e o alto custo de um televisor para o grande público. Enquanto isto, uma entrada de cinema e um aparelho de rádio (comprado a prestação) eram acessíveis a uma camada maior da população⁽⁷⁾; o preço de um disco 78 r.p.m não onerava a renda da classe média urbana⁽⁸⁾. A soma destes fatores - rádio e cinema como diversões acessíveis; preços acessíveis do disco 78 r.p.m e do radioreceptor - viabilizaram o projeto regionalista da Rozenblit, notadamente que a radiodifusão em Pernambuco também se integrava no projeto desenvolvimentista regionalista,

em especial na Empresa Jornal do Comercio⁽⁹⁾. Na década de '50, o regionalismo foi exaltado internacionalmente com a premiação do filme "O Cangaceiro"; ao início dos anos sessenta, vem a láurea para "O Pagador de Promessas"⁽¹⁰⁾; as músicas veiculadas por estes filmes, em especial as de "O Cangaceiro", eram a exaltação do regionalismo no que ele tinha de mais puro e mais autêntico; imitá-lo, reproduzi-lo, repeti-lo era o caminho para o reconhecimento internacional. Cria-se o mecanismo inconsciente do "patriotismo regionalista", a valorização das raízes, a exaltação da cultura popular pura, ingênua - idéias usadas tanto pelos intelectuais de direita como de esquerda à época; justificando a manutenção da miséria como produtora de cultura autêntica ou vendo na arte popular a fonte da revolução proletária. Dentro deste debate, a MPB teve enorme desenvolvimento; a música regional nordestina cresceu; a Rozenblit surgiu.

Mas quem ouvia rádio em Pernambuco? Quantas eram as horas de programação? Que tipo de música era veiculada em nossas emissoras de rádio? Apesar de nosso trabalho abranger a fase áurea da produção do disco 78 r.p.m. na Rozenblit (1953-1964), não existem dados estatísticos sobre todos os anos; o Anuário Estatístico do I.B.G.E. registra informações sobre a radiodifusão no Brasil relevantes para o nosso trabalho apenas nos anos 1957, 1958 e 1959⁽¹¹⁾; não por acaso anos áureos para a Rozenblit. Ora, o trabalho todo abrange a produção de nove anos (1953-1964) e os dados que dispomos equivalem a uma amostragem correspondente a um terço (três anos, 1957, 1958, 1959), bem superior ao que trabalham comumente os estatísticos; além disto, os três anos do Anuário correspondem a 25% das gravações fonográficas da Rozenblit feitas em 78 r.p.m. Matematicamente portanto, os dados estão próximos do que chamaríamos de modelo ideal.

Em 1958, Pernambuco possuía 19 emissoras de rádio comercial, sendo 11 na capital (60% do total) com 52.703 horas de programação (23.151 horas na capital, 43% do total de irradiação). Estas emissoras empregavam pessoal numeroso e especializado (737 pes

em especial na Empresa Jornal do Commercio⁽⁹⁾. Na década de '50, o regionalismo foi exaltado internacionalmente com a premiação do filme "O Cangaceiro"; ao início dos anos sessenta, vem a láurea para "O Pagador de Promessas"⁽¹⁰⁾; as músicas veiculadas por estes filmes, em especial as de "O Cangaceiro", eram a exaltação do regionalismo no que ele tinha de mais puro e mais autêntico; imitá-lo, reproduzi-lo, repeti-lo era o caminho para o reconhecimento internacional. Cria-se o mecanismo inconsciente do "patriotismo regionalista", a valorização das raízes, a exaltação da cultura popular pura, ingênua - idéias usadas tanto pelos intelectuais de direita como de esquerda à época; justificando a manutenção da miséria como produtora de cultura autêntica ou vendo na arte popular a fonte da revolução proletária. Dentro deste debate, a MPB teve enorme desenvolvimento; a música regional nordestina cresceu; a Rozenblit surgiu.

Mas quem ouvia rádio em Pernambuco? Quantas eram as horas de programação? Que tipo de música era veiculada em nossas emissoras de rádio? Apesar de nosso trabalho abranger a fase áurea da produção do disco 78 r.p.m. na Rozenblit (1953-1964), não existem dados estatísticos sobre todos os anos; o Anuário Estatístico do I.B.G.E. registra informações sobre a radiodifusão no Brasil relevantes para o nosso trabalho apenas nos anos 1957, 1958 e 1959⁽¹¹⁾; não por acaso anos áureos para a Rozenblit. Ora, o trabalho todo abrange a produção de nove anos (1953-1964) e os dados que dispomos equivalem a uma amostragem correspondente a um terço (três anos, 1957, 1958, 1959), bem superior ao que trabalham comumente os estatísticos; além disto, os três anos do Anuário correspondem a 25% das gravações fonográficas da Rozenblit feitas em 78 r.p.m. Matematicamente portanto, os dados estão próximos do que chamaríamos de modelo ideal.

Em 1958, Pernambuco possuía 19 emissoras de rádio comercial, sendo 11 na capital (60% do total) com 52.703 horas de programação (23.151 horas na capital, 43% do total de irradiação). Estas emissoras empregavam pessoal numeroso e especializado (737 pes

soas em Pernambuco, 419 no Recife); contando-se apenas cantores e músicos, tínhamos 73 cantores (53 na capital) e 90 músicos (57 no Recife), num total de 163 funcionários ligados diretamente à música (22% da mão-de-obra empregada pelas rádios comerciais). Do total de horas da mão-de-obra empregada pelas rádios comerciais). Do total de horas de irradiação (52.703), 16.085 eram para a veiculação de música popular e folclórica; sendo 23.151 horas no Recife, dos quais 5.341 de MPB, equivalendo a 15% (no Estado) e 11% (na capital) do tempo dedicado à música nacional e regional. O restante das horas de irradiação (36.618 no Estado; 17.810 na capital) era usados na veiculação de música clássica e ligeira; música estrangeira, radioteatro; programas infanto-juvenis, humorísticos e de auditório (onde se divulgam os sucessos musicais); e claro, os intervalos comerciais. Os efetivos das discotecas das 19 emissoras somavam 97.545 discos, entre 78 r.p.m., 45 r.p.m., (12) LPs de 10 e 12 polegadas com 33 r.p.m.; as 11 emissoras do Recife possuíam 58.222, 58% do total, em média 5.134 discos para cada uma. Em 1958, a Rozenblit lançou 48 discos em 78 r.p.m. (13) com tiragem média de 3.000 unidades para cada disco; quinhentas cópias fora da tiragem eram entregues para divulgação nas emissoras de rádio entre músicos, intérpretes e nas lojas de discos. (14)

Das 96 gravações (48 discos dupla face) realizadas em 1958 (15), 60% foram de música popular brasileira, 11% de frevos e 8% de gêneros nordestinos; considerando-se apenas as gravações de MPB (60% = 100), a participação do frevo sobe para 18% e dos gêneros nordestinos para 14%. Se cada emissora de rádio recebesse neste ano em tela cinco unidades de cada disco lançado (5 x 48), teria em sua discoteca (5.134 discos para cada emissora) 240 discos de 78 r.p.m. gravados na Rozenblit, quase 5% do acervo. O número é significativo: primeiro porque só estamos considerando as gravações em 78 r.p.m., enquanto o acervo das discotecas se compunha de discos com 45 r.p.m. e LPs de 10 e 12 polegadas, 33 r.p.m.; segundo, porque a produção das 7 fábricas existentes à época foi de 15.112.519 unidades (16) (de todos e tipos e rotações, com música nacional e estran-

geira), enquanto a Rozenblit produziu \pm 144.000 unidades (48 x 3.000 cópias), quase 1% da produção nacional só em 78 r.p.m. Não admira que a fábrica pernambucana possuísse filiais no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul⁽¹⁷⁾; os números citados acima justificam a importância do empreendimento para a história da indústria fonográfica brasileira⁽¹⁸⁾. Em tempo: se houve sucessos nacionais gravados pela Rozenblit em 1958, o número de cópias prensadas ultrapassou as 144.000 unidades⁽¹⁹⁾.

Os discos entregues para a divulgação nas emissoras seriam tocados ao menos uma vez. Voltemos aos números. Se as 19 emissoras pernambucanas tiveram juntas 52.703 horas de programação anual, cada uma teve \pm 8 horas diárias das quais (já vimos acima) 15% para a veiculação de música popular e folclórica, o que dá 36 minutos diários. Em 1958, a Rozenblit realizou 96 gravações (48 discos) em 78 r.p.m., oito gravações (4 discos) por mês, em média⁽²⁰⁾. Imaginando que cada gravação tivesse três minutos de duração e só tocasse uma vez por dia, teríamos vinte e quatro minutos diários de programação musical só com discos em 78 r.p.m. fabricados pela Rozenblit! Certamente isto não acontecia, apesar da frieza insofismável dos números: os discos não eram lançados de uma vez, nem todos se destinavam ao público pernambucano (Rozenblit servia ao Norte/Nordeste brasileiro), não tocavam todos os dias (os vários gêneros musicais se distribuíam em programas direcionados para um determinado público) e nem todos viravam sucesso (saindo rápido da programação das emissoras); certamente, a Rozenblit não dominava 66% da programação. Reduzindo tal percentual à metade, teremos doze minutos diários (4 discos x 3 minutos, tocados uma só vez) e uma participação de 33% na programação das emissoras pernambucanas e aqui a frieza dos números dá um terço do mercado local para a Rozenblit, contando-se apenas as gravações em 78 r.p.m.; longe de representar tão somente uma vitória, tal quadro prenunciava a crise: quanto mais se expandia em seu projeto regionalista, mais a Rozenblit se distanciava do projeto desenvolvimentista - nacionalista tecendo, com o cuidado das rendeiras,

sua própria mortalha. É claro (e já vimos isto)⁽²¹⁾ que outras causas se somariam à raiz da crise: os festivais nacionais de música popular; o avanço da televisão e o uso do video-teipe; a fusão de ritmos urbanos e rurais com a Tropicália; os interesses da indústria fonográfica multinacional no mercado brasileiro; a ideologia desenvolvimentista - integradora, característica do golpe de 1964, notadamente na fase do "milagre econômico" (1969-1974), favorecendo o capital estrangeiro em detrimento da empresa nacional; por fim, os cataclismos naturais, as cheias do Capibaribe que sepultaram com água e lama as esperanças de sobrevivência da indústria fonográfica Rozenblit.

Dominando 33% do mercado de veiculação de discos - pela matemática mais severa - qual o público comprador dos 78 r.p.m. da série 15.000? Os gêneros musicais gravados nesta série analisam, em primeiro lugar, para um público que gostava de música nacional (de 1120 gravações, apenas 26 delas em língua estrangeira, 2% do total) gostava de samba (210 gravações), de frevo (170 gravações), de samba-canção (77 gravações) de marcha carnavalesca (64 gravações), de música junina (128 gravações); em segundo lugar, para um público que gostava de música regional (298 gravações, 25% do total); em terceiro lugar, para um público pernambucano (170 gravações de frevo, 15% do total). Não é preciso muita sociologia para definir o perfil classista deste público: estamos falando em ouvintes potenciais de todos os possuidores de um aparelho de rádio e compradores potenciais de discos entre aqueles possuidores de toca-discos. Em 1958⁽²²⁾, o custo de aparelho de rádio era de Cr\$ 5.427,00 (preço da época); o custo de um disco 78 rpm Cr\$ 0,28; o de uma vitrola importada Cr\$ 19.769,88; o salário mínimo era de 2.700,00. Um aparelho de rádio era quase o dobro do salário básico; um disco 78 rpm, \pm 1% deste salário; e uma vitrola 7 vezes mais. É claro que o trabalhador assalariado pelo mínimo não era o consumidor-padrão do produto fonográfico nem mesmo ouvinte privilegiado da programação radiofônica ou feliz possuidor de um toca discos. Todavia, se voltarmos nossa análise para a classe média brasileira, público-alvo da industrialização no

pós-guerra, aquela classe com um nível de renda entre 10 a 20 salários mínimos (Cr\$ 27.000,00/54.000,00 em 1958) e com acesso ao crediário das lojas revendedoras de aparelhos elétricos para uso doméstico; a classe média suscetível ao discurso desenvolvimentista e regionalista vigente nos discursos políticos veiculados pelo cinema (as "chanchadas" da Atlântida), pelos comerciais das emissoras de rádio, pelas revistas semanais ("O Cruzeiro"), pelo Slogan "50 anos em 5" da administração JK; pela fabricação de aparelhos de rádio e de vitrolas no Brasil, barateando o preço; enfim por este conjunto de transformações que incentivava o consumo de bens duráveis pela classe média, aí teremos o público consumidor do produto fonográfico fabricado pela Rozenblit.

Não é preciso muita matemática para perceber que a classe média pernambucana tinha acesso a tais bens descritos acima: Rozenblit não iria produzir em 1958 144.000 unidades de discos a um custo de Cr\$ 0,28 para ninguém comprar ou para um segmento social sem rádio nem vitrola! Além disto, desde o ano de fundação (1953) até os meados da década de '60, a Rozenblit ampliava sua produção anual, sinal evidente de punjança, de saúde financeira, de crescimento econômico. A mesma classe média que, após o golpe de 1964, irá se deslumbrar com o "milagre econômico", com a ideologia pasteurizadora da cultura nacional veiculada pelos meios de comunicação, em especial pela televisão, pela TV Globo que assumiu o discurso pasteurizador pós-golpe e o repassava homeopaticamente nas novelas, nos shows e nos noticiários, bem ao gosto da classe média brasileira. A partir daí, esgarçava-se o tecido que formara o sonho da Rozenblit: sem o público consumidor, a empresa irá lentamente desaparecer.

Notas ao Capítulo III

- (1) "Pianeiros" eram instrumentistas de excelente nível técnico, de formação erudita, muitos deles compositores, cujas obras populares - de excelente qualidade musical - agradavam o grande público sendo então divulgadas pelas editoras musicais e pelo disco. Ernesto Nazareth foi um destes "pianeiros".
- (2) O "Programa César de Alencar" foi o mais famoso programa de auditório do rádio brasileiro. Destacam-se também "Ritmos da Parnair", "Alvorada da Alegria", "Programa de Calouros", "Hora do Parto", "A Felicidade Bate À Sua Porta", entre outros.
- (3) Foram as duas grandes produtoras cinematográficas brasileiras cujos filmes fizeram enorme sucesso no país e no exterior. A Atlântida ficou conhecida pela produção de "Chanchadas", filme musical, lançador de grandes sucessos carnavalescos.
- (4) É claro que o cinema americano e, em menor escala, o cinema europeu, também influenciavam a música veiculada nas emissoras de rádio.
- (5) A TV no Brasil foi inaugurada a 18 de setembro de 1950 com o nome de PRF 3 TV Tupi.
- (6) Só em junho de 1960 foram inauguradas a TV Jornal do Commercio e a TV Rádio Clube.
- (7) Em 1958, um aparelho de rádio custava Cr\$ 5.427,00.
- (8) Um disco custava em 1958 Cr\$ 0,28. O salário mínimo Cr\$ entre 10 a 20 salários mínimos.
- (9) "Pernambuco falando para o mundo" era o slogan ufanista/regionalista da Rádio Jornal do Commercio, a primeira de um império regional jornalístico-teleradiofônico de propriedade de F.Pes-soa de Queiroz. Os jornais, as emissoras de rádio e a TV foram grandes veiculadores da cultura regional entre 1950-1970.
- (10) "O Cangaceiro", de 1953, venceu a categoria de melhor filme de aventuras do festival de Cannes. O filme popularizou as toadas

"Mulher Rendeira" e "Sodade, meu bem", ambas do paraibano Zé do Norte.

- (11) Todos os dados neste capítulo foram extraídos do Anuário Estatístico do IBGE dos anos 1950, 1957, 1958, 1959 e 1960.
- (12) Os discos com 45 r.p.m. foram produzidos em menor quantidade que os de outras notações, no Brasil. Foi mais comum na Europa, em França principalmente.
- (13) Santos, Alcino; Barbalho, Gracio; Severiano, Jairo; e Azevedo, M.A de (Nirez): "Discografia Brasileira 78 RPM", FUNARTE, vol 5, p. 306 a 345. Ver também as pp 62 a 100 desta dissertação.
- (14) Entrevista com José Rozenblit.
- (15) Santos, Alcino op. cit.
- (16) Anuário Estatístico op. cit.
- (17) Entrevista com José Rozenblit.
- (18) Em "Discografia Brasileira" já citada diz-se textualmente na p. 345: "A Mocambo (Fábrica de Discos Rozenblit Ltda.), localizada em Recife, é a única grande gravadora brasileira fora do eixo Rio - São Paulo".
- (19) Foram sucessos de 1958 que ultrapassaram as 3.000 cópias, entre outros: "Evocação nº 2" (15.209); hinos comemorativos à conquista da taça Jules Rimet (15.228); "Serenó" (15.233), sucesso nacional na voz de Paulo Molin; "Bloco da Vitória" (15.246).
- (20) Das 96 gravações, 58 (60%) eram de gêneros nacionais, 10 (11%) de frevos e 7 (8%) de gêneros regionais.
- (21) Ver parte III, Cap. III, p 55 a 57.
- (22) Anuário Estatístico op. cit.

Clio não mais pergunta; Mnemósines se cala. A trama que tece um país, nesta parte, está concluída: a fábrica de discos Rozenblit, na sua produção musical em 78 r.p.m., retorna pelas mãos mágicas da História do passado ao presente. A vetusta dama morta tem agora uma pavana para perpetuar-lhe a memória.

Dizer da importância que teve a Rozenblit no cenário fonográfico nacional é reler o presente trabalho: ao longo do que escrevemos, sinalizou-se esta importância, sobretudo no aspecto cultural. Não é demais, entretanto, reforçar certos aspectos indispensáveis ao nosso ver; retomá-los de forma mais simples, sem mais recorrer a gráficos e dados percentuais, exhaustivamente já vistos nos capítulos anteriores.

A fábrica de discos Rozenblit não foi um fenômeno isolado: sua existência histórica faz parte de um fato maior, o discurso desenvolvimentista nacional do pós-guerra (1946-1964)⁽¹⁾ cujas raízes vemos nascer nos dois últimos decênios da República. Vejamos as raízes: o salto para a industrialização se dará por conta das políticas incentivadoras nas áreas de siderurgia, construção de hidrelétricas, do crescimento urbano em geral e da indústria petroquímica. Vargas e JK foram os grandes incentivadores deste discurso e realizados concretos de parte dele; o discurso desenvolvimentista nacional atinge também o Nordeste, em especial, com a criação da SUDENE. Por outro lado, as políticas desenvolvimentistas privilegiavam o centro-sul⁽³⁾ de formar a transformar qualquer investimento nordestino em empreendimento de alto risco, apesar das promessas redentoristas e salvacionistas quando da criação da SUDENE.

A Rozenblit também se enquadrava no discurso regionalista do pós-guerra, cujas raízes teóricas se prendem ao "Manifesto Regionalista" de 1926, à "Casa Grande e Senzala" e "Sobrados e Mocambos"⁽⁴⁾ e se consolidam no Congresso de Salvação do Nordeste e a posterior criação da SUDENE. Este discurso regionalista, quase um patriotismo nordestino, foi a tônica de todas as ações políticas da década de '50 em Pernambuco⁽⁵⁾; não é preciso um raciocínio com-

plexo para perceber isto: a produção fonográfica da Rozenblit privilegiava a música regional e pernambucana⁽⁶⁾, além da música brasileira. A criação da Rozenblit está associada a eventos econômicos, políticos e culturais sintonizados com o discurso desenvolvimentista/regionalista: criação da PETROBRÁS, ELETROBRÁS, hidrelétrica de Paulo Afonso, construção de Brasília, surgimento do parque automobilístico, expansão da indústria de bens de consumo duráveis, prêmios internacionais para o cinema brasileiro, surgimento da bossa-nova, expansão do rádio e implantação da TV, valorização da cultura popular regional (o mestre Vitalino de Caruaru, a ida do bloco carnavalesco Inocentes do Rosarinho para a França) e (por que não?) à vitória do Brasil no campeonato mundial de futebol na Suécia, conquistando a taça Jules Rimet. O compromisso da Rozenblit com a música nacional e regional confirma-se nos índices de sua produção fonográfica: 60% de música nacional e deste percentual 25% de música regional⁽⁷⁾. Se considerarmos apenas as gravações nacionais, o frevo aparece com 25% do total nacional; confirmando, com a frieza dos números, a vocação de pernambucanidade da fábrica!

A veiculação dos discos Rozenblit se fazia através das emissoras de rádio e, ao início dos anos 60, também na televisão, veículos estes também ligados ao projeto desenvolvimentista-regionalista que envolvia a ideologia do empresariado e da classe média pernambucana e nordestina⁽⁸⁾. E foi desta classe média que saíram os frutos musicais da Rozenblit, os herdeiros da cultura nordestina gerada pela fábrica⁽⁹⁾, lembrados na introdução deste trabalho; geração que vem mantendo acesa a chama deste regionalismo, como que perpetuando (Mnemósines) a memória dos fatos (Clio) que a ação dos homens (História) por vezes esquece, deixando que o acaso do destino (Parcas) interfira na liberdade de se construir um mundo de festa, trabalho e pão. "Adeus, adeus minha gente que já cantamos bastante. E Recife adormecia, ficava a sonhar ao som da triste melodia"...⁽¹⁰⁾

Notas à Conclusão

- (1) Carone, Edgar (org): "Evolução industrial do Brasil e outros estudos" SP, Ed. Nacional, p. 52.
- (2) Furtado, Celso: "Formação econômica do Brasil", SP, Ed. Nacional 1977, p. 32 a 38.
- (3) Cardoso, Fernando Henrique: "Teoria da dependência ou análises concretas de situações de dependência", Estudos CEBRAP nº 1, SP, 1971, p. 30.
- (4) Todas obras de Gilberto Freyre. A influência deste pensador, dentro da conceituação de regionalismo e pernambucanidade, é enorme.
- (5) Ver parte 2, cap I e II, em especial p. 41 e 55.
- (6) Ver tabelas percentuais p. 106.
- (7) Idem, ibidem.
- (8) Ver parte 4, cap III p. 109 e ss.
- (9) Alceu, Elba, o pessoal do Quinteto e da Banda de Pau e Corda, Geraldo Azevedo e muitos outros vieram da classe média urbana e concluíram curso universitário, em geral Direito.
- (10) Versos finais da "Evocação nº 1" de Nelson Ferreira (15.142).

Bibliografia

1. Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Marcos C.C. de e NICOL, Robert: "Economia agrícola: setor primário e a evolução da economia brasileira, SP, Mc Graw Hill, 1987.
- ALMEIDA SANTOS, Mário Marcio de: "Noções de Metodologia" Recife, ed. partic., 1991.
- APPY, Robert: "Capital estrangeiro e Brasil (um dossiê)", RJ, José Olympio, 1987.
- BANDEIRA, Moniz: "Presença dos Estados Unidos no Brasil, RJ, Civilização Brasileira, 1973.
- BASBAUM, Leôncio: "História sincera da República", SP, Fulgor, 1968.
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita: "O governo Kubitschek - Desenvolvimento econômico e estabilidade política, RJ, Paz e Terra, 1976.
- BRESSER PEREIRA, Luís Carlos: "Desenvolvimento e crise no Brasil (1930-1983)", SP, Brasiliense, 1987.
- -----: "Economia brasileira: introdução crítica", SP, Brasiliense, 1982.
- CAMARGO, Aspásia de Alcântara: "A questão agrária: crise de poder e reformas de base (1930-1964)" in História Geral da Civilização Brasileira RJ, Difel, 1975.
- CAMPANHOLE, Adriano e CAMPANHOLE, Hilton Lobo: "Constituições do Brasil", SP, Atlas, 1983.
- CARDOSO, Fernando Henrique: "Teoria da dependência ou análises de situações concretas de dependência", Estudos DEBRAP nº 1, SP, 1971.
- ----- e FALLETO, Enzo: "Dependência e desenvolvimento na América Latina", RJ, Zahar, 1970.
- CARONE, Edgar: "A República Velha - instituições e classes Sociais", SP, Difel, 1972.
- -----: "A Segunda República", SP, Difusão Européia do Livro, 1974.
- -----: "O PCB", SP, Difel, 1982.
- CASTRO, Josué: "Sete palmas e um caixão", SP, Brasiliense, 1967.
- -----: "Documentário do Nordeste, SP, Brasiliense, 1965.
- CHAVES, Dulce Pandolfi: "Pernambuco de Agamenon Magalhães", Recife, Massangana, 1984.
- COHN, Gabriel (org): "Comunicação e indústria cultural", SP, Nacional/USP, 1971.
- COSTA, Emília Viotti da: "Da monarquia à república: momentos decisivos", SP, Grijalbo, 1977.

- COSTA PINTO, L.A.: "Sociologia e Desenvolvimento", RJ, Civilização Brasileira, 1963.
- COSTA PORTO: "Os tempos da República Velha", Recife, FUNDARPE, Coleção Pernambucana, 1986.
- : "Os tempos de Rosa e Silva", Recife UFPe., 1970.
- ECO, Umberto: "A estrutura ausente", SP, Perspectiva, 1976.
- EISENBERG, Peter: "A velha usina - modernização sem mudança", RJ, Paz e Terra, 1976.
- FAORO, Raymundo: "Os donos do poder", RJ, Globo, 1987, 2v.
- FAUSTO, Bóris: "A Revolução de '30", SP, Brasiliense, 1970.
- FREYRE, Gilberto de Mello: "Manifesto Regionalista de 1926", edição modificada, Recife, IJNPS, 1952.
- : "Sobrados e mocambos" RJ, José Olympio, 1961.
- FURTADO, Celso: "Formação econômica do Brasil", SP, Nacional, 1977.
- : "O mito do desenvolvimento econômico", RJ, Paz e Terra, 1974.
- : "Dialética do desenvolvimento", RJ, Fundo de Cultura, 1964.
- : "Uma política de desenvolvimento para o Nordeste", RJ, Imprensa Oficial, 1959.
- GRAMSCI, Antônio: "Observações sobre alguns aspectos do estatuto dos partidos políticos nos períodos de crise orgânica", in Obras escolhidas, SP, Martins Fontes, 1978.
- IANNI, Octavio: "Estado e planejamento econômico no Brasil", RJ, Civilização Brasileira, 1986.
- JAGUARIBE, Hélio: "Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)", RJ, Civilização Brasileira, 1971.
- LAGNEAU, G.: "A Sociologia da publicidade", SP, Cultrix, 1981.
- LEAL, Suely Maria Ribeiro: "Nordeste: espaço e acumulação capitalista", dissertação para a obtenção do grau de mestrado, Mestrado em Desenvolvimento Urbano, UFPE, 1986, mimeo.
- LEVINE, Roberto M.: "A Velha Usina - Pernambuco na federação brasileira (1989-1937)", trad. Raul José de Sá Barbosa, RJ, Paz e Terra, 1980.
- LIMA, Heitor Ferreira: "História político-econômica e industrial do Brasil", SP, Nacional, 1970.
- MELO, Mário Lacerda de: "Metropolização e Subdesenvolvimento (o caso do Recife)", CFCH - Depto. de geografia, UFPe., 1978.
- MENEZES, Djacir: "O outro Nordeste", RJ, José Olympio, 1937.
- MOTTA, Carlos Guilherme: "Ideologia da Cultura Brasileira", SP, ÁTICA, 1985.
- : (org): "Brasil em perspectiva" SP, Difel, 1971.

- NAVARRO, Caio: "ISEB: Fábrica de Ideologia", SP, Ática, 1977.
- OLIVEIRA, Francisco de: "Elegia para uma re(li)gião", RJ, Paz e Terra, 1977.
- : "Economia brasileira: crítica à razão dualista", SP, Brasiliense, 1975.
- PINTO FERREIRA, Luís: "Capitais estrangeiros e dívida externa do Brasil", SP, Brasiliense, 1965.
- PRADO JR., Caio: "História econômica do Brasil" SP, Brasiliense, 1974.
- : "Formação do Brasil Contemporâneo", SP, Brasiliense, 1973.
- RIBEIRO, João: "História do Brasil para o curso superior", RJ, Francisco Alves, 1960.
- SAES, Décio A.M.: "Classe média e política no Brasil (1930-1964)" in História Geral da Civilização, RJ, Difel, 1975.
- SALDANHA, Nelson: "Regionalismo em Ciência Social: o caso Nordeste", separata do IJNPS/MEC nºs 16 e 17, Recife, 1969.
- SANTOS, Aleixo; BARBALHO, Gracio; SEVERIANO, Jairo e AZEVEDO, M. A. de (Nirez): "Discografia brasileira 78 RPM, FUNARTE, sd,5v.
- SANTOS, Theotônio dos: "Conceito de classes sociais" Trad. Orlando dos Reis, RJ, Vozes, 1985.
- SINGER, Paul: "A crise do milagre", RJ, Paz e Terra, 1985.
- : "Economia política da Urbanização", SP, Brasiliense, 1975.
- : "Desenvolvimento econômico e evolução urbana", SP, Nacional, 1974.
- SKIDMORE, Thomas: "Brasil: de Getúlio a Castelo", RJ, Saga, 1969.
- SOARES E SILVA, Edmundo Macedo: "Indústria de automóveis no Brasil", Confederação Nacional do Comércio, s/d.
- SODRÉ, Nelson Werneck: "História da burguesia brasileira", RJ, Civilização Brasileira, 1967.
- : "História militar do Brasil", RJ, Civilização Brasileira, 1968.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello de: "Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)", SP, Alfa Ômega, 1976.
- TEIXEIRA, Francisco M.P, e TOTINI, Maria Elizabeth: "História econômica e administrativa do Brasil", SP, Ática, 1989.
- VARGAS, Getúlio: "O governo trabalhista no Brasil", Vol 4, RJ, José Olympio, 1969.
- VITOR, Mário: "Cinco anos que abalaram o Brasil", RJ, Civilização Brasileira, 1965.
- WEFFORT, Francisco: "O populismo na política brasileira", RJ, Paz e Terra, 1978.

2. Documentos impressos

- Legislação do Petróleo, edição do Conselho Nacional do Petróleo, 1938.
- DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO: 1937, 1946, 1953, 1957, 1959 a 1961.
- DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL 1953, 1957 a 1964.
- DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO: 1937 a 1944; 1951 a 1952; 1957 a 1964.
- I PLANO DIRETOR DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DO NORDESTE 1961-1963, Recife, SUDENE, 1966.
- II PLANO DIRETOR DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DO NORDESTE, Recife, SUDENE, 1986.
- SUDENE: processo 2.137/66, parecer DI-254/68.
- INCENTIVOS FISCAIS e FINANCEIROS PARA O NORDESTE, MINTER/SUDENE, Depto. de Industrialização, 1959.
- CARTA DE SALVAÇÃO DO NORDESTE E RESOLUÇÕES FINAIS, Imprensa Oficial, Recife, 1955.

3. Periódicos

- Jornal do Brasil: 1961, 1977, 1978
- A Hora: 1963
- Estado de São Paulo: 1963, 1978
- Diário da Noite: 1978
- Correio da Manhã: 1902, 1961, 1963, 1972
- Jornal do Commercio: 1977, 1978
- Gazeta Mercantil: 1978

4. Obras gerais

- Anuário Estatístico do IBGE: 1950, 1957 a 1960
- "História da Música Popular Brasileira", Abril, 1982.
- "Nosso Século", Abril, 1980
- "100 anos de Propaganda", Abril, s/d.
- "História do Cinema Brasileiro", Fernão Ramos (Org)., SP, Art. Ed. Ltda, 1987.

DOAÇÃO BC / Piu Mesa

ENTIDADE. -

VALOR ~~CR\$~~ 500,00

DATA 17/01/94